ROLLING STONE

DEEP PURPLE

Cinco simpáticos gentlemen - Ian Gillan, Jan Paice, Roger Glover, Jon Lord e Ritchie Blackmore - eram as atrações mais importantes daquelas noites de sexta e sábado, 30 de junho e 1º de julho. No Rainbow Theatre, em Finsbury Park, London. Como conjunto-suporte, um grupo novo, Silverhead, produzido pelo Mr. Gillan citado acima. Sim, estavam reabrindo novamente o grande teatro.

Não posso compreender como um lugar tão bom para se tocar como o Rainbow seja fechado e permane[ce] meses sem apresentar concertos. O lugar é magnífico. Com capacidade para cerca de cinco mil pessoas [em] um cenário extraído das mil e uma noites. E tem o mais amplo palco que vi.

Os concertos e **shows** começam cedo em Londres. As sete horas de uma de sexta-feira, já me encontrava no centro do grande recinto, observando a ambientação. Camelôs vendendo discos e **posters**, quiosques de **hot dogs**, bar para bebidas alcoólicas e não-alcoólicas, e no fundo a sala de espetáculos. Silverhead é um conj[unto] em franca ascensão, já tendo [gra]ve produzido seu primeiro álbum. [Após] a apresentação de cinqüenta minutos aproximadamente, o intervalo [de] mais ou menos alguns minutos, um mestre [de] cerimônias anunciou que a grande atração estaria em breve no palco, para alegria de todos". Quando Deep Purple surgiu, o teatro veio abaixo com a gritaria e os aplausos da gurizada, grande maioria presente. Para receber os valeiros de Gillan.

Foram duas grandes horas. Apresentaram sucessivamente os três últimos álbuns que os caracterizam como o conjunto que são, atualmente — o grupo sofreu transformações desde que foi fundado por Blackmore-Lord-Paice.

Eu tinha conseguido um lugar excelente na platéia, num ponto onde o andamento do **shows** haveria de aproximado das primeiras fileiras e por ali ficaria. Consegui [fi]car bem suficiente do palco [para] sentir as vibrações e reflexos do conjunto tocando e fotografei minhas impressões. Há conjuntos de **rock** [cujas] gravações não conseguem captar e transpor a excitação das apresentações ao vivo e por outro lado há também conjuntos cujo trabalho ao vivo é paralelo ao estúdio. O que acontece com Deep Purple é que trabalham com a mesma excitação que podemos nos álbuns, ao vivo, com poderoso som similar. Você sabe, tudo extremamente grandioso, atingindo [pon]tos com improvisos e seções rítmicas [que] ressalta-se visivelmente a ligação [quase] espiritual entre Jon-Ritchie-Gillan [que] são os três solistas do conjunto. Ritchie Blackmore é um malabarista com sua inseparável **Fender Stratocaster**. Em rápidas sucessões, trata a com rudeza e carinho e o efeito sonoro é fantástico. E o inconfundível som da Fender. Sua guitarra possui diferentes modulações de ataque para cada solo e [ou] riffs gostosos pelo **background** de Paice e Glover. Olhos atentos, os [dois] são virtuosos. Ritchie e Jon [fazem] o improviso instrumental, [típico] do rock progressivo. Ian Gillan canta bem pra caralho e bonito. Possui voz clara e alto registro que lhe permite ascender a tons de **falsetto**, o que realmente é muito bonito vê-lo solar canções como **Child in Time**, do álbum **Deep Purple In Rock**. Além de todos os vocais, Gillan toca tumbadoras. E harmônica em **Space Trackin!**

Num longo solo de bateria, Ian Paice [mos]trou de sua graça, tocando sozinho no palco. Seu companheiro de cozinha rítmica, Roger Glover, é quieto e competente, tocando um **Rickenbaker Bass**. Especialmente na canção **Highway Star**, seu baixo possui um som que o caracteriza. Roger usa um chapéu a la Greta Garbo:

Ouvi rumores a respeito duma possível dissolução da banda, um boato que correu na Inglaterra esses dias. Ora, eu não sei o que pensar. A meu ver, ao vivo, o grupo é muito sólido. O que poderia vir a acontecer seria uma experiência do destino de cada músico para a sua própria musicalidade. Como qualquer outro grupo, são cinco personalidades distintas, trabalhando num único projeto. O conjunto recentemente sofreu um desastre em Montreaux, na Suiça, onde viram seu estúdio em chamas durante um incêndio colossal que arrasou o edifício. Vocês já ouviram atentamente **Smoke in the Water** (LP **Machine Head**)?

We all came to Montreaux
On the Lake Geneva Shoreline
To make records with a mobile
We didn't have much time

Frank Zappa and the Mothers
Were at the place around
But some stupid with a flame gun
Burned the place to the ground

Pois é, gravaram o álbum **Machine Head** em princípios deste ano, no **Mobile Unit** dos Rolling Stones.

No dia seguinte à primeira noite, sábado, ainda posso afirmar que foi melhor o concerto. Devido a uma série de pequenas mudanças no andamento do programa, no dia 1º de julho houve o que eu posso chamar de total participação de todos os presentes. Gillan cantou as canções e seu sorriso era cativante. Eles estavam realmente vivendo as canções. Nós delirávamos. Após o fim do **show**, as pessoas não queriam deixá-los ir embora. Isso não. **More! More! More!** E lá estava eu, gritando a plenos pulmões. Voltaram três vezes seguidas e continuaram tocando. Apertaram a mão das pessoas invadindo o palco. Lá [fui] eu com as crianças.

Ora, ora. Se fosse possível teria ficado ali a noite inteira ouvindo aqueles caras tocarem.

ANTÔNIO JOSÉ LAFORGUE
(ZÉ DA GAITA)

ROLLING STONE

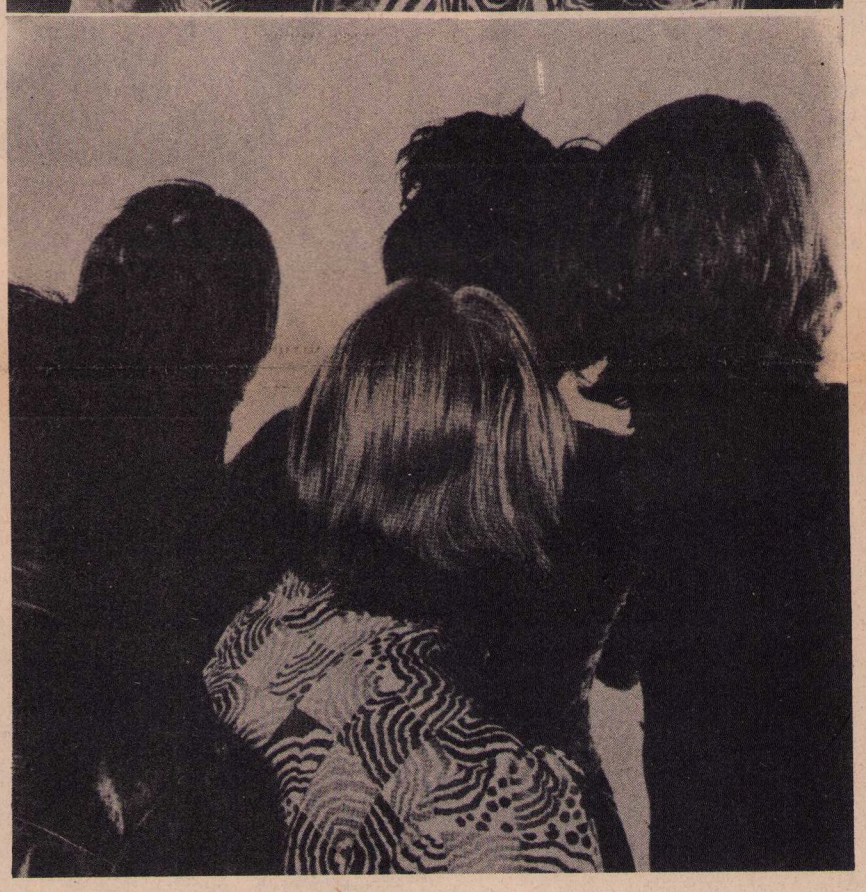
Editor Responsável: Luiz Carlos Maciel
Assistente: Ana Maria Bahiana
Diretor de Arte: Lapi
Diretor de Produção: Maurício Glatt
Redação: Ezequiel Neves, Themira de Oliveira Brito, Gabriel O'Meara, Jefferson "Dropê" Tommasi, Okkey, Suéca.
Fotografia: Geraldo Mello
Colaboradores: Joel Macedo, Sheila Shalders, Tarik de Souza, Júlio Hungria, Therezinha Russo, Jorge Mautner, Luiz Carlos Cabral, Cláudio Lysias, Carlos Alberto Sion, Rose Maria Muraro, Ernesto Bono, Carlos Marques, Maria Duhá, Sarah Blank.
Produção e Tráfego: Sandra Melo Franco, Mário Pires Monteiro, Iran Soares de Souza e Jaime Lopes Filho.
Redação: Rua Visconde de Caravelas, 73, Rio, GB — Telefone: 226-1387 — Caixa Postal nº 9036 — ZC-02.
Rolling Stone (Edição Brasileira) é publicada por Camelopard Produções Gráficas Ltda. C.G.C. 34.274.415/001. Insc. 452.694.00 — Diretores: Theodore George, Michael J. Killingbeck — Rua Visconde de Caravelas, 73 — Rio, GB. — Tel.: 226-1387.
O conteúdo de **Rolling Stone** (Edição Brasileira) inclui material **copyright** C 71/72 by Straight Arrow Publishers, Inc., São Francisco, Califórnia, EUA, e não pode ser reproduzido sob nenhuma forma, total ou parcialmente, sem permissão de Straight Arrow Publishers, Inc. Todos os direitos reservados.
The contents of Rolling Stone (Edição Brasileira) **are derived from material copyright C 1971/1972 by Straight Arrow Publishers, Inc. San Francisco, California, USA, and may not be reproduced in any manner, either in whole or in part, without specifie permission from Straigrt Arrow Publishers, Inc. All rights reserved.**
Material nacional **copyright** C by Camelopard Produções Gráficas Ltda. Todos os direitos reservados.
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal.
Publicidade: Rua Visconde de Caravelas, 73, Rio — GB. Telefone 226-1387 — Theodoro George, Michael J. Killingbeck e Holoassy Lins de Albuquerque.
Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S. A. — Rua Teodoro da Silva, 907 — Telefone: 258-4848 — Rio de Janeiro.
Papel: Companhia T. Janer Comércio e Indústria — Av. Rio Branco, 85 — 10º andar.
Impresso pela Companhia Editora Fon-Fon e Seleta — Rua Pedro Alves, 60 — Rio-GB.
Composição: Compositora Helvética, Ltda. — Rua Anibal Benévolo, 173.
Fotolitos: Estúdio Gráfico Grafolito — Rua Leandro Martins, 45 — sob.

Neste Número

Deep Purple 1
Ligadas 4
Lapi 7
Slade 11
Benares 12
Alan Watts 14
Jorge Ben 15
Black e Melodia 16
Elvira Pagã 17
Cientificismo 6666 18
Recado do Leitor 19
Horóscopo 22
Serviço 23

Rio, 5 de dezembro de 1972

EZEQUIEL NEVES



PS. Não estou entendendo nada. Mas tudo bem, tudo bem.

↑
Be careful: dobre aqui

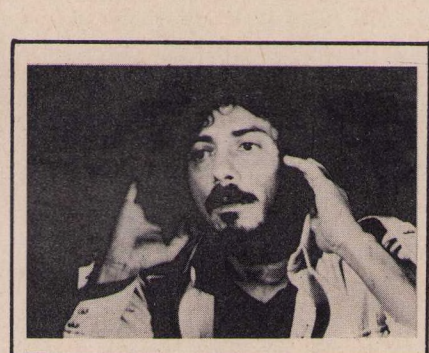
Recorte, dobre as duas partes, cole-as com um barbante no meio. Pendure o mobile, deixe o vento entrar pela janela, e veja os Stones (1967) dando um rolê.

Zeca Jagger.

TOQUE

SE O CASO É CURTIR:

TOM ZÉ



TOM ZÉ

ARTISTA EXCLUSIVO DE DISCOS CONTINENTAL

LIGADAS

Jon Hiserman

Jon Hiseman, ex-líder do Colloseum, está mandando brasa com seu novo grupo, **The Tempest.** Jon só fará apresentações na Inglaterra em março de 73. A estréia do conjunto será nos EUA, a partir de 15 de dezembro.

Já está pintando nos States o segundo LP-solo de **Lou Reed.** As faixas mais quentes são **Vicious, Walk on the Wild Side, New York Conversations** e **Andy's Chest** — esta última escrita em homenagem ao corpo de Andy Warhol. **David Bowie** produziu o discão.

Alexis Corner ("o pai do rock inglês") foi convidado para narrar na BBC (Rádio UM) a **História dos Rolling Stones,** que será transmitida em 10 programas. Korner tem muita coisa a dizer sobre os Stones. Foi com seu grupo que Mick, Keith e Charlie Watts deram os primeiros passos profissionais.

A Casa dos Maus Espíritos é o nome do show do próximo dia 4, segunda-feira, no Teatro Princesa Isabel. Eldemar de Souza, viola e cantor, mais quatro músicos na guitarra, no baixo, na percussão e na bateria estarão emitindo as vibrações positivas da noite. Eldemar e dois dos músicos que vão estrear aquela noite foram descobertos por Henrique Luís, que está assinando a coluna **Stars,** aqui na **RS.** Eles faziam parte do Massa Experiência, conjunto que estava realizando um trabalho intenso e agora começa a colher os frutos. Segundo o próprio HL, a música deles é uma transa hipnótica: quando a gente começa a ouvir, se sente como uma serpente (nada a ver com Alice Cooper) na frente do encantador, mas sem a conotação indiana, já que o trabalho deles é uma coisa bem brasileira. Eldemar é pernambucano, mas veio morar aqui há muitos anos. Sua mulher, Maria, trabalha ao lado dele, inclusive na bolação das letras (ela diz que se sente muito mais à vontade fazendo letras em inglês do que em português) e é ela quem está elocubrando uma ambientação fantástica para o palco no dia do show. Apesar de se chamar **A Casa dos Maus Espíritos —** nome de uma das músicas da apresentação — o show não tem nada de maléfico. Pelo contrário segundo o próprio Eldemar, o adjetivo **mau** aí quer dizer exatamente **bom.** Por isso, vamos estar lá na segunda-feira para incentivar esta gente nova, que surge e que vai merecer as nossas melhores vibrações, se realmente a música deles for boa, assim como se espera. Ah, sim! Um recado do HL: não peçam convites, esperem ser convidados. E, se não forem, paguem o ingresso (Cr$ 10,00), que a família é pobre e está precisando trocar sua música por um pouco de dinheiro. Aliás, o show foi montado pra isso mesmo — afinal a turma precisa viver.

Para quem não sabe, tem mais um membro da família Tom Jobim (um sobrinho) fazendo som. **Piri** é o nome dele. Além de estar no novo LP de Sérgio Ricardo, Piri o acompanha nas excursões.

Phil Seamen, segundo baterista do **Ginger Baker Airforce,** morreu em outubro, em Londres. Além de ter trabalhado com Baker, Seamen tocou na maioria dos grupos de jazz ingleses. **Rest in peace.**

John Entwhistle, baixista do The Who, acaba de gravar seu segundo LP como solista nos EUA. **Peter Frampton** está no disco cantando e tocando guitarra.

"Um bosque de árvores grossas, muito grossas e milhões de folhas infra-red. E a Banda dos Duendes Tocadores de Guisos Prateados de Emerson Lake and Palmer.

Memórias de Helena Veneno, Sue Gar Cane, Bivar Platiplanto, sons mágicos e imagens viajando".

Já está no forno um **livro-sensorial.** Fotos de todos os tempos e contos de fadas. O livro atende pelo nome de **Smiling Eyes e os Dons da Magia.** O autor é o fotógrafo brasileiro **Paulinho Klein.** A transação será produzida, possivelmente, por **Brian Thomas** — um inglês com mania de Cinderela.

A RCA Victor americana está preparando um lançamento histórico: **The Sinatra-Dorsey Collection.** Seis LPs contendo 83 faixas gravadas em 1941 e 42 com Frank Sinatra como crooner da orquestra de Tommy Dorsey.

Dia 7 de dezembro, em Newcastle, termina a temporada da **Incredible String Band** pela Inglaterra. O grupo já se apresentou em Bristol, Edinburgo, Glascow e Croydon.

Depois de **Amazing Grace** a gravadora Atlantic resolveu dar a **Aretha Franklin** tudo que é possível para que seu novo disco seja um estraçalho. Aretha não bobeou e foi logo descolando o maestro **Quincy Jones** para cuidar da produção. Ela e Jones estão que não se agüentam: não saem do estúdio Record Plant (West) há mais de uma semana.

Mais de mil pessoas ficaram de fora no concerto da Academy, em Londres, onde se apresentaram **Rory Gallagher** e **Buddy Miles.** O concerto foi no dia 11 de novembro.

O **Grateful Dead** desbundou a multidão que superlotava o Palladium de São Francisco. Tocaram durante três horas consecutivas e o mundaréu ainda queria mais.

Muita gente desbundada com o novo LP-duplo dos **Stones,** gravado durante a excursão americana. Parece que Keith Richard resolveu fazer de **Mick Taylor** o artilheiro do grupo. Mick faz solos arrasantes enquanto Keith fica em segundo plano. Quem ganha com isso, como não poderia deixar de ser, são os próprios Stones. O álbum, que conta também com **Stevie Wonder,** está totalmente estilhaçante.

Estourando na Inglaterra o álbum-duplo **The Many Sides of Rock and Roll,** com artistas americanos da época anterior aos Beatles. Olhem só a lista de big names: **Eddie Cochran, Jerry Lee Lewis, Fats Domino, Johnny and The Hurricanes, The Ventures, Frankie Avalon, Bobby Vee,** etc. etc.

Impressionante como a caretice vende discos. **Johnny Mathis** já gravou 55 (cinqüenta e cinco!!!) LPs, todos eles com vendagem superior a um milhão de dólares.

O quinto LP do **Black Sabbath** começou a ser gravado em meados de outubro. Por causa disso estão suspensas as apresentações públicas do grupo até o final do ano. Um concerto monstro, em Londres, está sendo programado para o começo de 73.

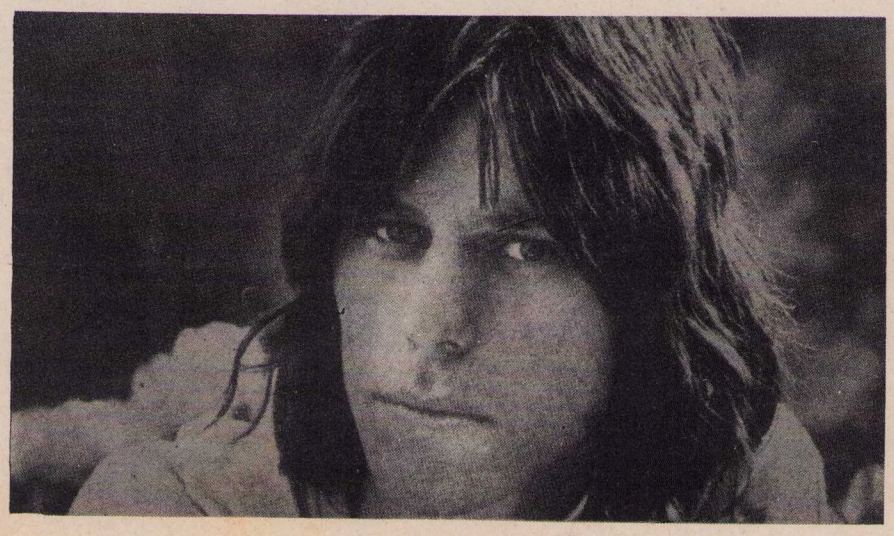
O **Fleetwood Mac** está ganhando rios de dinheiro. Graças a sua excursão americana, junto com o **Deep Purple,** a vendagem de **Bare Trees** subiu adoidada, recebendo até o Disco de Ouro. O grupo agora está em Londres, seu novo disco vai ser gravado em três semanas, e só depois eles excursionarão pela Inglaterra.

Esta é para quem está a fim de estatística: **Alice Cooper, Rolling Stones, Emerson Lake and Palmer, King Crimson, Bread,** são os recordistas de vendagem da gravadora Continental para o Brasil, na parte internacional.

Sérgio Ricardo é o mais novo contratado da gravadora Continental. Seu primeiro LP, dessa nova fase, vai ser lançado em dezembro. O nome das faixas: **Antonio das Mortes,** Calabouço, **Beira de Cais, Tocaia, Eu sou Danado, Sina de Lampião** e a música que foi escolhida a melhor letra do último festival da Grécia: **Canto Americano.**

Matinée do Cinema Olímpia vai pintar. Uma Mostra Aberta Semanal de Cinema Super 8 e 16, com som de fitas e ao vivo, vai começar a acontecer todo domingo, a partir do dia 26, das 18:30 h em diante, ao por-do-sol, ali no Largo da Carioca, no Teatro de Arena da Guanabara. Quem tiver Super-8 realizado ou a fim de realizar, pinte lá no Teatro durante a semana de 16 às 19 h para se inscrever. A Matinée Super 8 do Cinema Olímpia está sendo coordenada por **Paulo Veríssimo** e faz parte da edição semanal (todo fim de semana) do jornal 2.001, 1º jornal udigrudi apresentado ao vivo, em números mutantes. Esse jornal está sendo produzido pelo **Grupo de Artes do Teatro de Arena,** e quem tiver com idéias originais ou trabalhos para apresentar, pinte lá para uma transa.

Um quebra-pau motivado por discussões políticas acabou dando um prejuízo de 64 mil cruzeiros ao guitarrista **Jeff Beck.** Toda a sua aparelhagem ficou em pedaços. Tudo aconteceu em Hanover, sul da Inglaterra. Beck, tardiamente, jurou que nunca mais põe os pés lá.



Jeff Beck

Percussão·2

Em termos claros, qualquer coisa pode servir para percussão, em música: garrafas cheias d'água, tábua de lavar roupa (o famoso washboard) latas vazias, brinquedos infantis. Podemos dizer que não há limitações para o improviso de instrumentos de percussão.

Quando eu ainda tocava com a Tropa Maldita, comecei a usar o **bamboo-som** em termos de pesquisa sonora. O bamboo-som, quando agitado, emite o som de uma casuarina açoitada pelo vento. Ele é afinado em mi maior, podendo dar quase três oitavas, dependendo da força com que você o agitar. Entretanto, eu não tive oportunidade de demonstrá-lo. Tentei também o uso de apitos, mas não gostei dos efeitos obtidos, apesar do som de um apito de contramestre ter-me impressionado bastante.

Junto com Daniel Azulay, nós começamos a usar uma lanchinha **Toc-Toc** da Estrela como metrônomo, e o negócio deu certo. Usamos em um concerto no MAM, obtendo um relativo sucesso. A maior dificuldade era que a pilha pulava fora toda hora, dependendo da posição como ela estava colocada. As tentativas realizadas com um compressor de ar tiveram o maior êxito. Conseguimos tirar o som de quase todas as sirenas usadas no trânsito (ambulância, carros de bombeiro, polícia, entre outros), dependendo do jeito de abafar a mangueira e da posição da mão que a segurava. No caso da lanchinha, ela marca sempre o compasso 4 por 4, que pode ser usado na batida de **rock,** como ritmo eletrônico (igual à caixa rítmica de um órgão).

O nosso bongo elétrico, feito com duas campainhas de porta, ficou numa boa. Montamos o dito cujo com uma cigarra em **fá** e outra afinada em **mi.** Servia como um bongo normal, apesar de embaralhar o som, uma vez ou outra. O segundo grilo era o descarregamento da bateria de 12 **volts,** que fornecia a energia necessária ao funcionamento do "instrumento".

O negócio é a coordenação dos sons. A gravação de um pingo d'água, constante, também serve como metrônomo. O pingo quando cai, tem um som parecido com o do traste harmônico de um violão. O maior barato.

A boa é usar tudo ao alcance de suas possibilidades sonoras. Nada do que foi dito aqui esgota o assunto: são apenas uns toques, ainda há muito som a ser transado.

Por que é que você não tenta?

GUERRA

"Este disco foi feito em grupo. Ele é simples como minha mulher, meu filho, meus amigos e eu."

Erasmo Carlos

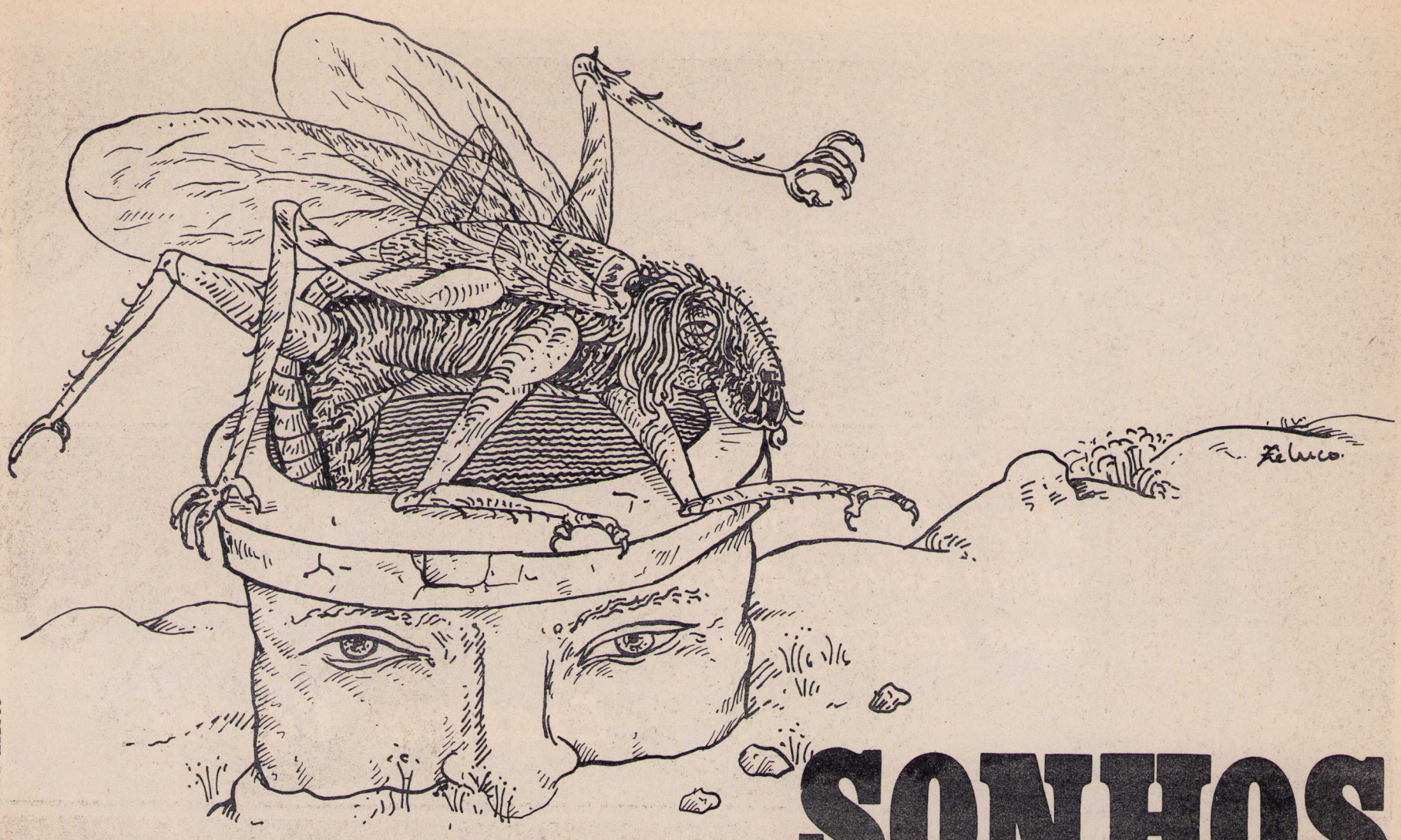
Polydor

ERASMO CARLOS

SONHOS E MEMÓRIAS

1941 . 1972

phonogram COMPANHIA BRASILEIRA DE DISCOS PHONOGRAM



DESENHO DE ZÉLUCO

SONHOS

Não estou bem certo de como tudo começou, mas eu estava num ônibus de dois andares, deixando Picadilly Circus em direção ao Museu Britânico de História Natural. Naturalmente Londres não me era uma cidade estranha. Já tinha estado lá com Little Richard em 1965, e pude conhecer razoavelmente a cidade durante minha permanência. O tempo estava frio, e um denso nevoeiro pairava pela cidade inteira. Um inspetor de bilhetes com um boné azul abordou-me com sua respiração asmática, pedindo meu bilhete de transferência; fez dois buracos no bilhete, o que significava que meu ponto de descida era a Salsbury St. Station. A ida de Picadilly até o Museu levou uma eternidade, e além de mim restava no ônibus apenas uma mulher de meia-idade, toda vestida de preto, como de luto. Lembro-me de saltar do ônibus e remexer meu bolso esquerdo à procura do endereço do Museu. O endereço apontava apenas dois quarteirões de distância de onde eu estava, e imediatamente me dirigi para lá. O Big-Ben batia meia-noite no exato momento em que alcancei a porta do Museu; parecia estranho que uma festa estivesse acontecendo lá àquela hora, mas desde que Raoul vendeu todos os seus negócios de petróleo na Líbia tem gasto dinheiro em todo o tipo de excentricidades: alugar o Museu Britânico de História Natural para dar uma festa é o último de seus bizarros empreendimentos.

Tive que tocar a campainha por diversas vezes até que o porteiro viesse me atender. Ele se desculpou alegando que o barulho lá dentro estava tão medonho que era difícil ouvir a campainha da porta.

Uma pequena escultura de madeira com a cara de Jim Morrison foi o meu "passe" para a entrada. Raoul mandou fazer estas réplicas por um artesão em Glasgow, e enviou-as a seus amigos junto com uma nota de £ 1.000 e o convite para a festa. Caminhei por um corredor cheio de antiguidades místicas da Inglaterra até alcançar uma enorme porta, ao fundo de uma sala. A porta havia sido revestida a fim de não deixar que o barulho se espalhasse pelo resto do Museu, no mínimo um metro de material acústico foi colocado em cada lado da porta, o que não adiantava muito tendo em vista a amplificação e a reverberação feita pelas altas paredes da sala da festa, semelhante aos *Jensen Speakers* em Woodstock. As portas eram difíceis de se abrir, pelo seu peso enorme, mas com a ajuda do porteiro conseguimos movê-las um pouco, o bastante para que eu entrasse.

A sala usada normalmente para mostrar relíquias do tempo de Elizabeth I, era ocupada, agora, por uma imensa baleia preservada, o que me pareceu suspeito. Estava certo de que a única baleia no mundo que havia passado por um taxidermista estava no Metropolitan Museu of Natural History de Nova Iorque. Mas o mais estranho é que muitas das pessoas entravam e saíam do animal, como se um bar ou banheiro houvesse sido instalado lá dentro. Em cima da cabeça da baleia um jato de líquido amarelo jorrava de vez em quando, descendo pelo corpo do animal até uma piscina construída em volta dela. Mais tarde vim a descobrir que o líquido era champanhe. Uma prancha saía da boca da baleia, como uma língua atapetada, e servia de caminho entre a borda da piscina e o interior do animal. Dezenas de garções com estranhas vestimentas circulavam pelo ambiente. Um deles se aproximou de mim com uma bandeja cheia de drinques e pequenos copos de papel com cubos de açúcar. Escolhi um copo alto com uma bebida muito colorida, mas dispensei os cubos de açúcar. Antes que me retirasse o garçom disse: — Senhor, os cubos corde-rosa são uma especialidade da Califórnia. São feitas pelo próprio anfitrião. Por favor prove um deles. — Desculpe, meu caro, respondi, mas estou sob ordens severas de meu psiquiatra de não tomar nada mais forte que um *scotch*. — Está bem, disse ele, — há quanto tempo você é hippie?. A pergunta me desarmou, pois nunca procurei me classificar de nada mais a não ser eu mesmo, e muito menos um hippie. Bem, eu tenho sido hippie durante meus vinte e cinco anos de vida. Meu pai era um beatnik e... — então você sabe como são essas coisas, não é mesmo? completou ele, e foi embora.

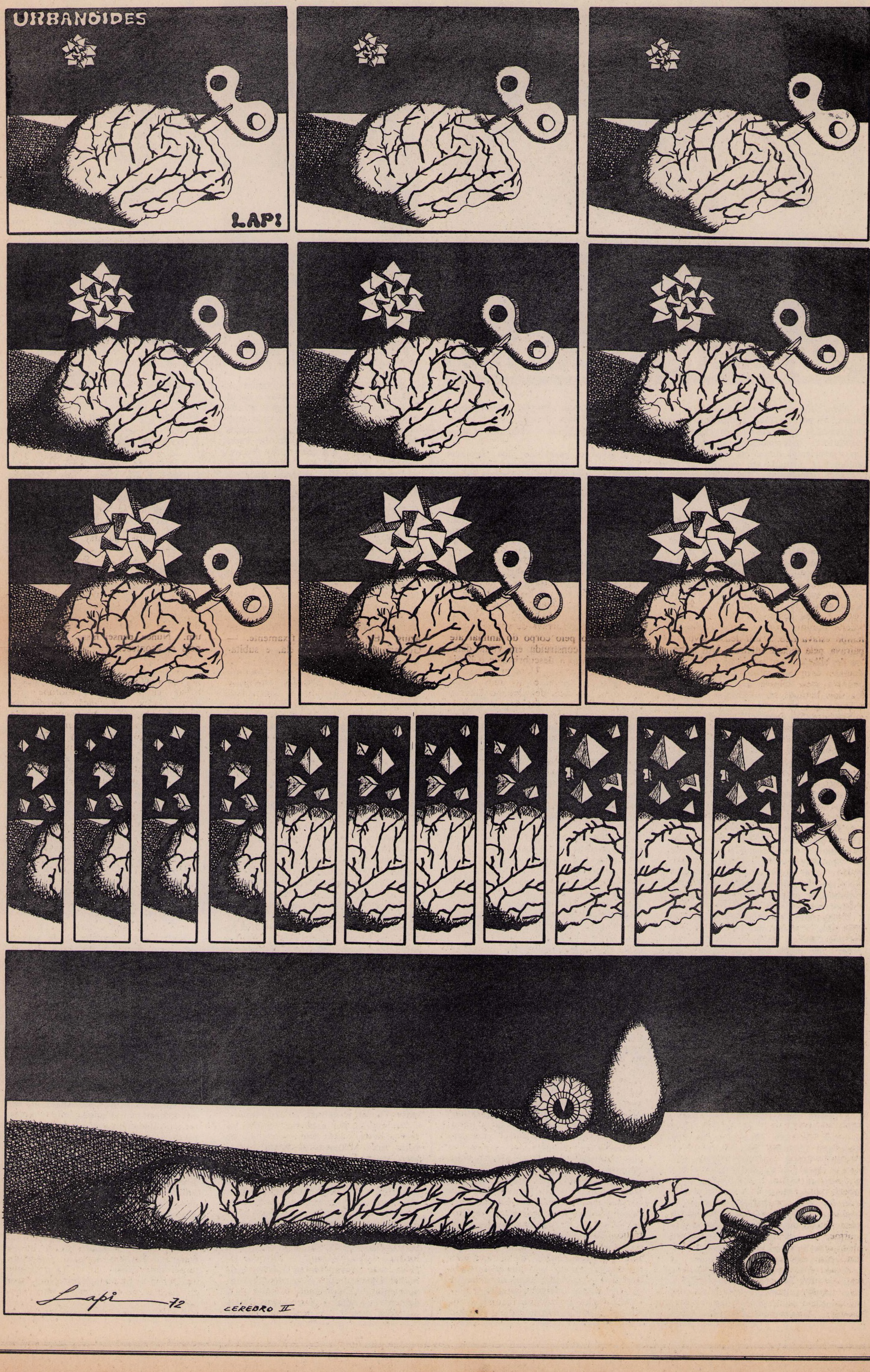
Senhoras e senhores, sua atenção por favor, a voz parecia vir de todos os lugares da enorme sala, e soava com a voz anasalada de Leon Russel imitando Bob Dylan. E era, ela estava agarrado a uma longa corda de prata que pendia do lustre, no teto da sala. Leon vestia uma camiseta *holy trinity* e tinha o cabelo e a barba muito compridos. Caminhou para o palco vermelho situado no lado direito da baleia e pulou para o centro. Um conjunto de *soul* esteve tocando durante toda a festa, mas parou logo que Russel apareceu. Sem abrir a boca, ele disse: — *The one and only Billy Shears!*. Um nãozinho saiu de trás da cortina, entregou uma nota escrita a Leon e caiu fora. — Desculpem, anunciou Leon, — mas Billy Shears cancelou sua apresentação para fazer um concerto beneficente no Royal Albert Hall. Em seu lugar, a fantástica Rita Coolidge!. O palco foi tomado de súbido por um coral feminino digno de Andy Warhol, que imediatamente começou a dançar *can-can*, cantando algo como uma rapsódia de *blues*. Rita Collidge apareceu então, vestida num sumaríssimo biquíni, e começou a cantar velhas baladas de bares irlandeses e algumas músicas de Kris Kristofferson. A música estava incrivelmente alta, e resolve procurar um pouco de paz no interior da baleia. Pouco antes de alcançar a prancha de acesso ao animal, senti um tapinha em meu ombro, virei-me e encontrei uma garota de aparência divina, longos cabelos louros, e olhos amendoados, extremamente azuis. Ela me olhava fixamente. — Gostaria de falar, disse ela, e subitamente uma pequena coroa de rosas azuis e cor-de-rosa como que brotaram de seus cabelos; e planetas, estrelas e luas se materializaram de sua blusa branca. Sim, bem, o barulho está um pouco demais aqui, você não gostaria de entrar na baleia comigo? — Não, respondeu, — sou alérgica a baleias. — Sim, sim, claro... bem, qual o seu nome? perguntei. — Meu nome é a quarta nota da escala musical, DÓ-RÉ-MI-FÁ — Bem, fazia sentido, por que não? — Ok, Fá, eu vou entrar na baleia e pegar um drinque, quer que eu lhe traga alguma coisa? — Não, eu esperarei por você aqui. Ainda no meio da prancha fui abordado por John Wayne, inteiramente bebado. — Em quem você votou, Nixon ou McGovern? ele me perguntou. Na realidade eu votei em Eric Clapton, respondi, acho que ele seria um grande presidente. — Seu bunda! disse ele, e me desferiu um violento soco na boca, logo depois tentou fazê-lo de novo, mas perdeu o equilíbrio e caiu na piscina. É estranho, mas ele não foi o primeiro a fazer isso, lembro-me muito bem de Ronald Raegan e Shirley Temple caminhando inteiramente bêbados por uma piscina de champanhe. Em grande pânico e com meu lábio sangrando, corri para o interior da baleia. Uma vez lá dentro fui ajudado por Mark Farner e Keith Emerson. — Desculpe por aquele cara, mas o velho John não agüenta mais seus drinques — Está bem, disse eu. — Aonde posso conseguir algo para beber? — Vá até o fim do rabo da baleia, você encontrará uma porta dizendo *Marc Bolan Room*. Abra a porta e entre. — Obrigado respondi. Continuei a caminhar, achei a porta e abri-a. Lá dentro Raoul estava sentado no bar ouvindo Greg Allman tocar órgão. — Gabriel, seu malandro, como vai você? A voz de Raoul parece uma grande amplificação da voz de Howlin'Wolf. — Estou bem, mas gostaria de um drinque. — Claro, tudo que você quiser, é só pedir. — Uísque com gelo, disse (Alice Cooper, muito bêbado, era o *barman*). — Como você conseguiu esta baleia? perguntei. — Ah! eu aluguei-a em Nova Iorque, disse-me Raoul. — Ei! beba rápido senão você perderá o concerto de Richie Havens. Ele é o próximo a se apresentar. Engoli meu drinque rapidamente e saí do quarto com Raoul. — Você sabe, Gabe acho que Stephen Stills não irá agüentar outro ano. — Não diga isso Raoul, ele é um de meus músicos favoritos. — Sim, claro, todos nós gostamos dele, mas ele.. ele está indo rápido, ele vai acabar explodindo. Ouvi dizer que o que ele bebe mais agora é suco de laranja. — Pois é, continuou Raoul, — uma dose excessiva de ácido cítrico pode matar qualquer um. Nunca pensei nisso, respondi, — pois é, acontece.

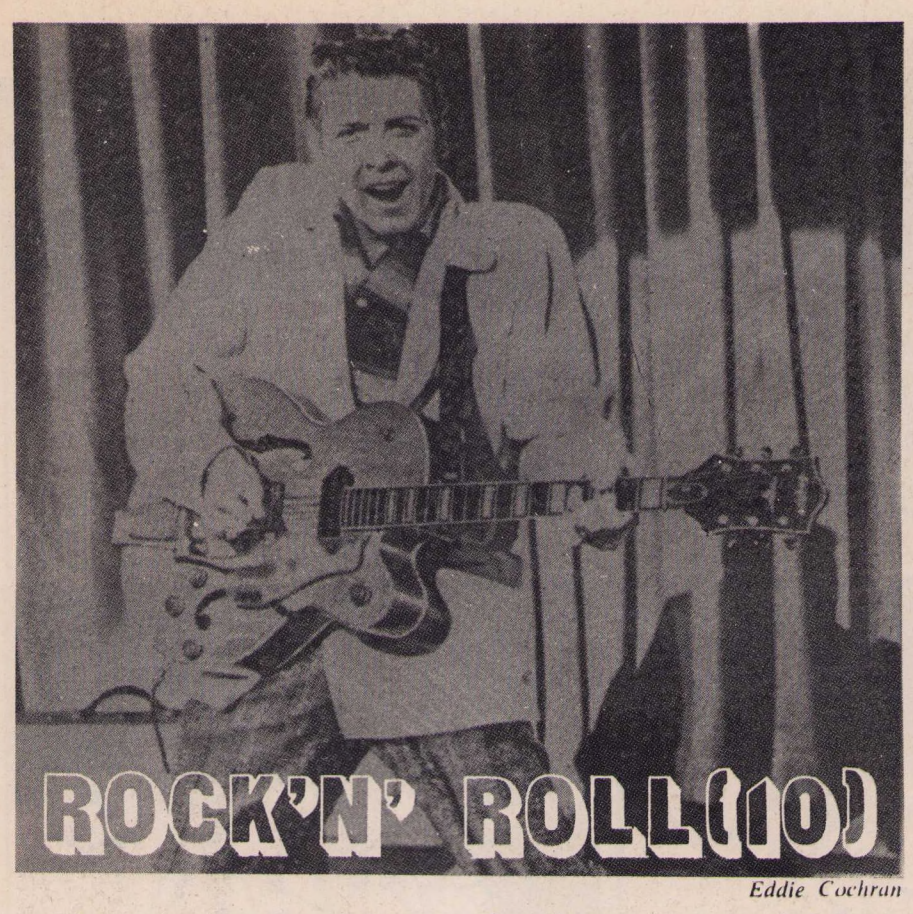
Quando nos aproximamos da cabeça da baleia, um sujeito barbado com uma jaqueta *Levi's* estava tocando os pés da baleia com baquetas de xilofone. Era Jerry Garcia. A canção parecia *Anthem to The Sun*, e me trouxe recordações daqueles dias loucos em São Francisco, quando Ken Keesey e The Crazies organizavam os infames *trips festivals*. Foi numa dessas apresentações que eu conheci Marty Ballin do Airplane, na época em que ele estava fazendo *folk music* na *The Family Dog*. Através dele conheci Grace Slick (com seu antigo grupo The Great Society), The Quicksilver Messenger Service, Janis Joplin e Jerry Garcia. Garcia não mudou nada desde aqueles dias incríveis. Acho que estava usando o mesmo casaco que a *Mountain Girl* vomitou num grande concerto no heliporto de Sausalito. Fui me recordando daqueles dias maravilhosos à medida que saíamos da baleia para o barulho e a agitação da sala.

Estava falando alto com Raoul quando descemos a prancha, e de repente eu a vi. Ela tinha me esperado, segundo havíamos combinado. — Preciso fiscalizar o P.A., acho que Tina Turner é a próxima atração, disse Raoul se retirando a seguir. Virei-me novamente para a garota. — Vamos ver as relíquias romanas no terceiro andar? convidou sorrindo. — É mais calmo lá em cima. Sim, mas e a música? — Eu posso cantar para você.

O elevador nos levou ao terceiro andar e ela me conduziu a uma sala branca, onde poderíamos conversar. Eu estava me sentindo um pouco alto com o uísque e a música, e quando ela me ofereceu uma almofada para sentar, aceitei rapidamente. A porta fechada e um pequeno globo luminoso colocado no chão ofereciam uma confortável luz difusa, insuficiente para ler, mas o bastante para fazer amor; de qualquer modo a penumbra era muito reconfortante. — Agora você assume o comando, disse ela. Fechei meus olhos e pensei estar ouvindo a música de Quincy Jones. A obssessiva *What's Going On* de Marvin Gaye inundou meus ouvidos, e eu me deixei levar através de luas e planetas. Por um espaço de tempo me tornei uma canção, ou o fá do piano de Quincy. Então a agulha ergueu-se do disco e me tornei eu mesmo novamente.

GABRIEL O'MEARA


URBANÓIDES
LAPI
Lapi 72
CÉREBRO II



Eddie Cochran

Além dos produtores de *rlythm n' blues*, as pessoas mais compreensivas e interessadas pelo *rock n'roll* eram os produtores independentes, que produziam excelentes discos em seus próprios estúdios e arrendavam os direitos às grandes companhias. Os mais importantes produtores independentes nos anos 1956, 57 e 58 foram Norman Petty, Lee Hazlewood e Ray Vernon.

Norman Petty tinha seu estúdio em Clovis, New Mexico, Dentre os cantores que descobriu e produziu os discos destacamos Roy Orbison, Buddy Knox, Jimmi Bowen e Buddy Holly and The Crickets. Orbison não chegou a gravar nada de importante nos estúdios de Petty, e logo transferiu-se para a Sun Records em 1956. Knox e Bowen tocavam na época em um grupo chamado The Rithm Orchids, e gravaram *Party Doll/I'm Sticking With You;* Petty lançou o disco na gravadora local Triple D, mas como esta não tinha condições de distribuí-lo nacionalmente, Petty vendeu os direitos à Roulette (um dos donos atuais da gravadora é Tommy James and The Shondells), que separou as duas músicas em dois discos diferentes e conseguiu milhões com a venda de cada lançamento, no começo do ano de 1957.

A mais importante descoberta de Petty foi Buddy Holly. Holly fez dois tipos diferentes de música, um na gravadora Brunswick com um grupo chamado The Crickets, e outro na etiqueta Coral, com seu próprio nome. Os discos da Coral tendem a ser de um *rock n' roll* mais calmo e sem tanta energia. O primeiro disco dos Crickets, *That'll Be The Day* (1957) foi sem dúvida o melhor que Holly já fez. Enriquecida pelo uso de guitarras muito altas e estridentes, a música é um exemplo do melhor *rock n' roll*.

Comparado ao *Country Rock* de Memphis, a maior inovação instrumental dos Crickets foi a força dada à bateria e ao piano de Petty, e a altura desses instrumentos. Os músicos dos Crickets eram os mesmos que tocavam com Holly em suas gravações na Coral, acrescidos de um grupo vocal chamado The Roses. As gravações da coral eram de um *rock* mais calmo, claramente dirigido às audiências femininas. *Peggy Sue, Everyday,* e *Listen To Me* parecem feitas para arrancar o instinto de proteção de qualquer coração descuidado.

Mestre da boa aparência e atratividade, Holly logo abandonou o *rock n' roll* pela posição mais segura de cantor *pop* (assim como fizeram Tom Jones e Elvis Presley). Mas um desastre aéreo o matou em 1959. No mesmo aparelho viajavam The Big Bopper (autor de Chantilly Lace, regravada recentemente por Jerry Lee Lewis em seu LP *Killer*), Richie Valens (autor de *La Bamba*) e Donna Fame.

Outra etiqueta independente era a Cadence, fundada em Nova Iorque em 1953. Seus mais importantes artistas eram os Everly Brothers. A harmonia vocal dos Brothers (Don e Phil) era um estilo convencional de *Country & Western,* mas se identificavam com o *rock n' roll* através de suas letras e seus acompanhamentos instrumentais. As canções do Everly Brothers (muitas delas escritas por Felice e Boudleaux Bryant) concentravam-se principalmente nos problemas emocionais dos jovens entre 14 e 16 anos: escola, pais e amor adolescente.

O timbre anasalado dos Brothers pode irritar o ouvinte depois de algum tempo de audição, mas entre os cantores de *rock leve*, foram os que melhores discos fizeram, melhores que Rick Nelson e quase tão bons como os de Buddy Holly. Entre seus melhores lançamentos destacamos *Wake Up Little Susie* (1957), *Till I Kissed You* (1958) e *Bye Bye Love* (1957).

A Cadence perdeu o Everly Brothers em 1960 para a então recém--fundada Warner Brothers Records. Pouco depois perderam Andy Williams para a Columbia, e sem seus dois maiores sucessos, a companhia faliu.

A Liberty, formada em 1955 em Hollywood, tinha entre seus principais artistas Gary Lewis and The Playboys, The Ventures, Jan & Dean e Edie Cochran. Com exceção de Cochran, os outros cantores e instrumentistas eram clichês de conhecidas fórmulas de *rock*, e quase nenhuma importância tiveram no desenvolvimento da história do *rock*. Cochran, por outro lado, apresentava um estilo mais áspero, cantando com uma voz rouca. Suas melhores músicas foram *Something Else, Summertime Blues* e *C'mon Everybody*. Além de bom cantor, Cochran era também um excelente guitarrista de *rock*, ao contrário de Elvis, que trocou a guitarra por um grande conjunto, Cochran sempre tocava guitarra nas gravações, acompanhado por um pequeno grupo. Cochran morreu em um acidente automobilístico nos arredores de Londres. Seu amigo Gene Vincent estava com ele no carro, e perdeu parte da perna (Gene morreu no começo deste ano na Califórnia, depois de gravar seu último álbum *I'm Back and I'm Proud*). Uma nota interessante: Zé Rodrix, do Sá, Rodrix e Guarabira tem um álbum original de Gene Vincent, lém de seu LP *Blue Caps* (nenhuma relação com Renato); na próxima semana irei à sua casa para fazer uma troca de discos por algum tempo.

Por volta de 1959 as companhias independentes tinham suficiente material de *rock n' roll* gravado para continuar competindo com as grandes companhias. Estas, em 1960, ganharam grande impulso com a entrada no mercado de novas grandes companhias (as companhias cinematográficas, a United Artists, a Warner Brothers, etc.), e conseguiram recuperar o terreno perdido. Neste ano, as grandes companhias tiveram 48 músicas entre as mais vendidas, contra 45 das independentes, que para sobreviverem, tiveram de continuar a procurar novos talentos que elas tinham condições de lançar no mercado com mais rapidez do que as grandes companhias.

Quase sem exceção, a fonte de novos talentos para as companhias nascentes era o *rhythm n' blues*, nome geral dado aos vários estilos de música, populares entre as audiências negras. Parece-nos que o desenvolvimento de um estilo nacionalmente aceito que não fosse influenciado pela música negra estava além da capacidade dos brancos americanos.

GABRIEL O'MEARA

TRANSANOSSA: O ESPETÁCULO ABACAXI-PAPAGAIO DO ANO

As coisas brasileiras se dividem em três categorias, a saber: araras e orquídeas, tucanos e vitórias-régias e abacaxi-papagaio. Por exemplo: meu amado, Daniel Más, é bem araras e orquídeas, enquanto o espetáculo da Família Transanossa é a coisa mais abacaxi-papagaio que já vi na minha vida. E, de coisas como essa, pretendo ainda ver muito mais.

Luxo, Som, Lixo foi uma transa maravilhosa, com uma gente linda, mostrando, com muito amor, tudo aquilo que se fez até hoje de luxo, som e lixo, realmente significativos, por esses Brasis a fora. E, como todo luxo é lixo e todo lixo e luxo, resta-nos o som.

De uma chocante beleza plástica no que toca ao luxo e ao lixo, de uma incrível mobilidade dentro de si mesmo, com uma liberdade de criação que chega às raias da genialidade, o espetáculo foi o melhor no gênero, este ano, nas platéias do Rio e de São Paulo.

O *vaudeville* é todo confeccionado com grande momentos de artistas nacionais conhecidos, desde Caubi Peixoto até Caetano Veloso, em imitações mais-que-perfeitas, onde a gente sente a contribuição de cada um dos participantes, que são ao mesmo tempo atores, cantores, figurinistas, iluminadores, etc.

O ponto alto do show é o Carnaval, com músicas que contam sua história. Aqui no Rio, a Transanossa — *troupe* de saltimbancos, que se reveza na arena e emite as melhores vibrações —, apresentou músicas e letras de sua autoria, que ainda não foram gravadas, embora sejam geniais.

Underground, numa terra tão sofisticada como a nossa, é pau e é pedra, mas não é o fim do caminho. Pelo contrário: como todos nós sabemos, é apenas o início. Está aí o dia em que o cúmulo da sofisticação será a total falta dela.

E a prova é o espetáculo da Transanossa, da mais impressionante continuidade e homogeneidade, falando de coisa tão descontínua e heterogênea, que é a tal geléia geral brasileira, num show que representa o advento de uma arte de contrastes: exaltação e negação, afirmação e golpe de morte. Tudo isso num só tempo.

MAIS EBÓ

Não estou mais apaixonado pela Anamaria. Aliás, eu sempre fui (fui, viu?) muito fútil e muito volúvel! Agora, é pelo Perinho. Meu nego, tua guitarra é um *barato!* Vai tocar bem assim lá em casa! E como tú tá cantando lindo, nego! Uma cantada tua deve ser *do arco* Vamos, te anima: tô esperando.

No sábado, por exemplo, Perinho esteve demais. Mas foi demais no sábado, com o Teatro de Bolso do Leblon completamente cheio, repleto de uma gente linda, num show totalmente elétrico. Eu dei meu recado num *rock* frenético, numa hora em que todo mundo ficou de pé, pulando e batendo palmas.

De quebra, a suavidade, a meiguice e a lindez do Luiz Carlos Cabral e as barbas sedosas do Lincoln e aqueles ombros largos e ainda o sorriso do Lulla, que estava com os cabelos mais encacheados do que nunca. Enfim, algo bom de se ver e ouvir — uma coisa nova e boa, que estava fazendo falta por aqui.

ELDEMAR: O EX-MAGO DO MASSA

Eldemar de Souza — com este nome de dentista e tudo — é músico mesmo, compositor e letrista. Ex-*alma mater* do Massa Experiência, resolveu dar o passo seguinte e vai se lançar, em show promovido por esta coluna, *A Casa dos Maus Espíritos*, dia 4 de dezembro, segunda-feira (Dia das Bruxas), no Teatro Princesa Isabel.

Aos dois anos de idade, já cantava sambas de Herivelto Martins. Com João Gilberto, começou a se interessar pelo violão, compondo em cima das músicas dele, mas de uma forma bem rudimentar. Quando começou a pintar som na música brasileira, reuniu alguns músicos conhecidos seus e formou o Massa Experiência, para um show no MAM.

Depois, a estória é conhecida: foram todos para a praia e lá começaram a compor música e letra, num trabalho sério e dedicado, cuio resultado se poderá constatar na noite de estréia, na qual se estarão apresentando mais quatro músicos, dois deles do Massa: Marçal na guitarra, Pedrinho no baixo, Gigante na percussão e Catrinca na batera.

Um dos *baratos* do show é a música de Marco Polo, *Hey, Man*. Também *Georgia, a Carniceira*, do mesmo autor e a música que dá o nome aos bois, *A Casa dos Maus Espíritos*, de autoria do Eldemar, Ademir Duval e Capistrano. No mesmo programa: *Parque Florestal*, do Eldemar e Chico II e *New Teatament*, do Ademir e Capistrano.

A HÁRPIA DO TAMBÁ

A Fada do Tambá, como todo mundo sabe, é Gal Costa. Mas a Hárpia, como pouca gente sabe, já que essas coisas são tão ocultas, é Geraldine. Eu, como sou um iniciado, posso *dar o recado:* Geraldine da Fonseca Chapman, nascida em Nova Iorque, não sei como nem por que, poeta e pintora, entre *otras cositas más* (Daniel! Será que eu estou apaixonado?).

No alto do morro, mas bem no alto, seu estúdio se equilibra só mesmo por feitiço. E é lindo: Leblon, Ipanema e Arpoador como cenário de fundo. Tem qualquer coisa de um grego sutil naquilo tudo — uma acrópole moderna, onde o repouso e a tranqüilidade teimam em existir.

E depois, são seus quadros: manchas azuis, verdes, amarelas (ah, os azuis de Geraldine!), penduradas pelas paredes, como se não houvesse pregos, nos lugares exatos, compondo a ambientação, sem que ninguém tivesse se esforçado para isso. Ou não? Bem, todo bruxo que se preze sempre deixa dúvidas!

E depois, são seus poemas: verdes poemas, poemas azuis, poemas amarelos de suas andanças por estradas e lagos de Nova Iorque. E seus cabelos louros! E seus olhos, que eu não digo a cor, pois só eu sei! E seus 24 anos, vivendo num mundo bem colorido, sem dúvida, para quem teve a sorte, como eu, de conhecê-lo. Mas não se esforce pra isso, que as melhores coisas são as que acontecem por acontecer. Entretanto, se você estiver morrendo de curiosidade, uma boa desculpa é ir até lá trocar, por dinheiro, um quadro seu.

ARGENTINA BLUES

Miguel Angel Santamaria, 20 anos de vida mais vivida, dividida prá lá e prá cá. De violão debaixo do braço, percorreu toda a América, de sul a norte e de norte a sul, vendo as coisas e aprendendo com elas. Três meses faz, se instalou nos areais de Copacabana, compondo música e cantando prás gentes que passam e fazem roda, ouvindo e sonhando.

É vidrado em Janis Joplin, John Mayal, Louis Armstrong, Los Beatles e outras coisas pequenas como essas. Daí até o *blues*, foi apenas uma questão de dar o passo seguinte. Nascido em Buenos Aires, filho de pais espanhóis, tem um temperamento apaixonado e ardente, que faz o *punteado* de sua guitarra parecer um gemido, de improviso ou não.

E quando canta, então, não deixa mais dúvidas: o *cara* é bom de verdade. Por isso, ia merecer um recital de estréia aqui no Brasil, mas não vai poder ser porque entrou prá cá com visa de turista — aliás, o que todos nós somos neste mundo desde que entramos nele. Então, como está provado e reprovado pelas leis brasileiras, turista não pode trabalhar. E estamos entendidos.

HENRIQUE LUÍS

FEIRA LIVRE DO SOM UBERLÂNDIA

Mutantes, Jorge Ben, Tim Maia, Milton Nascimento com o Som Imaginário e Sá Rodrix Guarabira e o Terço são alguns dos nomes que acabam de assinar para se apresentarem no 1.º Concerto da Feira Livre do Som que vai ser realizado em Uberlândia, MG, no próximo dia 9, um sábado de dezembro. O Concerto vai começar às 8 da noite no Palácio dos Esportes de Uberlândia e é apenas o primeiro de uma série que a Ducam Produções e *RS* vão incrementar pelo interior de Minas e o resto do Brasil. A entrada é de 20 cruzeiros, a apresentação de Ademir e o Amplicord. A expectativa é de lotação total da capacidade do estádio que é de 8 mil e 500 *freaks*.

Uma passagem de ônibus de ida e volta Rio — Uberlândia (via Belo Horizonte) está por volta de 80 cruzeiros. De São Paulo para Uberlândia direto (via Campinas) fica a 60 paus.

A qualquer momento está sendo esperada a confirmação da presença de Gilberto Gil pra azucrinar ainda mais o *rebu* no triângulo mineiro.

DIA 9 DE DEZEMBRO

OTIS REDDING

Otis Redding tinha 26 anos quando morreu. Sem dúvida, uma grande perda para o mundo. Sua explosiva atuação no Festival de Monterey lançou-o para o sucesso, assim como a Janis e Hendrix. Não que Otis não tivesse sucesso antes. Na Inglaterra, em 1967, substituiu Elvis Presley encabeçando a lista de cantores mais famosos na enquete promovida anualmente pelo *Journal Melody Maker*. Elvis possuía o título há oito anos. Mas nos Estados Unidos, antes do Festival, a fama de Otis era restrita à área de Memphis e a alguns fãs de *rhythm n' blues*.

Macon Georgia, uma cidade que revelou talentos como James Brown, Little Richard, The Allman Brothers e Wayne Cochran, foi o lugar onde Otis despontou como talento. No início, se apresentava em *shows* caretas, mas tinha muitas amizades entre gente de gravadoras. Um dia, quando trabalhava numa fazenda, foi convidado para assistir a uma sessão de gravação de Johnny Jenkins (Jenkins é também um grande talento, mas pouco conhecido; no ano passado gravou um LP chamado *Ton-Ton Macoute*, com os Allman Brothers Band). Ao fim da sessão sobravam ainda trinta minutos do tempo de Jenkins, e Otis lhe pediu para cantar uma canção. *Theese Arms of Mine* foi gravada e o disco vendeu 800.000 cópias, isto em 1962. Até sua morte, em 10 de dezembro de 1967, Otis gravou centenas de músicas. Seu maior sucesso comercial, *Dock of The Bay*, nunca foi ouvido por ele no rádio. Outras de suas músicas mais famosas foram sucesso na voz de outros cantores. *Respect*, uma de suas favoritas, foi disco de ouro na voz de Aretha Franklin. *Pain in My Heart* e *That's How Strong My Love Is* foram gravadas pelos Rolling Stones. *I've Been Loving You Too Long e Try a Little Tenderness* (esta última gravada pelo Three Dog Night), tornaram-se canções obrigatórias no repertório de qualquer banda de clube. Ironicamente, Otis teve que regravar uma música dos Rolling Stones, *Satisfaction*, para fazer sucesso entre o público branco. *Mr. Pitiful* obteve tanto êxito na América que o título da música tornou-se seu apelido no meio musical.

Em 1967 Otis provou seu talento também na produção. Com o dinheiro ganho de sua audiência negra do sul dos Estados Unidos e de seus fãs europeus comprou um sítio de 300 acres perto de Macon, construiu um excelente estúdio de quatro canais, e começou a compor e produzir. Seu maior projeto como produtor (projeto interrompido por sua morte) foi um LP de Arthur Conley. Conley havia feito sucesso com uma canção de Redding. Infelizmente, nesta época, Otis morreu em um desastre aéreo sobre um lago em Wisconsin, levando com ele cinco membros de seu conjunto, The Bar-Kays. Conley compôs uma canção para Otis, e gravou-a no mesmo álbum que ele estava produzindo. Pode-se notar um tom de lamentação na voz de Conley nesta faixa.

Como sempre acontece quando um artista de *rock* morre, um grande interesse surgiu em torno do nome de Otis, e ele foi ressucitado e rotulado de *superstar*, enquanto as pessoas declaravam o quanto sempre apreciaram sua música e coisas do gênero.

Mas Otis Redding era sem dúvida um grande talento, e teria conseguido seu *status* atual por ele mesmo, se tivesse tido mais tempo.

Otis Redding is dead and gone
Left me here to sing his song
Jim Morrison

GABRIEL O'MEARA

Celso Furtado: vinho, pão, feijão e PIB
Antônio Callado, J.H. Ribeiro, L.E. de Andrade: Vietnã
Otto M. Carpeaux: Carlos Drummond de Andrade

opinião

nº 1 — 6 a 13 novembro 1972 — Cr$ 2,50

com a edição semanal brasileira de Le Monde

ELEIÇÕES AMERICANAS E CORRUPÇÃO

HERMETO TOCA VIOLÃO E PORCO

ALLENDE SE ESCONDE ATRÁS DOS FUZIS

Wilfred Burchett, jornalista australiano, escreveu vários livros sobre o Vietnã, entrevistou Mao, Ho Chi Minh, Chu En Lai, Pham Van Dong, Nguyen Huu Tho, Henry Kissinger. De Paris, para OPINIÃO, explica:

PORQUE NIXON ADIOU A PAZ

(Pag 14)

Paulo Francis ouvindo o homem da CIA

Pesquisa: a vida sexual na França

Jorge Luis Borges: obra e caráter

FREE PRESS

TRÊS

Opinião é um novo jornal tabloide que sai como a edição semanal brasileira do **Le Monde.** No seu interior uma enquete: **Qual a função da imprensa brasileira hoje?** Resposta de Luiz Carlos Maciel, editor da ROLLING STONE:

"A função da imprensa brasileira hoje, é a mesma da imprensa brasileira em todos os lugares e em todos os tempos: distrair, servir de passatempo, divertir o leitor com histórias fantásticas que, naturalmente, jamais aconteceram e que são tão mais fascinantes porque guardam um certo laço, embora remoto, com a realidade acontecida. Histórias que assustam os leitores com mil perigos iminentes de tragédias que jamais acontecem; que o espantam com tragédias que ninguém previu; que o enganam com falsas perspectivas para futuros que não existem e que finalmente, o matam de rir com o absurdo obstinado da existência. Imprensa é um espelho caótico e retorcido de coisa nenhuma. Qualquer pessoa atenta que lê os jornais perceberá isso — e os que discordarem, na minha opinião, apenas sonham. A função da imprensa no Brasil, portanto, é nos entupir de fantasia. Não vejo como possa ser diferente".

DOIS

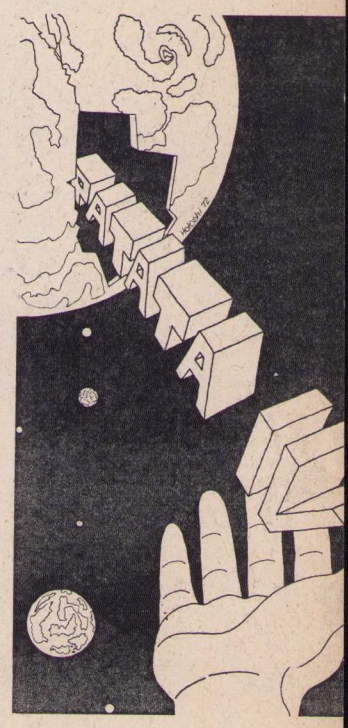
Jamari Axis Cassiel leitor da ROLLING STONE, escreve sobre Hendrix:

Hendrix
Ano 02

O urubu é a ave do paraíso
A morte é apenas um aviso
Um chamado urgente do inferno
(Capinam)

Dois anos faz. Na Inglaterra — No paraíso. A morte foi o aviso. Não deram ouvidos. Nas alamedas dos cemitérios — nas lojas azuis da velha Inglaterra os ecos ressoam — **Cry of Love, Raibow Bridge, Experience, In the West** — Que mais virá?
Exploração sobre um leader ou complementação da mensagem — Para que se busque em tudo que deixou, tudo que não teve tempo de dizer?
De seu quarto — cheio de espelhos — vindos da tempestade, fluíram sons que cristalizaram o vento... fundiram a chuva... e a jogaram na quarta dimensão... no mundo dos espelhos. A guitarra apoiando a palavra é o meio sonante da mensagem da era eletrônica... terá a palavra se esgotado — ou haverá sempre uma palavra?
Será preciso se envolver em nuvens solitárias para elaborar uma mensagem? O que há de errado no planeta?... Não se pode criar aqui uma mensagem?
Será preciso subir a outra dimensão em busca do acorde — das notas — das austeras dissonâncias antipoluentes?
Hendrix buscou todas as dimensões — e se incapacitou para esse mundo. Desesperado tentou saber qual era a nossa — e falhou...
QUAL É A NOSSA ????
Em sua luta Hendrix não pôde mais ver-se; firmar os pés no planeta... e partiu... Largou o que não precisava — seu corpo... Levou o que precisava sua guitarra... e espera: novos canais para novas mensagens... novos aparelhos entre nuvens roxas e azuis, sonais e morfônicas. **O urubu escancarou a porta do paraíso**... Os acordes fluem e o crioulo doido manda um aviso: CUIDADO: Há um precipício no portão principal da tua int
CUIDADO: com as ilusões n
de espelhos... Uma delas po
reflexo da tua vida — ou
morte.... Aguce o ouvido...
as antenas... ouça a mens
há uma sanfona panfletária —
coração apodrecido — Há u
esquelética...

Hendrix velho de guerra
Trovão parido
Amor eterno
Seja mudo
Seja amigo
Seja tudo **Amém**



UM

Patata IV acaba de sair,
estiver interessado escrever pa
Maria Marcolina, 341 apt. 40
go Postal 03011 Brás SP. o n
tata tem poucas folhas mas o
teúdo é de muita qualidade,
linguagem radical eles acusam
vios da contracultura tupiniqu

ZERO

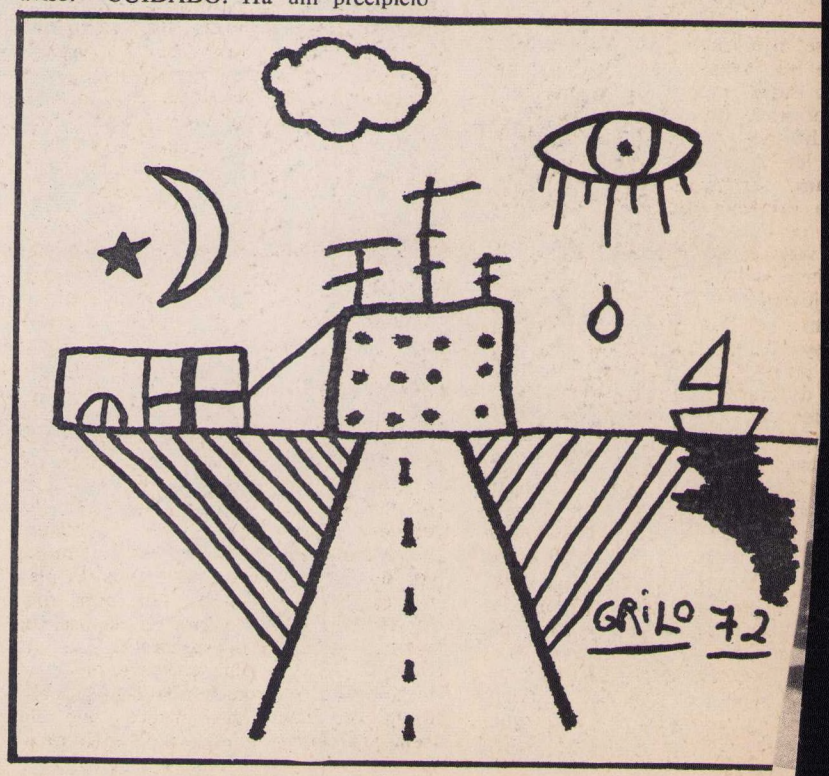
Grilo na Redação ROLLIN
NE, **Grilo** em cima das mesas
xendo as gavetas, canalizando
para o seu pequeno recado:

RIO TRAJETO RUA

Eu olho o rio
Sem pensar na rua
II
Eu olho o céu
Sem pensar na Lua
III
Eu olho você sem entrar na su

ANAVELOUCA ANAVELOUC
ANAVELOUCA ANAVELOUC

A Nave Louca é uma revis
trabalhos de Wally, Torquato
Chacal e outros. Uma única
AGUARDEM!!



O GRUPO DOS SKINHEADS COM MAIS VIOLÊNCIA DO QUE NUNCA

SLADE

acabaram com nosso tédio no pante primeiro disco, **Get Down t with It,** espécie de **rock'n'roll** nal, que misturava simplicidade, a e urros apocalípticos... — palmas, batam os pés!... In- is do mundo todo, podem virar Slade chegou! Quatro músicos, desconhecidos, hoje estão em pé ldade com o último monstro do **usiness,** T. Rex... Quatro ca- ito doidos, decididos a não fa- cessão alguma, imagem da nova inglesa, chamada **skinhead,** que cuca o mesmo que seus ante- , os **rockers:** "Há algo de po- Reino Unido"...

kinheads são uma espécie de fi- stardos de mães **mods** e pais ... Eu os vi durante uma re- iagem a Liverpool, mãe pátria a revolução. Cidade suja, triste ta como os pais resignados des- otos que assolam as ruas sinis- cidade, escrevendo nas paredes, tas, nos cartazes de sinalização nomes, os seus sonhos para pro- existem, que têm alma e não nas as sobras da máquina in- le passar o tempo, chamada vi-

se diferenciam por seus cabelos por suas roupas, que sempre o sinal exterior de afirmação e or meio de exprimir revolta. As há muito tempo perderam o há- ler o olhar dos seres que elas m, com quem elas cruzam... a **skinhead** são essas **jeans** des- essas tachas, essas botas e uma vontade de viver... Slade cor- ia à sua definição, e era normal jovens de 12 a 17 anos se iden- m com esse grupo, cujo primei- sso lhes valeu o ódio dos pro- porque escreviam os títulos das da mesma maneira que os mo- le rua (que eles são) escreviam nores nos muros podres da ci- **oz I Luv You**...

y Lee, baixo e violino, Noddy guitarra e vocal, Don Powell, e Dave Hill, solista, transavam e seis anos. Se conheceram na e, após diversas tentativas com es grupos, se juntaram para o princípio, e, enfim, para o me- Tornaram-se rapidamente "pro- is", largando a escola para vi- a aventura de um grupo. Algu- avações medíocres e depois qua- ses nas Baamas... Sua música ão uma mistura do **soul,** som- Motown e zoeira... De volta à Inglaterra, descobriram o fenômeno **skinhead,** recém-surgido, e se integraram facilmente nele, uma vez que aí eles estavam, em seu próprio elemento... Sua influência musical sofreu uma evolução, calcada nos modelos **skinheads.** Eles passaram a compor seu próprio material e reinventaram por sua conta números de outros grupos, de John Sebastian ao **Born to be Wild** do Steppenwolf, passando pelo Ten Years After. Sua adaptação de **Hear Me Calling** é louquíssima. Um novo sopro, um vigor incrível enchem a canção... Mas são ainda os eleitos de uma minoria malvista, e trabalham aqui e acolá em clubes de terceira. Slade? Não conheço.

O homem que descobriu o Slade chama-se Chas Chandler. Antigo baixista dos Animals, cúmplice, portanto, de Eric Burdon, Hilton Valentine, Alan Price, John Steel, ele descobriu num boteco miserável do Greenwich Village um guitarrista preto chamado Jimi Hendrix... que carregou para a Grã-Bretanha e juntou a Mitchell e Redding... Realmente uma experiência chapante! Conheci Chas em 65, em **tournée** com os Animals. Ele parecia ser um cara meio chato, mas sincero, um sujeito que realmente ama o que faz. Vai sempre até o fim do que se propõe. Luta sem cansar contra o ceticismo e as barreiras que pintam. Luta sempre, e ganha. Hendrix, Slade, não são o fruto do acaso. Foram ignorados até o dia quando a indiferença já não era possível.

Quando os viu num clube, Chandler adivinhou imediatamente a força interior devastadora do grupo, e decidiu canalizá-la e utilizá-la. Ele os fez gravar **Coz I Luv You.** Em alguns dias estavam nos primeiros lugares das paradas... contrariando todas as expectativas. Na época, Don Powell me dizia: — Nós queremos que nosso público se ligue em nossa música. É fundamental que a platéia participe, jogue o jogo até o fim. É importante demais. Há dois ou três anos, quando estreamos, era diferente. Os espectadores esperavam músicos-prodígio. Atualmente, os músicos dos grupos se valem menos do plano técnico. Todos eles têm bom material. Mas uma barreira se estabeleceu entre o artista e o espectador. Este último se senta e olha calmamente, friamente. Nós queremos que nosso público vibre com nossa música, que ela seja pra ele uma festa onde todo mundo se divirta. É preciso que eles se liberem, e se divitam... Seus cabelos cresceram desde então, suas roupas são mais maneiras, mas a provocação permanece. Eles se colocaram numa posição contestadora, e isso grila, incomoda. São aceitos com muita dificuldade e alguns críticos de **rock** se colocam, frente a eles, numa posição tão fechada quanto a dos críticos de **jazz** com relação ao **rock and roll.** Entretanto são uma realidade, e não se concebe um festival como o Great Western (Lincoln, Inglaterra, julho deste ano) sem sua participação... tornaram-se uma espécie de grupo-líder, representando a atual geração britânica, para quem os Beatles são meio pré-históricos... A vida é assim mesmo...

Em contato com Chandler, a personalidade deles se afirmou, por mais detestável que seja. É natural. Chandler, como os Animals, como Slade, veio das ruas. E Noddy Holder, com sua turma, sua figura pequena e estrunchada, seu jeitão estourado, seu boné, lembra muito, de vez em quando, Eric Burdon...

Dizem que são grosseiros, vulgares, sempre dispostos a provocar... Eu passei um dia com eles. Achei-os de cuca aberta e, com um certo senso de humor... Nunca foi agradável para um figurão tomar uma torta de creme na cara, nem para um burguês receber um chute no traseiro... Carlitos torna isso gozado, faz rir... Slade também...

Sua música é, evidentemente, de uma selvageria pouco comum. Está repleta de uma energia capaz de sacudir as massas. Isso pode ser chamado "apelo aos baixos instintos", mas é a própria alma do **rock and roll**...

— Nossa música, dizia-me Noddy Holder, é uma espécie de **rock and roll.** É difícil explicar, mas digamos que existam diversas espécies. Joe Cocker interpreta o **rock,** é muito diferente daquilo que fazemos, mas é sem dúvida a mesma motivação, o mesmo **feeling.** A música do Slade é o resultado final de nossas próprias experiências, e, de fato, não se pode colocar etiquetas nelas. Nós somos capazes de tocar os estilos mais diferentes. Deep Purple, por exemplo, nunca toca algo que seja diferente de seu estilo. Por outro lado, os Beatles sabiam tocar tanto o comercial como o pesado.

O sucesso comercial de Slade provocou as mais diversas reações na imprensa. Da mesma forma que o Wishbone Ash, eles foram ignorados na França. Mas houve progresso. Já começaram a odiá-los e, daqui a alguns meses, serão idolatrados com mil **posters** coloridos.

A imprensa britânica, por outro lado, viu de cara, nesses quatro sujeitos, os novos Beatles. O que não agradou nada a Slade.

Don Powell, que é uma espécie de porta-voz do grupo, me dizia: — A imprensa diz que todos os grupos que têm sucesso são os novos Beatles. As pessoas acreditam no que lêem, e pensam que um grupo pode ser considerado como tal, e esperam, quando vão a um concerto, ver os Beatles no palco. Mungo Jerry, há bem pouco tempo, era considerado a encarnação dos Beatles. Basta um grupo ter as qualidades necessárias, popularidade, boa música, boa presença, e ser capaz de provocar uma certa excitação que botam essa etiqueta nele. É preciso tudo isso, é claro, mas no final, é o grupo que dura mais tempo e faz mais discos que merece essa denominação... até se separar. Hendrix, quando era vivo, era aclamado normalmente. Depois de morto, tornou-se maior. É sempre a mesma coisa. Foram precisos quatro anos para chegar lá... Os jovens se amarram em ficar em grupos. E os grupos são o reflexo de sua própria imagem. Com os **mods,** há alguns anos, surgiram o Small Faces, o Who... Isto é verdade hoje com Slade, e com outros...

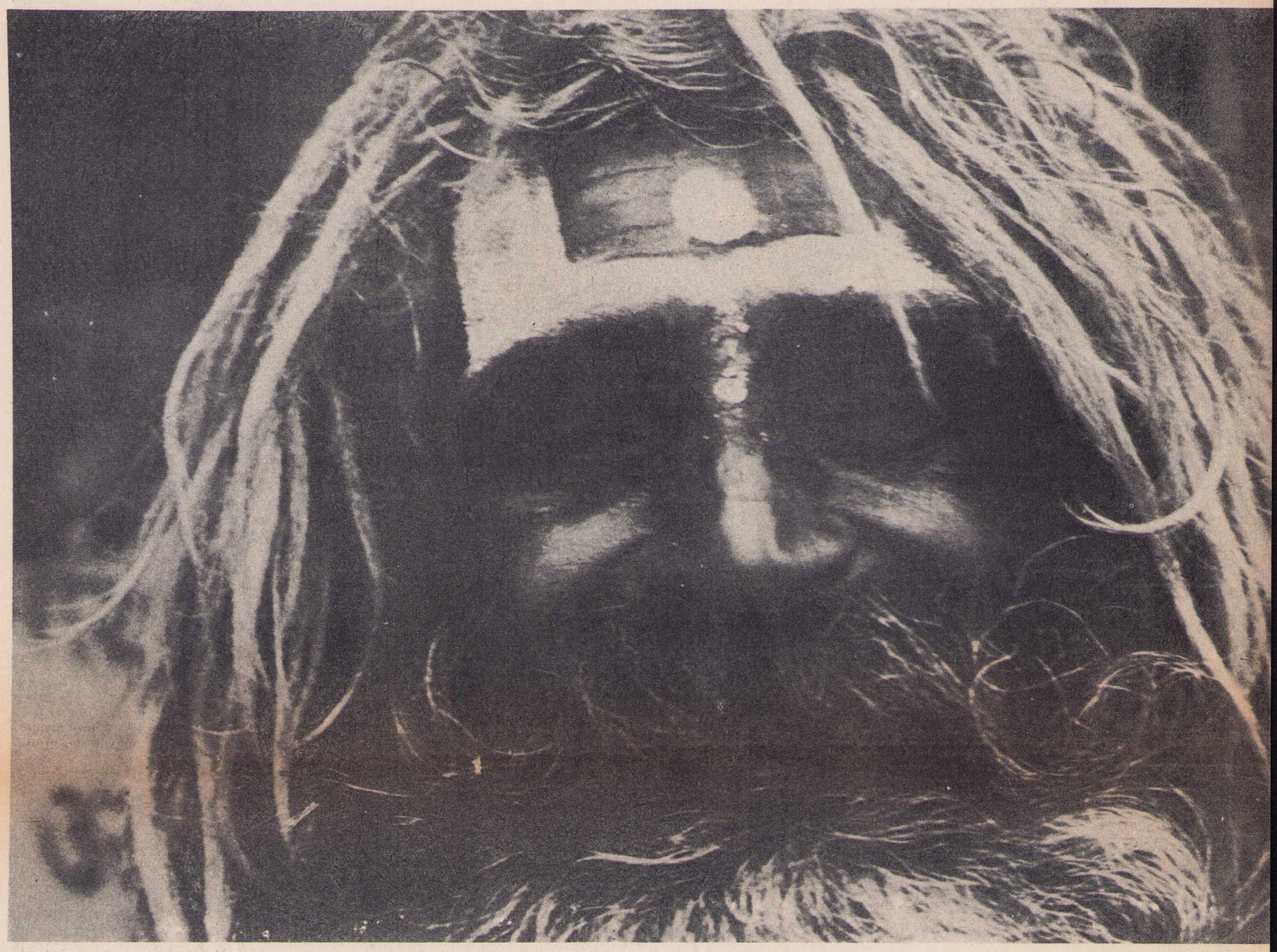
É tão verdade que cada um de seus 45 é um sucesso. E seu último álbum, **Slade Live,** recebeu uma acolhida particularmente calorosa. Eles quiseram gravá-lo ao vivo para capturar o ambiente incrível que reina em cada concerto seu. O grupo tem dois guitarristas. Segundo Jimmy Lee, trata-se mais de dois ritmistas fazendo solos que sosolistas propriamente ditos, como no Wishbone Ash, que Jimmy curte muito.

— No Slade, as guitarras fazem o papel de canto. Eu toco violino, e isso acrescenta uma sonoridade diferente. Nós temos sempre o mesmo **feeling,** mas com violino, é mais completo. Existem grandes diferenças entre certos discos nossos, mas é muito fácil reconhecer, cada vez, que se trata de um disco de Slade...

De fato, Slade marcou de forma definitiva o mundo do **rock and roll.** O que pintará depois, não se sabe. Mas sua enorme popularidade nos terá ligado para a existência de uma nova corrente, com a qual devemos contar, apesar de tudo.

KARL DENNISON

BENARE



(que os hindus voltaram a chamar Varanasi)

Há mais de 2 mil anos seu rio transborda graças,
perdoa os vivos e leva os mortos...

Benares. O Hinduísmo é um poder inexpugnável dentro da alma caótica da India. Aqui, ao longo dessa hérnia arenosa do Ganges, ele dispõe dos sentimentos e das pedras, das vielas íngremes, da multidão empoeirada, do cheiro de estrume, frituras e sândalo, das cores violentas de saris e testas pintadas, da zoeira atroz, gritos, chamados por você, mendigos, moleques, bicicletas, riquixás, cabras, procissões, cânticos, búfalos, risadas — pelo menos mais risadas do que lágrimas pelas centenas de cadáveres que vão sendo cremados, noite e dia, nas margens do rio sagrado. A vertigem tem milhares de rostos!

Na estação rodoviária uma criança agonizava. "A India é um soco na boca do estômago". Um alemão de 26 anos que viajou comigo de Kajuraho até aqui já viu tudo, come de tudo, não pensa mais nisso. Se seu psiquismo é capaz de aparar o impacto, a insegurança, a náusea, como, de um modo ou de outro, o dos jovens sem grana, **easy riders,** que lotam o Tourist Bungalow em Benares (7 rúpias = 1 dólar por dia, sem roupa de cama), esta cidade poderá levá-lo a um inesperado, profundo encantamento. E desde a primeira noite, entre enxames de riquixás que tinem ininterruptamente suas campainhas, os elefantes que transportam madeira, as pessoas que acendem fogueiras pelas calçadas onde vão dormir, as ruas semi-iluminadas por lâmpadas de 25 ou 30 velas...

À beira do rio, no entanto, há o luar de lâmpadas fluorescentes. Os rebanhos sagrados ruminam na areia, os cães uivam, os mendigos são montes de trapos, aqui e ali (se você pisar em algum poderá estar pisando numa perna semidecepada pela lepra — não pense nisso!) O Ganges dorme.

Ao acordar de manhã, coloquei minha mala sobre a cama. Algo moveu-se entre as cobertas, uma ratazana saltou, fugiu para o banheiro contíguo, mergulhou no buraco que serve de latrina. Chamei o criado do hotel (25 rúpias a diária) para isolar pelo menos a porta do banheiro com o tapete do quarto. A poeira que se elevou do tapete, ao ser movido, tornou o ar ambiente irrespirável!

De manhã é a melhor hora para se visitar o templo dos macacos (Durga) que pulam entre as colunas, por toda a volta — irritadíssimos se você os encara. Em outro (Tulsi Manas) todo o Ramayana está escrito pelas paredes, e a estátua de um santo move mecanicamente as páginas de um livro. No principal (Vishwanath, o Templo do Ouro) a entrada é proibida aos não-hindus, mas, da varanda onde se avistam as maciças cúpulas douradas, você aprecia a procissão colorida de peregrinos que chegam batendo sinos, com suas oferendas e água, muitos seminus tremendo de frio, recebendo na testa, dos dedos de um sacerdote que guarda os portões de prata, o sinal santo feito com pó de cor vivíssima: vermelhão, violeta, laranja, carmim.

Mas Benares é o rio. Barrento e silencioso, ele parece fluir também por baixo dos alicerces das casas e se alagar na consciência de todos. Os faquires cobertos de cinza, com a língua perfurada por espetos de ferro, os comerciantes que vendem os melhores brocados de seda do país — produto de um trabalho semi-escravo efetuado nas residências e que todos os garotos da cidade lutarão por mostrar-lhe, levá-lo até lá; os **sadhus** com o nome de Deus tatuado para sempre, dezenas de vezes, por toda a face e cabeça; os trabalhadores que removem eternamente a areia das margens, em cestos na cabeça; os estudantes de sânscrito, da Universidade Hindu; os "siks" altivamente postados ante as caixas registradoras de seus restaurantes de mesas de mármore gasto, boa comida, mas teus lábios já terão criado casca de tão queimados pelo **chili;** os austeros guardas a cavalo; os quiromantes, os encantadores de cobras, os músicos, os santos, patriarcas, peregrinos e vendedores de tudo — todos enfim presenciam, nos minutos de sua vida, a força e o sentido daquela massa fria que nasce na origem do mundo para os abismos, a fé e a morte de cada um.

Os hindus acreditam numa Alma Universal representada por uma trindade de deuses: Brama, o pai, Visnu, o preservador, e Siva, o destruidor, também responsável pelo poder gerador, representado por seu emblema fálico, o Linga. Juntos, eles respondem por tudo o que ocorre no universo e tudo o que ele contém: Siva é a divindade suprema em Benares. Seu emblema está em toda parte, nos inumeros templos, desgastados pelas mãos dos fiéis, salpicado de água santa do Ganges, ornado de flores. Ele reduz o perecimento e a gestação ao mesmo mistério — simples, axiomático, onipotente. De seus cabelos brotou um dia o Ganges, em cuja margem processa-se hoje o brilhante ritual do noivado hindu, com músicos e um passeio de barco, as crianças são iniciadas em sua casta, enquanto, a 200 metros dali, as piras funerárias elevam ao céu seus longos rolos de fumaça branca.

Ao romper do dia, uma névoa dourada cobre os templos e imensos pa-

lácios que se amontoam ne
gem: eles foram construídos
dos templos por Marajás em
mento de suas promessas ou
ver. As elevadas bases grani
peram a monção, quando o
mais de 10 metros. Com o res
dade, também eles estão de
feridos. Ao fundo, os cont
uma mesquita procuravam
abater sobre Varanasi as conq
Crescente, mas hoje também e
santuário hindu.

A cidade inteira dobra-se
Ganges , afunda suas escadar
águas verdes e sujas. Tais são
mosos embarcadouros **(ghats),**
menos contínuos, os cartões
de Benares. No principal, —
shwamedh Ghat — a partir d
ras da manhã a vida borbul
gam os meninos vendedores
e flautas, outros vendem fl
boiarão em pequenas táboas r
guisa de ex-votos, barbeiros se
chão atendem seus fregueses,
nes por baixo dos típicos gu
de folhas de palmeiras en
fiéis, ou lhes lêem os textos
os cães sarnentos passeiam, e
digos, ressuscitados da noite,
em filas escuras aos devotos
cem, com passos rápidos e seg
rio, ao envolvimento purifica
contato com Deus.

Eles se acotovelam pela
abaixo, já pisando os degraus
sos entre barcos ancorados, pr
pilastras. Alguns têm o cuid
afastar com as mãos detri
boiam, flores velhas, espum
de afundar, uma, duas, tr
orando ou cantando; outros c
água em potes de bronze, sem
to limpos, para então devolvê
penetrados ao rio, murmura
credo. Não há lugar discrimi
ra as mulhres, mas elas se

Fotos de Roberto Menna Barreto

faquires cobertos de cinza, a língua per-ada por espetos de ferro; os homens ıtos, com o nome de Deus tatuado na cabe- quiromantes, músicos, encantadores de pente; cadáveres, penitentes, lavadeiras: lo o povo de Benares flui para o Ganges, o da vida e da morte, barrento e silencioso no a eternidade.

enhoras de 70 anos, os corpos spetados nas águas. Muitos e banham somente de sunga, n a hora para escovar os escova é um pequeno galho árvore, cuja ponta os dentes çando até formar os "pelos". zem ginástica com halteres de ocados ali para isso, pois, a- também a ginástica tem mé-ioso. A uma centena de me- a fila das lavadeiras que ba-rosamente as roupas contra , enquanto um homem lava escova toda sua manada de

ente nessa hora matinal que ver uma tribo relativamente Varanasi: turistas. Praticamen-te americanos, eles vêm de-s do Clark Hotel (cerca de , best in town) para um **tour** inutos de barco ao longo da as filmadoras chiando à dis-gura da multidão. Pago 6 rú-barco com eles, é minha pri-ita ao Ganges.

– raciocino — os hindus jo-rio, sem cremar, os cadáveres ças, dos grandes santos (Ma- dos mendigos e das pessoas rem de varíola, porém os peixes também apodrecem na- em todos os rios do mun-poluí-los..." Não estou aqui cionar visões de miséria nem escândalos de cultura. Que al nesse rio de que me fala-ores? Gente se lavando... endo ginástica... gente esco- dentes. Mesmo assim, não uma piadinha de ocasião ao ote onde estamos, os esgotos derramarem-se sobre o rio, passos do local onde um banha:

stá um afluente do Ganges...

Adiante, um saco flutua, e de novo tento uma pilhéria: "Lá está um corpo boiando". Uma senhora americana, esposa de americano aposentado, reage sem compreender: — Where? O remo bate no saco. Posso ver melhor: é um cadáver enfaixado, inchado de água, a cabeça de fora, dobrado para frente como se admirasse a profundeza do rio, e abraçando as águas. Está tão perto que poderia agarrá-lo pelos trapos da nuca e puxá-lo para dentro do barco. A visão é lancinante. A senhora, pálida como cera, volta-se atônita para o guia:

— Is that a **person**... floating?

(Todos os também mais sagrados valores dos Estados Unidos quanto à higiene, aos direitos inalienáveis do corpo, à dor infinita do luto, da morte, gemem traídos no tom de sua voz. Por dentro, a América se convulsiona).

Nosso guia é um brâmane sério, lida com estrangeiros, procura ser habilidoso — Yes, it must be something... Explica que a cremação custa muito dinheiro, há gente então que atira seus parentes mortos ao rio durante a noite, amarrados com uma pedra — porém depois de um certo tempo, os gases, etc. Acontece todos os dias. Contemplamos o corpo que desce vagarosamente a correnteza, a 50 metros da margem cheia de banhistas. Calculo que vá ficar preso entre os barcos ancorados lá adiante. E depois?

Depois? Vinte e dois séculos deram para ensinar esta cidade a conviver bem com os restos dos que aqui viveram, ou para cá vieram, movidos pelo supremo anseio de morrer em Varanasi (seu nome milenar, hoje restaurado na Índia). Mesmo o centro comercial é cortado por funerais. Um jovem, no caminho de Sarnath, trazia um defunto esticado sobre o selim de sua bicicleta. Impressionar-se com quê? Todos vão para o Ganges, para Manikarnika-Ghat, purificar-se na água e no fogo, amanhã suas cinzas estarão espalhadas no rio, sua alma docentemente desaparecida no seio de Siva. Apenas quem morre e é cremado em Varanasi tem garantida a Salvação. Os velhos chegam do fundo do continente com a marca da morte na testa.

Esse fluxo, no entanto, exige pouco dos estrangeiros. Fazendo compras, bebendo coca-cola, apenas dê passagem ao ouvir aproximar-se a ladainha cadenciada pelos pés nus que descem rapidamente as vielas cheias de gente, lojas e vacas, em direção a Manikarnika-Ghat:

Ram Ram Satya Hay
Ram Ram Satya Hay * (1)

Eles cantam enquanto levam o morto numa padiola de bambu, envolto, se for mulher, em cetim dourado ou vermelho (mulher casada), se for homem, em pano branco. Chegam ao rio, molham o corpo na água — aqui mais escura do que nunca — colocam-no na escadaria onde ficará esperando lugar entre as piras que se formam na areia. Os parentes compram a lenha, contratam os foguistas, depois se sentam no cimento, acanhados e sem importância, vão ficar ali mais de 12 horas. Sucede chegar uma vaca para comer as flores que cobrem o corpo, o focinho no rosto do defunto, ninguém a incomoda. Os grandes ricos são queimados numa plataforma mais acima, em pilhas de sândalo.

À tardinha, são quase 10 corpos na fila, outros tantos nas fogueiras, vêem-se os pés e braços de fora, depois as pernas, às vezes o rosto quando o fogo dissolve primeiro a máscara de pano. Aprendo que o que mais custa a acabar no homem é o peito; na mulher, os quadris. Não, o cheiro é normal, de lenha, lareira, ele anula o esperado odor de carne assada, presumo.

Por toda área agita-se uma pequena multidão de foguistas, mais ou menos atarefada, alguns gritando alegremente. De um prédio vizinho, voou agora um saco plástico, cheio de urina, que encharca dois ou três trabalhadores. Todos riem, inclusive os prejudicados, o saco poderia ter caído na cara de uma senhora cujo peito já sumiu no braseiro. Daí a minutos, outro saco. Mais risadas, pilhéria. Da terceira vez, porém, um grupo corre e agarra o garoto autor da molecagem, leva-o até a fogueira onde um braço desamparado dá impressão de pedir a última esmola. Ameaçam torrar o guri, que chora desesperado. Vem o pai, traz outros homens, discussão, gritaria. O primeiro tapa, e rompe uma briga de dez contra dez, vários usando pau com que mexem no fogo e nos cadáveres, tudo entre vários corpos em plena cremação. Um destes, no melhor da festa, levanta crepitando uma perna no sentido contrário ao da articulação, até formar um absurdo ponta-pé, enquanto seu foguista corre pela areia atrás de um desafeto. Oh, Índia! Ao meu lado a criançada delirava com a luta — enfim, um espetáculo bem mais excitante do que mortos que se retorciam, chiavam e desapareciam em escombros negros como sempre.

Para as crianças, desde cedo a cremortos que se retorciam, chiavam e preciso que elas cresçam em sua presença, indiferentes a ela — desenvolvam uma existência perfeitamente familiarizada com sua própria, óbvia, trivial, despercebida destruição. **Burning is learning** — repetem os hindus. **Cremation is education.**

Para nós, é uma lição a ser enfrentada com calma. Aquela fogueira, por exemplo, tem mais de cinco horas e os resultados não parecem agradar a seu autor. Com sua vara ele golpeia vigorosamente o grande tronco negro que flutua de costas sobre o incêndio: "hey! hey! hey! hey" — e a massa de carne absorve cada pancada como uma almofada. Mas não resolve: o sujeito a empurra para fora do fogo, ela rola sobre a areia suja. Da cabeça e dos membros só restam pequenos tocos calcinados, porém do ventre, aberto pelos golpes da vara, afloram as vísceras, rubras e molhadas. Sem pressa, criteriosamente, o homem arruma a fogueira com a vara, um galho desse lado, um tronco por cima, outro tronco colocado em cruz etc., enquanto o grande churrasco fumega ali perto, as tripas transbordando, exposto a seus antigos parentes — existirá ainda uma relação, um reconhecimento? Oh, Índia! O foguista finalmente espeta aquele lombo com a vara e o devolve à sua cama de fogo.

Já quase noite, abre caminho entre você e a multidão alguém levando correndo um pedaço de carne mole, pendurada, parece mover-se, você salta para trás — não, é um grande peixe ainda vivo que o homem acabou de pescar ali no Ganges...

Você quer ver mais a cremação? Os guias só mostram de longe, de barco, alegam que é proibido ir até lá — tolice! Proibido realmente é fotografá-la: caso você tente, um grupo de rapazes fingidamente furiosos, dizendo-se "vigias do Governo", não lhe "multar" em 20 rúpias. Não tente: deixe que eles mesmos venham se oferecer a levá-lo até a janela de um prédio contíguo vazio, onde, depois de regatear, você poderá até bater 3 chapas por 5 rúpias. É claro que eles não são vigias de coisa alguma, mas se você tem a seu lado alguns nativos para defendê-lo, as coisas correm melhor. Não há perigo algum de assalto ou coisa que o valha, exceto nos temores dos turistas de excursão, que vivem nesta cidade um estado de "pânico controlado".

Por isso, vêem-se aqui poucos turistas que de fato trazem divisas. Os escritórios do Governo, os serviços de informação, com distribuição de folhetos, etc. são muito bons, mas a grande maioria dos estrangeiros que encontrei eram jovens com níqueis contados, muitos "nos caminhos de Katmandu", outros **hippies:** um grupo de franceses, um chileno, moravam nos barcos podres do rio, outros mendigavam, virando-se para comprar haxixe. Muitos recebem dinheiro de casa — havia mesmo um jovem milionário que alugara um palácio, atravessava o rio a nado, mora hoje na América mas ainda se corresponde com seu **guru,** Baba Kaushlesdass. Outro, dinamarquês, possui uma loja em Copenhague, tem esposa e duas filhas na Europa, mas decidiu nunca mais deixar Varanasi. Sua esposa veio juntar-se a ele, saltou em Bombaim, pegou tifo imediatamente, teve de voltar para a Europa. Uma americana segue também Baba Kaushlesdass, entrevista-o diariamente, deu-lhe uma coleção de fotos suas na Universidade e em restaurantes e festas em Los Angeles, passo os olhos, é realmente o outro lado do mundo.

Baba Kaushlesdass (2) — você também é o outro lado do mundo. Mora num cubículo em plena Darsashamedth-Ghat, do tamanho de um armário comum, e que, na época da monção, é tragado pelo Ganges e abarrotado de areia. Mas conhecê-lo implica na confrontação com uma inesperada humanidade, e com os sinais de uma sabedoria cuja existência já parecia tão duvidosa como a notícia de **yogues** com mais de 400 anos isolados nas cavernas do Himalaia. Sim, talvez também eles lá estejam, esotéricos e assombrosos, assim como outros passem vários dias boiando, em êxtase, no Ganges, — ma o que importa não será tanto o milagre como a cosmovisão capaz de dar sentido ao completo absurdo de todo esse cenário de vida, dores, obsessões e delírios — e que então descobrimos que pode incluir também **nosso** absurdo.

Nenhum turista de excursão chegará a Baba, e eu próprio (que o seguirei afrontosamente na rua para fotografá-lo, julgando tratar-se de mais um faquir ganancioso e imbecil, e que nunca mais pude esquecê-lo por sua reação bem-humorada, e por seu total desinteresse por dinheiro de qualquer tipo), tive de passar pelo período idiota, depois de reencontrá-lo, de me rir racionalmente do que não entendia. Isso durou até me descobrir, mais idiota ainda, antevendo as pontas de fios intermináveis cuja continuação magnetizam a inteligência porque mergulham em sua própria inquietação. Simples, boa-praça, excelente papo, Baba usa uma ênfase simpática e cheia de gestos para enfocar, a propósito de qualquer coisa, fragmentos de uma revelação que nunca se expõe, mas que parece ressoar irresistivelmente em continentes inexplorados do cérebro - ou do espírito. Ele não tem dentes, usa os cabelos enrolados como cobras, à moda religiosa hindu, e está coberto de colares.

Enquanto conversávamos, horas e horas, bebendo chá com leite, via os indianos que passavam frente ao porão curvarem-se respeitosamente e saudarem seu Baba. Mas ele falava de coisas triviais de Varanasi. Ele será afinal quem pode lhe falar mais fundo de Varanasi: o guia ideal de Varanasi, a partir da evidência de que nada, nesta cidade, tem qualquer relação com os conceitos que trazemos, na bagagem, junto à loção de barba, sobre a existência, finalidade, utilidade de uma consciência divina, ou morte.

E é impossível senti-la e não se transformar de alguma forma.

ROBERTO MENNA BARRETO

ALAN WATTS

No verbete sobre Alan Watts, do DICIONÁRIO DE COMUNICAÇÃO, um breve histórico do pensamento marginal, desde Heráclito até o budismo pop.

Este é o verbete sobre Alan Watts do Dicionário de Comunicação, **escrito por Chaim Samuel Katz, Francisco Antonio Doria e Luiz Costa Lima, que a Vozes vai lançar no primeiro semestre de 1973. O** Dicionário de Comunicação **percorre assuntos que vão da cibernética à lingüística, possuindo toda uma seção dedicada à contracultura, com trabalhos sobre Wilhelm Reich, Norman Brown, C. G. Jung, antipsiquiatria, e assuntos relacionados, estudos sobre a corporalidade e a sexualidade, novas técnicas psicanalíticas e a** inner trip, **e muitos outros.**

Alan Watts, teólogo inglês radicado nos Estados Unidos, é talvez o mais importante divulgador não oriental do chamado "pop zen", havendo em conseqüência conquistado um importante papel nos movimentos de contracultura da década de sessenta.

Alan Watts chegou aos Estados Unidos em 1938, vindo da Inglaterra. Seu primeiro livro, **O Espírito do Zen,** foi escrito quando tinha vinte anos, mas a obra que lhe deu maior popularidade foi **O Caminho do Zen,** lançado em 1957. Este texto tornou-se uma obra **standard** de iniciação ao budismo e ao taoísmo (ou, mais especialmente, ao budismo-**pop** e taoísmo-**pop**) que se amalgamam à cultura de massa contemporânea, ao lado dos ensaios sobre o zen escritos (em inglês) pelo japonês Daisetz Teitaro Suzuki. Uma outra obra de Alan Watts que exige análise é **Psicoterapia Oriente-Ocidente,** onde é feita extensa comparação entre os métodos de psicoterapia no Ocidente e as vias de inscrição e liberação nas religiões orientais.

Qual a relação entre o budismo e o budismo-**pop?** O qualificativo **pop** acrescentado a "budismo" sugere algo depreciativo, como se o budismo-**pop** fosse um movimento "inautêntico" ou "impuro" diante do "puríssimo" budismo oriental. Mas a coisa não é tão simples assim, e em torno do **pop** muita coisa pode ser dita. Uma delas se contém num diálogo entre dois homens famosos, um no Ocidente e o outro no Oriente. O ocidental é Martin Heidegger, hoje em dia o mais brilhante pensador europeu vivo; o oriental é o Mestre Zen de Kyoto. Comentando o filme de Mizogushi, **Contos da Lua Vaga**, disse Heidegger: "ali foi filmado o espírito do Japão". E respondeu o Mestre de Kyoto, "mas o espírito do Japão não pode ser filmado!" Não se trata apenas de uma "barreira cultural", ou da impossibilidade (duvidosa) que teria uma técnica ocidental em apreender uma situação oriental. Trata-se sobretudo da afirmação, por parte do Mestre Zen de Kyoto, de uma clivagem, de uma separação **construída pelo Ocidente** entre o Ocidente e tudo que lhe seja estranho.

O que Alan Watts escreve e que se qualifica "budismo **pop**" é, na essência, o que o Ocidente pensa a respeito do budismo. A "autoridade máxima" em budismo e em zen nestes últimos quarenta anos continua sendo D. T. Suzuki — para os ocidentais, e Watts é, nos seus livros sobre o zen, tudo o que Suzuki é, mas numa linguagem mais acessível e mais organizada. No entanto, bem se sabe que até o zen é muito mais elaborado metafísica e institucionalmente do que está sugerido na sua imagem corrente. O patriarca Hui Neng podia haver sido cozinheiro do convento até o instante em que seu antecessor lhe passou a função; hoje em dia sua história limita-se a servir como um edificante mito. A ascensão ao patriarcado é tão seletiva e afunilada quanto o seria em qualquer instituição religiosa ocidental.

Portanto, a questão sobre a autenticidade do budismo **pop** é uma questão inautêntica. Porque o budismo **pop** como que faz ressurgir uma importante tradição do pensamento ocidental, tradição que vem sendo recalcada e negada há mais de vinte e cinco séculos, e que no entanto insiste e persiste. É a tradição do **pensamento marginal.** O pensamento marginal começa junto com o Ocidente, no século VIII antes de Cristo; sua primeira cristalização se dá no século VI a.C., com Heráclito de Éfeso. A palavra de Heráclito, obscura, sibilina, aforismática, era uma palavra voltada para os marginais de sua época, para todos aqueles que viviam nas regiões sombrias e noturnais da Grécia. "A quem prega Heráclito, o Efésio? Aos que se arrastam na noite, aos magos, às bacantes, às mulheres embriagadas pelo deus Dionysius, aos iniciados nos mistérios. A estes ameaça (com as coisas de) depois da morte, a estes prega (o significado do) fogo". Depois de Heráclito, a marginalidade ao Ocidente ressurge em duas ou três parábolas muito obscuras dos Evangelhos, na mística do Pseudo Dionísio, em praticamente toda a obra germânica (i. e., os sermões proferidos nos dias festivos e copiados e colecionados pela congregação) do Mestre Eckhart; nos poemas curtíssimos e intraduzíveis do místico alemão Angelus Silesius — onde ele se pergunta sobre se Deus existiria sem que ele, Angelus Silesius existisse, ou onde se afirma que "a rosa não tem porquê; floresce porque floresce", em Jacob Boehme (no século XVIII) e em muitas das obscuridades de Kiekegaard, Nietzsche e Heidegger. Num diálogo entre Heidegger e um de seus muitos discípulos japoneses, o japonês ta que, no encontro entre a líng ponesa e o pensamento europeu rece "à luz do dia" uma impossi de daquela língua. "Mas, de qu do?" pergunta Heidegger. A líng ponesa não pode produzir con falta-lhe a potencialidade concei ra das línguas ocidentais, "falta poder delimitante capaz de ordet tidamente objetos". E responde H ger, ainda perguntando, "E o acha seriamente que esta seja u ficuldade de sua língua?"

O conceito traz à luz o objeto lo que se acha no centro da vis margens ficam esquecidas, ficam bra. O pensamento marginal — um pensamento oblíquo, incert pensamento que não afirma, m sugere e ri meio disfarçado — p esta periferia esquecida, negada.

O budismo **pop** é mais um desta tradição marginal. No c Alan Watts, esta marginalidad um nome, **satori.** Watts afirm insistência que "o centro do ze **satori". O satori** é aquilo que est pre à margem, é a margem su indicada, mas nunca descrita, e da. Porque só o conceito é vi explicável, e o **satori** não é co Mas que é o **satori?** Experiência ticas há muitas, e de tipos mu versos. Como traços comuns, as riências místicas trazem em si a riência de uma realidade que n realidade quotidiana. E as cat centrais do pensamento concei lógica, o espaço e o tempo, nã tencem à realidade da experiênc tica. Como traços divergentes, c ticismos cristãos separam-se mui ramente (e com raras exceçõe muitos outros misticismos, o m mo Sufi, ou o taoísmo, ou a misticismo ateu, aquele misticis Sol e da água salgada e da ex cia absurdamente gloriosa da vi lemos em Albert Camus. Neste tros misticismos, nós nos perde nos unimos) ao mundo; no mis cristão há sempre presente a d ça entre nós e a divindade. O tem radicalmente entranhada em divisão platônica entre "realida "idealidade", e esta divisão se ta na sua experiência mística.

Mas o que é o **satori** para Watts? No seu livro **Psico Oriente/Ocidente,** obtemos a re a "cura" no término de uma analítica e o **satori** ao fim da cia do zen são a mesma coisa. idéia original; Jung, ao postu fim da terapia o encontro com quétipo do Si Mesmo", precede Watts em algumas décadas. N detalhes em Watts que não c mos em Jung. Na linguagem de o **satori** é a libertação das "t Maya". Na nossa linguagem, o — a cura analítica — é a " ção" de todas as instituições introjetaram em nós no quot Mas "libertação" como? As asp necessárias, desde que este é o central em todas as dificuldade rentes a uma terapia analítica. dações simplistas não nos aju libertação não é nos "consci mos" de nossas neuroses. Com bém não é fazer-se uma cont social generalizada. Que é a ção?

Numa fórmula simples — **se é viver o próprio corpo.** T refere, em nós, ao corpo, mas é o que, em nós, mais se acha do e recalcado. A experiência é a experiência da união de si com o mundo todo. Meu "sim mo" está em meu corpo, e meu é a mesma coisa que o mundo concreto como o mundo, e é creto do mundo; é duro e ma mo o mundo, e é a dureza e a do mundo. No meu corpo se unidade entre eu e o mundo, corpo se acha a raiz, o núcleo mente da explosão mística. S entrar no próprio corpo. Viver po, viver **no corpo,** é viver um tínua espera. Assim como um navalha onde está convergindo da instante tudo que existe no Viver (n) o corpo é viver numa tínua ausculta", é viver ouvindo vem do mundo, como nos diz genes Harada.

O **satori** é difícil, porque n de mais negado que o corpo. poralidade quotidiana está en espessada por fantasias que de a deformarem terminam por a São fantasias que têm nome: a tuições da vida prática, a lógic cionalidade do espaço e do tem fícil **satori,** difícil viver o corpo

FRANCISCO ANTÔNIO

O REI DO RITMO

JORGE BEN

parentesco com o de Ray Charge Ben gerou um **rhythm & blues** ro. Aconteceu num samba feito ıracatu, Little Richards e uma tração de motos e lambretas nuıça do Rio Comprido — sintonente o bairro passagem entre ıs norte e sul do Rio. Filho de ıivador do cais do porto, Jorge emente não ostentava, mas tinha eróica calça Lee, tantos anos vi- aparecer na capa de seu priLP. Ouvia os sambas e o bloco ılesco do pai e admirava as fesde Ray Coniff, cuba libre, e semris Presley, e principalmente Lithards. Cantava tanto o **Bop a** "que desgraça, rapaz, perdi este do Ronnie Self, que o apelido ıa persegue-o até hoje. Mas o mais velho também costumava a atenção dele para ouvir os tus importados do nordeste peestra do pernambucano Severino ("era dim digundin digundim, no meio solto que às vezes tamırecia com o **rock**". Jackson do o e a sanfona "triste e melode Luiz Gonzaga também en- e não saíam, dos ouvidos daprojeto de compositor.

o, em 61, quando serviu o exér- mistura estava preparada, na Faltava um violão, para os mode folga, quando também pasolhear um velhíssimo método do ta Patrício Teixeira, "que não ıais nem capa".

uma princesa e eu sou um
eu ô ô ô ô ô ô ô
nos serão os primeiros
imo sou eu

ria era verdade para Jorge Ben s ainda Jorge Lima Menezes — ca, como também eram verdaıs harmonias trabalhadas da prinúsica, restos de regras de vioém-devoradas. Ao mesmo tempo ia muito, quando possível, no "não sei porque, a Tamoio só ıava ele de madrugada") um tal ilberto, como se dizia naquele "o fino" do som. Aquele vioıso e sincopado também provoge Ben, mas o máximo que ele ia, era puxar as cordas com o r e o polegar ("as harmonias a-nova eram muito complicadas, sabia fazer") e o resultado final sempre errado. Ironizavam o o a violonista, e quando ele ı pelas primeiras vezes no temıs sagrado da música moderna eco das Garrafas, em frente à a praia onde jogava bola quanou para Copacabana — causou Roberto Colossi, então contrado conjunto de Robledo (e horesário de Jorge Ben) lembra violão de Jorge era a desgraça xistas. "O instrumento eletrifinda não era usado no Brasil e Jorge tocava muito na baixaria ão, resolvia as músicas sempre s menores. Com isso, violão e e embolavam toda hora". Este a passou para o técnico de esıando ele gravou pela primeira n algumas faixas, para evitar contrabaixista tivesse que conıs dedos formando uma aranha s cordas, instrumento e instruforam simplesmente eliminaa o próprio Jorge, compositor ém cantor, o acompanhante e o da marcação rítmica.

e nada
inha frente que eu quero passar
amba está animado
u quero é sambar

Ben aliás sabia que o samba nimado coisa alguma, mas seu de passagem — depois, longa — foi concedido. Principalmenque tratava-se de algo muito música brasileira, houve aquesão de sucesso. Exatamente co- Charles nos EUA, mas sem ı ligação íntima (reconhece o Jorge que, de músicas sempre as mais movimentadas e Ray exceto por **Hit the Road Jack,** no Brasil quase como um canântico).

a-se nos compassos de Jorge a le música oficial dos negros no samba, da mesma forma que ra o **blues.** Neles **(I got a woshe gives me money),** Ray inritmo sem dúvida fácil, potrizante, descendente de uma nercial desde o **one-step,** o **ragswing,** o **bebop;** ao **hillbilly,** ao com perdão da palavra des**soul.** Jorge usou um pouco de frevo, maracatu, baião, o próprio **rock** guardando porém uma distância fundamental: Ray pendia sempre para belas melodia e harmonia; Jorge sofisticava-se quanto ao ritmo.

E é exatamente por ter causado este estrabismo puxado à percussão, que Jorge, até há algum tempo, recebeu pouco dos historiadores da música brasileira. Usando manuais tão velhos quanto o falecido método de violão do compositor, iniciante, estes senhores seguem uma empedernida linha européia de fixação às partes harmônica e melódica das músicas. Jorge Ben emprega esses elementos sem muita preocupação, como os outros fazem com o ritmo, e o próprio ritmo, ao contrário, fica tão livre quanto as imagens fragmentadas de suas letras. Acontecem, por isso, aparentes choques auditivos como **Charles Anjo 45, País Tropical,** onde as letras parecem mais compridas que as músicas, ou **Quem roubou a sopeira de porcelana chinesa que a vovó ganhou da baronesa,** com a impressão de uma ginástica melódica, para alcançar o alongamento do texto. Brotam harmonizações estranhas como as de **Se Papai Gira, Olha a Beleza Dela** (ou **Olha o Balaio Dela,** como não quis a censura). Estouram conflitos de ritmo como os de **Bicho do Mato, Vamos Embora Uau, Dandara Hei, Se Manda, Jorge Well, Charles Jr.** e **Pulo Pulo.**

A tal ponto chegou sua facilidade de criar patentes rítmicas que em 68 — ou melhor de 68 para cá, o uivo da cuíca, a pulsação de uma compacta percussão e uma batida de violão simplificada tornaram-se uma espécie de "som do samba moderno", explorado hoje desde Abílio Manoel, Antônio Carlos e Jocafe, Originais do Samba até Trio Mocotó. Jorge, porém, entra em nova fase de experiências, o que inclui "algumas brincadeiras com o sintetizador eletrônico do conjunto Módulo 1000" e até um soroban, instrumento de cálcular, japonês, transformado em eficiente ganzá nas suas novas gravações.

Morando numa casa elegante, no Ibirapuera paulista, Jorge Lima Menezes, enfim casado com a musa Domingas Tereza, ocupa-se de fotografar os aviões que passam rasantes antes de alcançar o aeroporto. Sua discoteca não é muito grande, mas guarda um ensebado e precioso "Little Richards", com **Long Tall Sally** e **Good Golly Miss Molly** entre as faixas. Apesar de não ser a única coisa que ele gosta de ouvir. Pesquisa numa desfalcada coleção de óperas a **Aída,** de Verdi, e fica admirando-se com passagens isoladas de violinos, curtas intervenções de prato, enquanto lembra de outras épocas, da turma Os Cometas, do Rio Comprido. Bailinhos na Tijuca aos sábados, reuniões numa padaria, ou num inevitável Bar São Jorge, com a Bebel, a Leda, o Rovaldo, o Ducati, o Rubinho, o Pepé, o Valtinho e o Ítalo. Ao fundo, ele está trocando a trilha sonora — agora, muitos aplausos, Jorge Lima Menezes canta no Japão. Inicia sua música e a platéia delira, espantosamente:

Uma vez Flamengo
Flamengo até morrer

TÁRIK DE SOUZA

SOUL NA ZONA NORTE

COM BLACK

Quando o Byg Boy e o Ademir começaram a fazer seus bailes na Zona Norte, começou a se formar tambem uma cultura musical em que o soul de James Brown e Ottis Redding é o principal ingrediente.

As famosas "boates" de luz negra, são ainda hoje muito freqüentadas na ZN, em clubes pequenos onde a maioria das pessoas são negras com grandes cabeleiras "afro".

O Sãdney foi quem me falou dessas boates, e da existência do Black, um negro dançarino, uma espécie de estrela desse pequeno mundo.

Fomos encontrá-lo em Quintino Bocaiuva, num pequeno clube chamado Grêmio Esportivo Vital.

O ambiente lembrava o Harlem, uma quadra coberta, as paredes cobertas de inscrições, as pessoas dançando, James Brown no toca-fitas.

Sentamo-nos na quadra, eu Black, Maria "sua menina" e a "massa Black Power" como ele chama seus amigos.

— Black, como é que é a curtição de música entre vocês, vocês se amarram em rock?

— Eu acho o **rock** legal, mas a gente curte mesmo é musica **soul.** Parece que o **rock** está sendo mais sacado na Zona Sul, porque **rock** é uma curtição mais branca, de quem só gosta de ouvir música. Mas na ZN. a coisa é mais **Soul,** porque a rapaziada de côr quer dançar.

— Na sua opinião, quem são os melhores cantores soul?

— James Brown e Aretha Franklin.

— Vocês são extensão de uma cultura negra que se formou na América num ambiente social de muita repressão e muito racismo. Como é que você vê essa questão de racismo aqui no Brasil?

Eu acho que aqui existe um racismo coberto, uma coisa falsa. Mas também sinto que a coisa está mudando. Nos Estados Unidos existe um racismo reconhecido, mas aqui as pessoas insistem em declarar que ele não existe. Há um tempo atrás, o branco dizia: — olha lá o crioulo agora ele diz: — olha lá aquele negro, e virou até badalação tranzar com negro. Qualquer mulher branca se amarra em transar um negro, agora que é moda. Mas aí tá na hora da gente dizer pra ela — legal, mas eu acho muito mais da pesada transar com uma mulher da minhar cor.

— Quem na sua opinião, é consciente disso no nosso meio?

— Pouca gente. Tem muito negão que usa cabelo "afro" numa de entrar na moda. Mas na minha opinião o Tony Tornado, é um cara que merece respeito pelas atitudes dele. Tanto é que ele foi até proibido de fazer o símbolo do Black Power na televisão. disseram para ele que aqui nao tem racismo.

— E o Pelé?

— Eu acho que ele não tá sabendo de nada. É um cara muito rico e acomodado. No futebol quem sabe das coisas é o Paulo César, o Jairzinho, o Denilson que é meu amigo, o Marco Antônio.

— Existem cantores soul **no Brasil?**

— Que eu conheça, só o conjunto do Dom Salvador.

A esse respeito, eu procuro ouvir os outros, que permaneciam calados ouvindo a conversa. Júlio César é um artista mais intelectual que os outros.

— Eu acho o Tony Tornado um cara muito comercial, e se a coisa dele teve alguma coisa de positiva, agora já está muito desgastada pela televisão. No meu ponto-de-vista eu considero o Tim Maia, o maior cantor **soul** do Brasil, sem dúvida. O Tim Maia é puro **soul.**

Maria, a menina do Black, uma negra muito bonita escuta a conversa, parecendo concordar com tudo o que seu namorado diz, mas o próprio Black me faz a sugestão de entrevistá-la.

— Maria, você acredita na evolução da cultura negra?

— Isso vai depender da luta de cada um em mantê-la viva consigo. Quando se adquire personalidade, a evolução é natural.

— Você tem preferências em músicas?

— Janis Joplin, James Brown, Jackson 5, Gil, Caetano, Gal Costa, João Gilberto, Aretha Franklin.

— Black, tem algum caso de racismo, mais perigoso, que você tenha presenciado?

— Antes, nos bailes realizados no Fluminense, não entrava negro.

— Você conhece Angela Davis?

— Sim, Angela nos Estados Unidos significa a luta do negro, que durante muitas gerações foi escravo de uma sociedade branca e racista, e que hoje adquire sua liberdade ou pelo menos pretende conquistá-la.

Nossa conversa acabou no momento em que o som da "boate" aumentou de volume. Black e seus amigos se levantaram, abriram uma roda e começaram a dançar a msúica **soul** dos negros da zona norte.

DROPE

LUIZ MELODIA, O GATO ELETRÔNICO

Luís Melodia é um genial compositor, cantor e emissário da negritude na música popular brasileira. Autor de **Pérola Negra,** cantado por Gal Costa, Luís Melodia é do Estácio de Sá, isto é: as raízes mais básicas da negritude brasileira.

Mas Luís Melodia é ao mesmo tempo um salto de qualidade, ele é um sofisticado do morro, ou um intelectual de pensamento vertiginoso e que inclui em suas letras toda uma informação, absorção, um assumir de toda sua cultura negra de morro carioca. Orgulhoso de sua cultura, Melodia a meu ver reúne quatro grandes influências motoras:

1ª) a que emana naturalmente de seu meio-ambiente de formação, o morro carioca e a Escola de Samba Estácio de Sá. 2ª) **blues** de Jimi Hendrix e Janis Joplin. 3ª dramaticidade e informação **pop,** certas atmosferas melódico-poéticas que vêm de Roberto Carlos. 4ª) a de Gilberto Gil, o experimentalista, o alquimista da cultura negra brasileira de sofisticação máxima, a quintessência.

Como se vê as combinatórias produzem um produto complexo. Luís Melodia tem em suas composições a consciência e ironia de quem enfoca as coisas com radicalismo, um radicalismo de consciência, consciência de sua negritude, de morro, de compositor de morro intelectual e que vai fundo no amargor da existência, da amargura de sua luta, seus conflitos, e extrai daí não mais um lamento lindo mas complacente, extrai, isto sim, a afirmação de uma alegria ativa, um ironizar criticando, mas sem perder a graça dançarina que é o conteúdo dionisíaco e vital da cultura afro-americana.

Um compositor em conflito, letras em conflito, mas passando por cima e por dentro delas um bálsamo confortador. um bálsamo de alegria positiva aqui-agora, a sabedoria de sua cultura negra de ex-escravos, a afirmação da alegria do momento, em suma o prazer. Uma música muito contraditória que faz a sua ordem e união através da cadência ro ritmo, da herança que vem dos velhos sambas, dos uivos dos **blues** (sambas irmãos lá do norte), daquela cadência que faz explodir em nós paisagens de maravilhas.

As músicas de Melodia são músicas de um homem ágil, um gato, um dançarino, um malandro. Melodia retransmite (agora em linguagem que adquiriu novos níveis de consciência) a mensagem de habilidade e sobrevivência que o samba sempre conteve. A música da sobrevivência, agilidade, pretos de morro sobrevivendo no difícil mundo (e eis o motivo deles retratarem também a nossa dor, pois especialmente no Brasil, os brancos absorveram a cultura negra num nível maior e com muito menos resistências e conflitos do que por exemplo nos USA. A dor de Melodia é nossa dor também, assim como a alegria, quase toda gente em nossa terra sabe batucar, o futebol anda de braço dado com o samba, heróis olímpicos pretos confundem-se com estandartes de Escolas de Samba).

Mas Melodia é um salto nessa consciência, ele já tem atrás de si a televisão, a influência do vídeo, as informações vertiginosas de nossa época, o próprio morro, o próprio Estácio de Sá possui antenas de televisão.

Suas músicas vão de uma ironia sobre o pitoresco, até variações sobre provérbios com emoção patética, até o sarcasmo e a tragédia. Às vezes sua música sofre dissonâncias e preciosismos difíceis mesmo de acompanhar, outras vai para o básico, retorna às raízes em plenitude. É neste ziguezague radical, neste dançar por entre agudos opostos que reside sua força e característica

É 8 ou 80, a unidade deste z gue (digo-o novamente) é fabrica lo ritmo afro-brasileiro do sar banhado em **blues, blues** eletrôn dois interligados, como consciênc americana, ritmo das américas que se reconheceu e identificou, mantivesse em ambas manifestaç racterísticas locais profundas.

Luís Melodia, Estácio **blues,** s o próprio autor, música do ma eletrônico, no fundo um sábio, dade um mestre.

Luís Melodia compõe muito, s verso é tão rico, tão variado, tã sua potência criadora, sua fome, de, sua força vital tão elétrica, q sicas sucedem-se a músicas, com sagens contínuas de uma paisage bulhante, cheia de requebros e malandragens, a vida ali no c lá da base e ao mesmo tempo co aquela visão panorâmica de pa colorida que só tem quem mora do morro, ou que partilha de maneira de sua esfera mágica, d pectiva de subida e descida, b coloridos, tradição cultural com dartes e cores, honras, prêmio História e uma História mitológi tos, cortejos, desfiles.

E ao mesmo tempo o desafio dade, o monstro de concreto qu se transformar a qualquer minut fizer o gesto correto ou disser vra certa e sempre mágica (pois ginal sabe que o mágico é re e a fantasia algo concreto) num de possibilidades. O habitante d ro faz parte da cidade, não é mem do campo, jamais tem a genuidade, ele compartilha de r marginal (e por isso mais profun vê as coisas de um ângulo ab mente original) da vida da cida

O morro, a Escola de Samba e tradição com a cidade e fazend de sua vida, eis o complicado de Luís Melodia! Que paisage Tropical carioca urbana, onde n queza de aparições existe de tu tórias de sabedoria de preto vel nia sobre a vida urbana, diálo empregadas "sacando" a vida troas, visões cósmicas de quem mundo lá de cima, às vezes co ras, simplesmente beleza, xuxu vento, sol, passarinho, outras é só va, que brota muitas vezes, tanta quanto a alegria e a afirmação d com entusiasmo de gato selvag bano.

Eu poderia me estender infinit sobre Melodia, mas prefiro passa um relâmpago, pois é assim qu Melodia, como um relâmpago em pessoa se apresentando: ur elétrico e nervoso com seus olhos sempre sacando coisas, se eletrônico, seu sorriso incrível, u maiores artistas de nossa terra, do com Melodia mil segredos que fundíssima cultura negra tem a mitir, e agradeço a ele, e atrav toda a sua cultura, que é tão volto novamente ao batuque e naval de nossa infância e sempre aos mil trejeitos e gingas aprendi todos nós com a cultura african mil visões e pensamento incrívei tasias que a cultura negra criou hoje estão absorvidas e fazem pa va da cultura brasileira.

Melodia é o poeta do conflito, xão em tom eletrônico e afasta cursões no novo sistema nervoso mem urbano, voltas à velha sa um molho único, peculiar, onde vescência da liberdade é tão forte to as vibrações de sua música.

JORGE M

VOANDO NO RIO Nº 1

JOSÉ SIMÃO
apresenta

MARRETA O BOMBO

com
ELVIRA PAGÃ
RAINHA DOS CARNAVAIS

ELVIRA PAGÃ

MARRETA O BOMBO, ELVIRA!
Mulher maravilhosa. Acesa
Estrela popular

Manchete de jornais e capas de revistas. Coxas e Umbigos. Escandalosa! Bela! Nua!

Quentíssima. Vivia em Passeatas e Carros Alegóricos. Rainha do Carnaval de 1950 e de Todos os Carnavais: Consagrada pelo povo — PASSEATA DA VITÓRIA: delírio das multidões pelas principais avenidas do Rio de Janeiro — de Copacabana ao Teatro João Caetano: a multidão que lota o teatro e suas imediações rompe o cordão de isolamento e invade o trono — "Foi um tal de 'mão boba'... Todos queriam me felicitar e beijar... E como eram tantos, o 'pau comeu'... E foi assim que comecei a ser tida como escandalosa... Ora que culpa tinha eu de ser 'tão boa'?

"A multidão vibrava em mim e eu nela..."

Ferventíssima. Sempre de biquíni. ELVIRA POUCA ROUPA. "O QUE É QUE O BIQUÍNI TEM?": o meu **maillot** dourado de duas peças fora rapidamente cortado da cintura até o umbigo, sendo transformado num minúsculo biquíni. E foi assim que envolta numa capa (estilo toureiro) — que eu abria a pedido da multidão — ingressei no mundo das artes "Paganescas", pois eu, Elvira Pagã, fui criada pelas massas, que sempre viram em mim o que eu nunca tinha reparado... O meu físico escultural que chegou a ser símbolo nacional de beleza feminina, em quase todos os setores da vida artística brasileira.

Estrelíssima. O MAIOR CARTAZ DO BRASIL, por mais de dez anos: frenesi orgíaco sacode as multidões quando ela passa — as escolas-de-samba a acompanham nos seus sambas — os estudantes a envolvem numa manta de vicunha e a transporta em passeatas até o Teatro Santana — a Marinha Brasileira a transporta em carro alegórico — Carne Seca forra sua cela com fotos suas recortadas de jornais e revistas — uma foto encostada numa pele de onça com a dedicatória: "Para Carne Seca, um consolo de Elvira Pagã"; várias fugas do Presídio — "Seria para me ver?..."

Sua produção é intensa. Excursões por todo o Brasil. Sensação em todas as capitais. Comanda os **shows** noturnos Rio-São Paulo. Verdadeiras enchentes nos teatros de revistas — FOLIAS EM BAGDAD — E O NEGÓCIO... TÁ DE PÉ — CUBA LIVRE — ISSO FAZ UM BEM — MARRETA O BOMBO — TOUT VA TRÈS BIEN — O PECADO EM SETE VÉUS — MUITA MÁSCARA E POUCA ROUPA — ETC.... Seus filmes DOMINÓ NEGRO e CARNAVAL NO FOGO fazem o maior sucesso de bilheteria. Ela não se cansa: com o pulso enfaixado e o braço esquerdo paralisado, apos tentativa de suicídio, datilografa com a mão direita seu livro: **Vida e Morte** — transtornada pela dor é que começa a esboçar algumas frases desse livro: "O riso é dor" e "A dor é riso" — "O mundo é éter! O éter é vida, e a vida é gozo..." — "O gozo é a morte em vida... A morte é o gozo final" — Cadeira nº 12 da Academia Nacional de Letras de São Paulo. Exposições de pintura. Nas paradas de sucesso com marchas, sambas e baiões. "ELVIRA PAGÃ, A MULHER DE SETE OFÍCIOS" — PROVOU NA JUSTIÇA QUE ERA ESCRITORA, COMPOSITORA. CANTORA, ATRIZ, BAILARINA, VEDETTE E PINTORA... (**A Manhã** de 10 de abril de 1953). Cantava o samba proibido **Condenada,** que o público exigia, em horários intercalados aos dos espetáculos para driblar os oficiais de justiça.

A TENTAÇÃO EM FORMA DE MULHER. Rainha das Atrizes. Rainha de Todos os Carnavais. Rainha do Micareme.

SOL E SAÚDE. Rainha da Mata: "E a minha felicidade lá no Amazonas, brincando de Rainha dos índios à beira de um manso riacho — Os nativos daquele místico Estado de nossa Federação resolveram sacrificar uma enorme tartaruga de 400 anos num festivo almoço, em meio à densa floresta... Era como se eu fosse a "Deusa da Mata" — Outros vinham com oncinhas e macaquinhos para me ofertarem como dádivas... Fiquei encantada! Queria trazer todos os bichinhos... — Aqueles animalzinhos da Selva Brasileira também estavam ali para me reverenciarem com o seu afeto, a mim e à minha passagem pelo Amazonas... RAINHA DA MATA: um biquíni de pele de onça, adornado com colares de dentes de animais ferozes, como javali e filhotes de panteras. Desta vez a coroa não seria de ouro; mas de enormes folhas verdes de palmeiras, com maravilhosas orquídeas perfumadas... Um véu de nylon, também verde, completava aquela indumentária simbólica da exuberância de nossa mata.

RAINHA DOS PROCESSOS — mulher marcada, como declara, e como tal iria sofrer em luta constante com a negligência do destino, que assim predestinara meu caminho de glória e também de espinhos... Rosário de processos —

DAS NOITADAS ALEGRES NAS BOITES PARA O XADREZ CORRECIONAL.

SOU UMA VÍTIMA DA HIPOCRISIA.

A QUASE FRINÉIA.

A ARTISTA DECLARA QUE PRETENDEM RASPAR-LHE A CABEÇA NA PENITENCIÁRIA.

(**Última Hora** e **O Dia** de 5-12-52).

BARBARAMENTE ESPANCADA ELVIRA PAGÃ (**O Dia** de 15-8-52).

ELVIRA PAGÃ CUMPRIRÁ PENA NA PENITENCIÁRIA DE SP — A BELEZA FEITO MULHER (**O Dia** de 4-12-52)

GOROU A CANA — MEU SANTO É FORTE.

"Nunca me esqueço da voz do jornaleiro apregoando pelas ruas: — "ELVIRA PAGÃ NA PRISÃO" — "ELVIRA PAGÃ NA PRISÃO" — O eco de seu pregão penetrava em minha cela como o gume de um afiado punhal no coração... As lágrimas corriam pelos meus olhos, enquanto um samba nascia...

CASSETETE, NÃO!

(samba de Elvira Pagã)

Eu que nem bem conhecia
Aquele estranho rapaz...
Me viu sentada com outro, ao! (bis)
Cassetete, Não!
Cassetete, Não!
Não adianta, tu não terá meu coração (bis)

Vendo que não conseguia
Me derrubar o cartaz
Pra que eu ficasse marcada, ai (bis)
Mandou-me aprisionar.

Cassetete, Não!
Cassetete, Não!
Tu não terás meu coração... (bis)

"E assim cantava minha história, pois via a única maneira de me defender. O samba **Cassetete, Não!** tornou-se a coqueluche do Brasil e popularizou-se de tal forma, que até os cômicos vestidos de **travesti** o cantavam imitando-me".

INICIADO NOVO PROCESSO CONTRA ELVIRA PAGÃ

DOIS SAMBAS SOBRE SUA CONDENAÇÃO — PODERÁ SER PRESA A QUALQUER MOMENTO

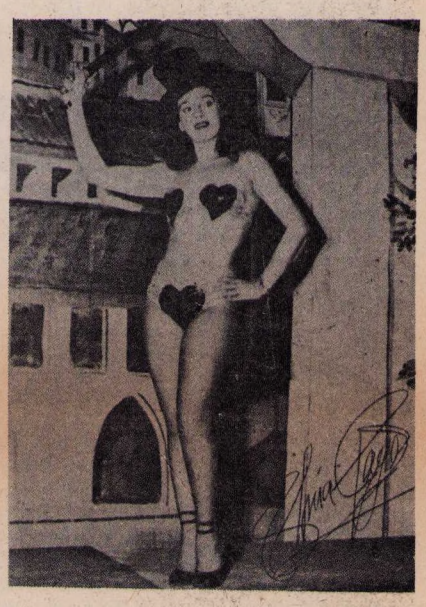
DEPOIS DE ME CONDENAR, O JUIZ QUER TIRAR MEU GANHA-PÃO

CONDENADA ELVIRA PAGÃ A 20 MESES DE DETENÇÃO

VERDADEIRO CERCO POLICIAL PARA PRENDER ELVIRA

NEM SETE DEDOS DEU TANTO TRABALHO

"... — Não havia entretanto tempo a perder! Só tive tempo de agarrar um dos meus biquínis e desaparecer... Uma enorme pedra à beira de uma praia santista foi o meu esconderijo. Meus companheiros: o sol e a lua... A imprensa em geral não parava de falar de mim um só dia, assim como as emissoras de rádio do país. Eu entretanto havia conseguido escapar, escondida dentro da mala do carro. Não foi nada agradável aquele passeio entre os pneus sobressalentes do veículo e quase sem poder respirar... No meio de toda esta confusão, eu compunha um samba, sozinha, longe de tudo e de todos..."



CONDENADA
(samba de Elvira Pagã)

Condenada
Condenada
Fui condenada
Porque neguei meu amor (bis)
Não importa
Não é nada
Perante Deus
É que se vê o pecador

Eu que vivo sempre a cantar
Para o mundo inteiro alegrar
Eu que não posso viver
Sem sol e sem luar
Como é que querem me encarcerar..

REVERTÉRIO

ATACADA ELVIRA PAGÃ POR UM TARADO NO INTERIOR DO CAMARIM

REPELIDO PELA VEDETE O POLICIAL DEPRAVADO — EM REPRESÁLIA FOI PRESA

ELVIRA PAGÃ CRIA UM CASO POLÍTICO

A VEDETE ESCOROU A RÁDIO PATRULHA

ELVIRA PAGÃ DE ESTANDARTE E BIQUÍNI NO TINTUREIRO

ELVIRA PAGÃ EM CENA NUM EXTRA E MOVIMENTADO SHOW NA POLÍCIA CENTRAL

DE ESTANDARTE EM PUNHO DEU ENTRADA NA CENTRAL: DESORGANIZOU OS SERVIÇOS POLICIAIS — DEPREDOU A MÁQUINA DE ESCREVER — DESACATOU A AUTORIDADE — RIU, CROROU E DANÇOU NA POLÍCIA CENTRAL

FOI PARA O DISTRITO CARREGANDO O ESTANDARTE 'MARRETA O BOMBO'

CIENTIFICISMO É RELIGIÃO?

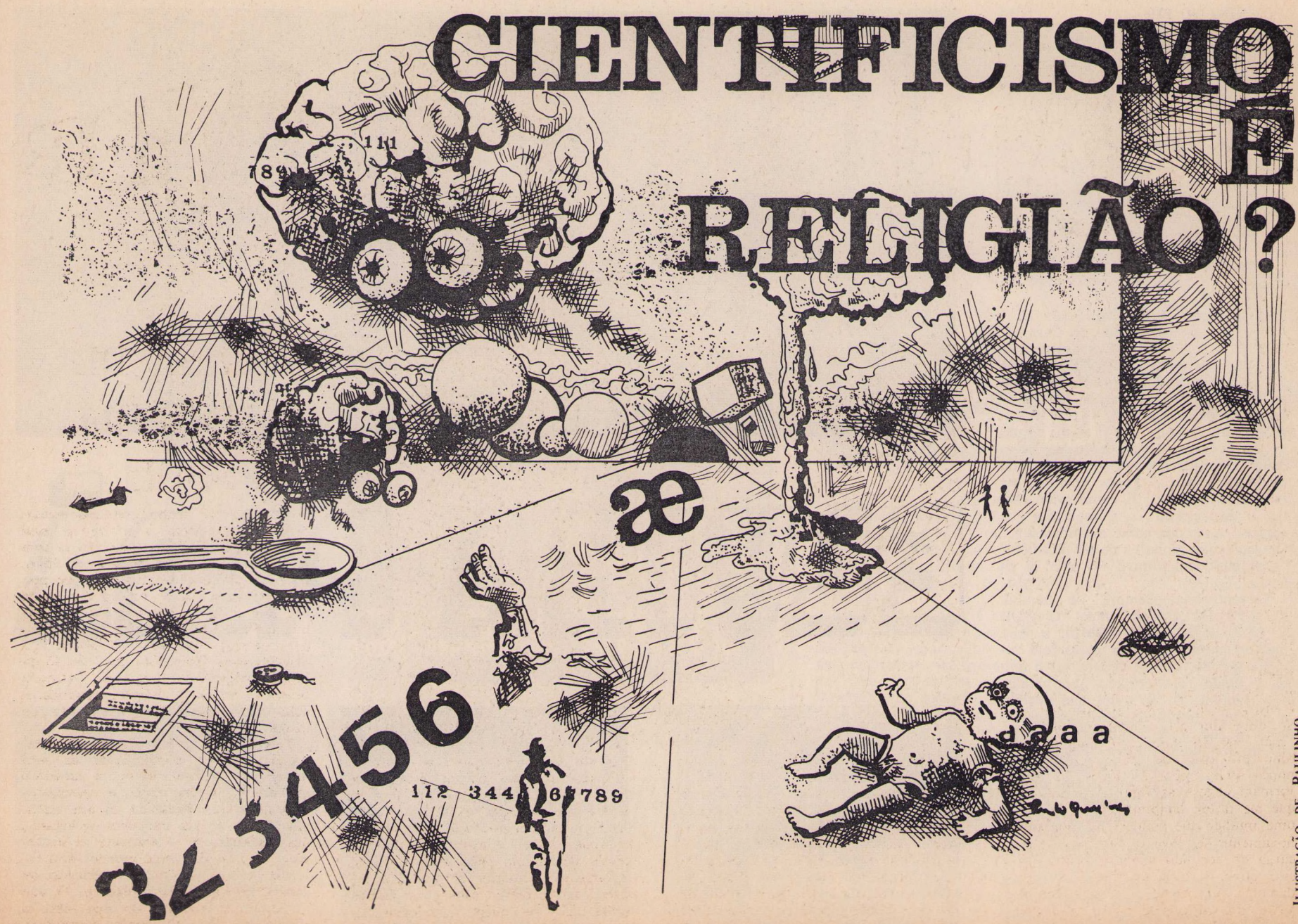


ILUSTRAÇÃO DE PAULINHO

AINDA QUANDO FALEMOS DO CIENTIFICISMO COMO DE UMA RELIGIÃO DOMINANTE, DEVEREMOS NOS PERGUNTAR SE É UMA VISÃO VERDADEIRA DA VIDA. E NÃO DEVEREMOS NOS INCLINAR A CONSIDERÁ-LA VERDADEIRA NO CASO DELA CONDUZIR A UMA CATÁSTROFE OU PELO MENOS A UMA VIDA INDIGNA DE SERES HUMANOS. POR ISSO PENSO QUE A QUESTÃO DE SEU ÊXITO É DE EXTREMA IMPORTÂNCIA. O QUE NOSSA EXPERIÊNCIA NOS ENSINA A RESPEITO DO ÊXITO OU FRACASSO DA CIÊNCIA E DO CIENTIFICISMO? EU CREIO QUE A RESPOSTA A ESSA PERGUNTA DEVE SER NECESSARIAMENTE AMBÍGUA. A CIÊNCIA NOS CONDUZIU A UMA SITUAÇÃO DE DUAS CARAS. A UMA SITUAÇÃO AMBÍGUA.

(C. F. von Weizsäcker, astrofísico alemão contemporâneo)

Antes da revolução científica e técnica dos tempos modernos, a religião era o fator preponderante na vida humana, mas nos nossos dias foi ela suplantada pela ciência. Eis uma afirmação aceita pacificamente, sem discussão, em muitos meios. Mas serão as coisas tão simples assim?

Mircea Eliades, um dos mais competentes especialistas em História das Religiões do nosso tempo, afirma que as estruturas religiosas são inerentes ao ser humano. Numa sociedade secular como a nossa, a religião pode ser eclipsada, mas fatalmente outros elementos virão preencher essas estruturas e atuar como substitutos da mesma. Poderíamos tomar como exemplos o aparato religioso de que se revestiu o marxismo nos países socialistas (culto dos heróis da revolução, o marxismo transformado em dogma, Partido Comunista atuando como uma verdadeira Igreja detentora da única verdade salvadora, etc.) e a fascinação que os super-heróis das histórias em quadrinhos, substitutos dos deuses e heróis das antigas mitologias, exercem sobre muita gente em nossa sociedade.

Mas não é disso que nós queremos falar. Preocupa-nos um problema muito mais profundo, que diz respeito a todos os que vivem no século XX, quer no Oriente, quer no Ocidente: a ciência transformada em religião, ou seja, o **cientificismo.**

É importante notar que a denúncia do cientificismo não se resume num protesto de jovens cabeludos contra a sociedade tecnocrática; no próprio meio científico já se erguem vozes alertando contra o perigo de se encarar a ciência como uma panacéia universal para todos os males que afligem o homem. Na França, temos por exemplo o movimento **Vivre... et Survivre,** encabeçado pelo eminente matemático A. Grothendieck, que edita uma revista com o mesmo nome, visando a humanização da ciência. Na Alemanha, destaca-se o astrofísico C. F. von Weizsäcker, que, em 1959-61 realizou na Universidade de Glasgow uma série de conferências sobre o mesmo tema, posteriormente publicadas sob o título **The Relevance of Science.** No Brasil, o Prof. Fausto Alvim Jr., especialista em Matemática e Lógica Simbólica, levantou o problema do cientificismo no Congresso da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, realizado em S. Paulo, em julho deste ano, durante uma discussão sobre a neutralidade da ciência. Ernesto Bono, médico psicoterapeuta de Porto Alegre, também publicou recentemente um livro sobre o assunto, denominado **É a Ciência uma Nova Religião?**

A. Grothendieck e C. F. von Weizsäcker apontam vários aspectos da ciência moderna que fazem que ela exerça as funções de uma verdadeira religião. Segundo eles, existe um credo, uma igreja e até mesmo um ritual cientificista. O credo cientificista compreende vários artigos de fé, como a crença na ciência como único fator de resolver todos os problemas do homem e a aceitação do método científico como a única via legítima de acesso ao conhecimento, desprezando-se todas as outras. como a intuição dos místicos, poetas e artistas.

Alguns protestarão, dizendo que a ciência e a religião são completamente diferentes, uma vez que a primeira se baseia na razão e no método experimental, e a segunda na fé incondicional. A isso responderíamos que existem religiões que valorizam também a razão e a experiência, como o Budismo, e que, por outro lado, na atitude do homem do século XX em relação à ciência, não é difícil descobrir muitos elementos semelhantes aos da fé das religiões tradicionais.

Com efeito, quantos são os membros de nossa sociedade governada pela técnica e pela ciência que realmente compreendem os princípios científicos nos quais se baseia o funcionamento de seu automóvel e de seu televisor? A maioria das pessoas se limita a acionar os controles de seus aparelhos tal como foi ensinado pelos técnicos e cientistas sem perguntar os porquês. E mesmo que perguntasse, provavelmente pouco entenderiam as explicações.

Sim, porque os cientistas têm a sua linguagem especial, o seu jargão entremeado de esotéricas fórmulas matemáticas incompreensíveis ao vulgo. Assim como as antigas religiões tinham seus mistérios e suas línguas litúrgicas inacessíveis aos iniciados, os cientistas de hoje expressam suas teorias numa linguagem só entendida pelos especialistas. A atitude do homem do povo frente aos cientistas, seu saber e os resultados práticos do mesmo é pois bastante semelhante à das multidões de outra frente aos sacerdotes e seus mistérios: uma atitude de fé pura e simples. E esses cientistas, organizados em sociedades de estudos e academias fechadas, realizando congressos em que são lidas comunicações compreensíveis a eles mesmos, publicando revistas e livros incompreensíveis ao homem da rua porventura não se assemelham a uma nova hierarquia sacerdotal? Os simpósios e colégios científicos não lembrarão um pouco os solenes conclaves das antigas confrarias eclesiásticas? O aprendizado não representará algo semelhante a um ritual de iniciação à religião da tecnologia e do cientificismo? O cuidado com que certas pessoas cercam seu automóvel ou outra máquina qualquer não apresenta às vezes um fervor quase religioso?

Essas brevas considerações são suficientes para mostrar como da atitude do homem moderno frente à ciência realmente está surgindo uma nova religião, o cientificismo. C. F. von Weizsäcker, através de um apanhado da história da ciência desde suas origens até nossos dias, apresentado nas conferências supracitadas, mostra que o surgimento do cientificismo foi quase uma fatalidade histórica, visto que o pensamento científico ocidental foi fruto da secularização das idéias da principal tradição religiosa do Ocidente, ou seja, do Cristianismo.

As funções dessa religião são ambíguas por natureza. A crença irrestrita na capacidade dos cientistas para resolver nossos problemas parece se justificam por um lado quando consideramos eventos como os espantosos progressos da medicina, por exemplo. Mas mesmo este aspecto positivo não deixa de ter aspectos contraditórios: a diminuição da mortalidade infantil motivada pelo avanço da medicina conduzindo aos problemas de superpopulação e escassez alimentar. Mais trágica é ainda a situação se verificarmos que a mesma ciência que salva vidas ameaça destruir o meio ambiental através da poluição e pode a qualquer momento encerrar a história da raça humana e do próprio planeta através de um espetacular festival de explosões nucleares.

Como podem os mesmos cientistas que trabalham pelo progresso e bem-estar da humanidade ocuparem-se ao mesmo tempo de pesquisas sobre diabólices processos de destruição em massa como as bombas nucleares e a guerra bacteriológica? O Prof. Fausto Alvim Jr. vê a causa dessa ambiguidade do cientificismo na própria atitude dominante do pesquisador científico de nosso tempo, que se caracteriza por uma desvinculação entre seus aspectos humanos e sua atitude profissional. Assim, um cientista que se comporta como um pacífico cidadão, amante da ordem, respeitador de sua família e das pessoas com que convive pode, no laboratório, realizar pesquisas sobre extermínio em massa sem o mínimo peso na consciência, em nome de uma pretensa "neutralidade científica", outro mito da religião cientificista.

Um dos caminhos para o cientista de nosso tempo superar os problemas causados pelo cientificismo seria, ainda no dizer do Prof. Fausto Alvim Jr., uma reaproximação com a atitude do mago.

A magia e a ciência possuem muita coisa em comum. Ambas procuram, embora com métodos diferentes, agir sobre a natureza, provocando efeitos favoráveis ao homem. Uma das diferenças fundamentais está no fato de que, se na ciência há uma dissociação entre a pessoa humana do pesquisador e seu trabalho como cientista, o ritual da magia pressupõe um envolvimento total da personalidade do mago, como mostraram Sir James Frazer e outros antropólogos estudiosos do assuntos. Assim, uma atitude do cientista de engajamento total de seu lado humano no trabalho científico poderia, eliminando o insidioso mito da "neutralidade da ciência", abrir caminho para uma ciência desvinculada das contradições e ambigüidades inerentes ao cientificismo.

Cientistas de todo mundo, tornai-vos novamente magos!

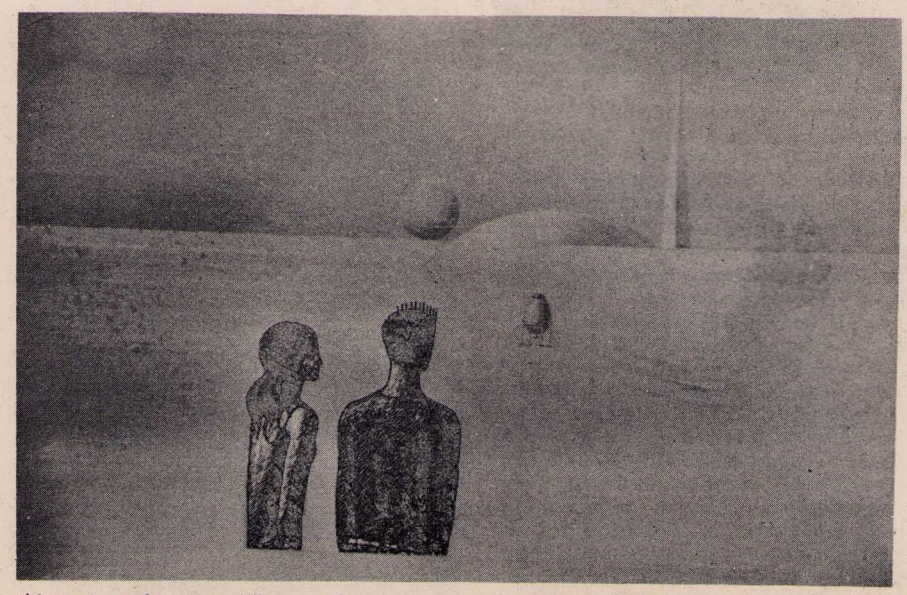
PROF. DR. RICARDO MÁRIO GONÇALVES
Universidade de S. Paulo

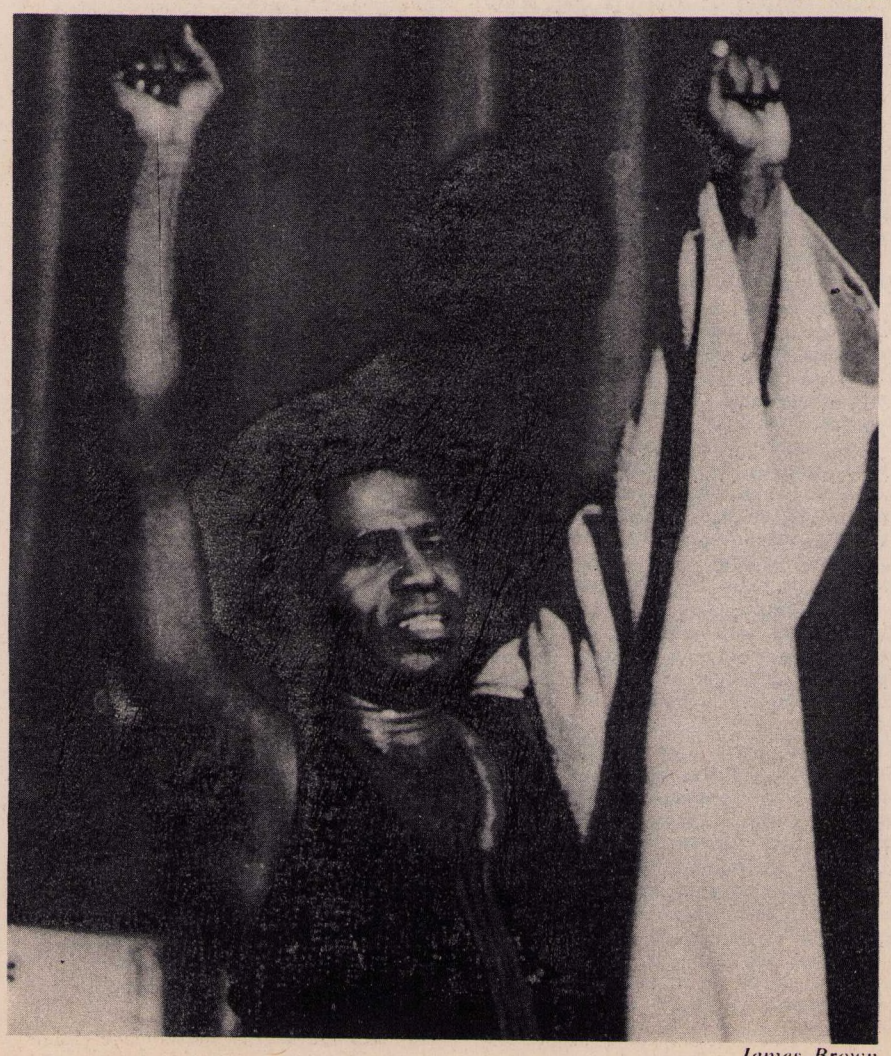
RECADO DO LEITOR

EU, SOCIEDADE ANÔNIMA

no gravador chico canta "esperando, esperando o trem", na rua o ronco dos carros com seu barulho característico de tarde de sábado; no apartamento de cima o ruído da descarga da privada juntamente com uma batida de porta doente; na mesa "gide" de g. W. ireland faz-me companhia; no céu o azul se esconde, aquele sol bonito de manhã parideira desapareceu, agora um céu morto, um céu cor de chumbo chupado é visto. ainda do apartamento de cima se ouve um grito falado de criança: "mãe, me dá comida, tô com fome!", olho pro chão de tacos, interessante, nunca tinha reparado antes, os tacos formam sugestivas figuras geométricas, que me fazem lembrar não sei por que uma mulher que conheci na montanha. novamente se ouve o barulho de descarga do segundo andar e penso: "pô. esse povo tá com diarréia?!" e seguidamente, um ruído de porta gemida. passo uma vista pelo quarto, um quarto simples, um quarto de gente que morre dizendo bom dia. nada nas paredes amarelas e rugosas, apenas um interruptor, um palavrão, escrito por godô e um cartaz que anuncia o filme "a margem". na mesa velha e suada, em cima dela só livros, livros, algumas fitas, um filme virgem, virgem como anita? um desodorante, um jornal de trinta de maio, uma máquina que já não escreve mais, cansada está ela, como estou eu agora a esperar a coragem chegar. acaba a fita do gravador, imagem bela e linda de madalena que chico cantava fica no ar vomitado do quarto. na janela do sobrado em frente uma mulher sorri. no chão preto do asfalto um negro chora. o sorriso branco da mulher, o choro negro do homem. levanto-me, vou à janela. cabeças, seios, pernas, braços, olhos, flutuam. na janela em frente o sorriso branco da mulher ainda sorri, o negro seguiu sua caminhada. saio da janela, deito-me novamente e rememoro minha vida até aqui. desde quando me dei por gente, se é que sou, tudo me vem à mente. de todos os poros partem recordações, olho-me todo e dos meus um metro e setenta de altura penso uma besteira. uma besteira? penso em minha origem, sinto-me infinitamente pequeno, dentro de minha mãe ainda. sinto agora o quarto, as paredes, como um ventre materno a me acolher. "liga a tevê, celsinho, eu quero ver a novela", uma mulher dizia no apartamento de cima. o vidro das janelas molha-se, uma gota de chuva, duas, três, enfim milhares delas se espalham de encontro ao vidro. chove. chove uma chuva medrosa. ela tem medo? medo de quê? eu tenho medo? esqueço. sinto que estou deitado sobre um livro, é um dicionário, pego-o e jogo-o no chão do quarto. a chuva passa, as gotas dágua desaparecem do vidro, volto à janela, a rua lavada escorre água, um menino negro e nu brinca com a água. um frio e um freio surdo, um carro pára. um homem dele salta e diz misérias a um outro que amarelo e redondo de vergonha, dor, medo, levanta do chão de asfalto e esquiva-se de mansinho do povaréu que se forma em volta. ainda o sigo com os olhos, anda com um andar de pato gordo e lembro-me quando ele dobra a esquina, de policarpo quaresma, personagem de um livro que li há uns dois anos. estou aqui na janela, na rua jandira passa e acena. uma bela mulher, sua imagem de virgem medieval se perde na podridão da rua. rostos e mais rostos, novos, velhos, gastos, chupados, batidos, amarelos. no chão os pés pisam com raiva. desgraçado? um menino vende os jornais da tarde e mais abaixo enquanto o rapa não vem, um camelô grita seus artigos: remédios pra constipação, espinhela caída, dor de barriga, prisão-de-ventre, verme e tudo quanto é doença matadora. no ponto de ônibus, sentado no passeio do chão da vida, um branquelo sorri: uma mulher subira no ônibus e ele vira "céus e terras". um outro rapaz passa e diz: "pegando lance, hein descarado!" volto pra cama, já uma penumbra de fim de tarde invade o quarto e uma vontade imensa de morrer me toma todo. por que? no apartamento de cima uma criança ainda chora: "mãe, quero ver o filme do batman". sinto uma vontade louca de morrer, de deixar tudo isto, de partir pra outra. o que virá depois? tenho medo? não sei, sinto apenas, uma vontade de morrer. já agora a noite invade bravamente o quarto, aquela escuridão total me lembra a morte. por que quero eu morrer? na rua um pedaço de mulher pede esmola. acendo a luz, ligo novamente o gravador. olho a rua toda iluminada e vejo em todas aquelas luzes um sinal de morte. vejo em todas aquelas caras de gente que passa, naquelas coxas de mulheres um sinal de morte. encaminho-me pro armário, lá estará um revólver, uma navalha sei lá?! sigo sem medo. nunca imaginei isto, sempre tive medo de morrer, e agora? na rua um peçado de esmola pede mulher. aproximo-me do armário, abro-o: um revólver. um revólver está ali à minha espera, não sei quem o colocou ali, nem me interessa saber. pego-o. nunca peguei num revólver antes. será que tem bala? olho, há uma. aproximo a arma de minha cara barbada. alguém já me disse que o tiro certo é no ouvido. aproximo descaradamente a arma do ouvido. não estou com medo, sinto-me todo dela. coloco o revólver no ouvido. penso num segundo dezessete anos de vida vivida. vivida? aperto o gatilho, uma profunda dor me invade o cérebro e o corpo. caio ao chão. a mulher do sobrado em frente ainda sorri um sorriso branco. e o negro? no jornal que está perto de mim, ainda leio: "um avião comercial do japão caiu ontem com cento e sessenta e duas pessoas a bordo..." já nada mais vejo, nem sinto. estou morto. morri.

ROGERIO REIS





James Brown

A MISSA DE SÉTIMO DIA DO SOUL

Ultimamente tenho escutado muitas pessoas declararem a morte da *soul music*, que *soul* já era, que não tá com nada e outros papos brabos semelhantes. Esta afirmação tem partido de pessoas até gabaritadas como é o caso de Big Boy e Jorge Mascarenhas, pessoas que assinam colunas em jornais de grande penetração na massa. Embora seja suspeito para falar disto, pois sou fã da música negra, do samba de batucada brasileiro ao *gospel* religioso americano, acho estas afirmações um tanto ou quanto radicais.

Tenho visto, e isto admito, um decrescimento de popularidade da *soul music* pois deixou de ser a novidade que era há algum tempo e conseqüentemente menos badalada do que antes, quando era tocada em todos os lugares, das festinhas de 15 anos até as boates mais da pesada e todo mundo vivia falando em som de crioulo americano, de James Brown a Otis Redding. O que me dizem os coveiros do *soul* sobre o suecsso do Sly and Family Stone que, depois de algum tempo destacados, voltaram colocando várias músicas nas paradas com Family Affair e outras do mesmo LP. Não sou nenhum entendido em discos, mas tudo leva a crer que Aretha Franklin, Four Tops, Diana Ross, Supremes, Jackson Five, Temptations, para citar os conhecidos e mais comerciais, vendem discos às pampas, não tanto como antes, é claro, mas o bastante para se ter a certeza que o *soul* não está morto (o que seria a falência da *Motown*) como dizem as aves de mau agouro que andam por aí. O que posso dizer a estas figuras é: o que é bom fica, para sempre, e o *soul* é bom, basta você escutar Otis Redding cantando *Sittin In The Doch Of The Bay* ou *Funky Street* ou Aretha Franklin cantando *Eleanor Rigby* dos antigos Beatles Lennon e McCartney para perceber isto, e não é preciso muita cuca ou sensibilidade pois tá na cara.

Nesta época em que todos os músicos bons de *rock* se dizem influenciados por música negra no começo de suas carreiras ainda há bunda mole que fala que o *soul* já era e de noite vai rebolar na boate ao som de James Brown. A única coisa que eu discrimino em música é se ela tem uma melodia boa ou ruim, se tem uma letra que diz algo importante para se ouvir ou só diz bobagens tipo *Sugar Sugar* dos Archies sucesso há muito tempo atrás. O que menos importa para mim é se é *bitter sweet rock, rock, blue, folk song* ou valsa que está na moda. Pensar o contrário é ser influenciado pelos meios de comunicação que querem que você compre o disco, não importa quanto tempo que a moda vai durar, se é boa ou não, e isto é caretice da grossa, se despersonalizar para servir ao sistema. E caretice eu não suporto em mais ninguém.

SOULMANÍACO

DIA DA CRIAÇÃO

Dia da Criação
Dia 36. Celebration Day
Pintou.

Eu sou um anjo. Eu sou Ademir. Eu tou de costas p'ra provar ki anjo tem costas. O bode tá solto e vai comer todo o gramado (Risos) Ah! se manifestaram, né?

Tou escrevendo isso sob os céus de Caxias. Sábado 14 de outubro Estádio

SEGUE

CARTAS

Prezados Senhores,

vossa revista é uma indignidade pública. O governo deve tomar providências contra esses absurdos abobados. Por um incidente um exemplar me chegou às mãos, e escrevi por sentir necessidade de puni-los. Me deixa muito triste o pensamento de que existe uma juventude tão deprimente nos lares do nosso querido Brasil.

Jaime Cunha Brás
Taguatinga, GO

Aí rapaziada,

por que vocês não publicam uma reportagem com o Chuck Berry? Vou dar a maior força escrevendo matéria para a página de críticas de discos,

Della Torre
Rio de Janeiro, GB

Alô moçada,

como fã e assinante amarradíssimo dessa curtidíssima revista, peço a vocês maior divulgação dos conjuntos Humble Pie e Cactus, pois os homens merecem. E se possível as letras de **School's Out**, de Alice Cooper.

Ronaldo Tadeu Reale
São Bernardo do Campo, SP

Meu querido Maciel,

vibrei com a reportagem do juiz Hélio Sodré (**RS** nº 26) intitulada **As Drogas e o Direito,** as transas incríveis do Lapi, as letras do **Exile** e o som lindo do ELP. Gostaria de saber o que Os Novos Baianos estão transando, e de mais reportagens com o Who.

Julinha
Santo Ângelo, RS

Mister Maciel,

tô gostando pacas do jornal, mas gostaria de mais letras de músicas, de gente como o Free, Rod Stewart, etc., tá legal?

Hiroaki N.
Rio de Janeiro, GB

Bichos,

não gostei de ver publicadas todas as letras do **Exile On Main Street** dos Rolling Stones (**RS** nº 26). Pô, vocês estão fazendo muita badalação em cima deles, assim já é demais. Por que não publicam as letras de Alice Cooper e Emerson, Lake and Palmer? Olha, gosto muito do jornal, mas por favor parem um pouco com os Rolling Stones e liguem o som para outros.

Shazan
São Paulo, SP

Maciel,

procuramos o pessoal da revista **2001,** mas a redação está fechada. Como um deles (Paulo Coelho) já escreveu para o RS, poderia nos dizer onde encontrá-lo? O assunto é de extrema importância.

Maria Elisa
Rio de Janeiro, GB

— Olhaí, Paulo, estão atrás de você.

Ao **RS,**

o jornal está cada vez melhor. Toda a minha força pra vocês, caras. Os ns. 19, 21 e 23 não chegaram. Gostaria que vocês os enviassem o mais breve possível.

Celso Nogueira
Porto Alegre, RS

— Vamos providenciar a remessa dos exemplares.

Sr. Editor,

estou numa de curtir muito som, peço a vocês que me indiquem um professor particular, ou alguma escola onde se aprenda a tocar bateria e guitarra.

Dan Finkel
Rio de Janeiro, GB

— Dê uma olhada nos Classificados, Dan. Pinta muita coisa lá.

Municipal Dia da Criação. Tá tudo tão lindo. 3 000 pessoas juntas. Só se curtindo, um curtindo a companhia do outro. Sem grilos. Só tá faltando você que tá me lendo e não veio. Num vou mexer no que eu escrever. Vou dar uma de documento verdade. Ademir distribuiu velas, estão pintando fogueiras, a moçada curte o som dançando em volta do fogo. Há uma deusa entre nós. Com sua longa bata camisola cor de vinho. Ela dança, pula, está onipresente, está onde se olhe, onde se pense. Sir Gay já teve aí. O Terço, Paulo Cláudio Maurício (ou Alfredo João Antônio, sei lá) Quantas oportunidades você perdeu por não saber dançar? Quantas oportunidades você dançou por não saber perder? Oportuna pergunta. Quanta gente já não dançou por não saber... O Terço inflamou. Todo mundo se levantou, se refletiu no espelho e dançou. Por falar nisso vicê já tem o compacto do Terço? O **heavy sound** brasileiro tá pintando. Vamos dar uma força que é tudo gente boa. Estava marcado pra meio-dia. Começou às três (15 h). Quem transa com conjunto entende isso. Num é fácil botar tanto fio pra funcionar a um só tempo. Geralmente conserta-se um troço e escangalha outro. É soda! O que pinta de **plug** arrebentado, mau contato e fusível queimado num é normal. Mas tá valendo a pena. Um barato. Eu já me perguntei várias vezes. Adonde é ki eu tou? E já ouvi várias pessoas ao meu lado perguntarem a mesma coisa. Num tem essa de drogas não, cumpade, se você tá pensando nisso. Drogas me fazem lembrar a imagem das tumbas brancas onde já vi sumir quem eu amava. Num tem dessa não, cumpade. Liverpool Sound baixou com um improviso muito louco perguntando se a gente queria som ou se num tava nem aí. Depois tocaram um **blues** desbundante. Os dedinhos do solista falaram e disseram. Há quem diga que atrás da montanha azul etc.... foi um **blues** meio em cima **blues** em dó sustenido (People People People) de Hendrix Pai nosso que está no céu e entre nós em espírito e verdade mas foi um barato. Módulo Medula 1 000 baixou de sintetizador e todo mundo parou e curtiu o som século 26 (**Feel so hypnotized... in this crowd... sleep... feel so mesmerized...**) Módulo Medula 1 000 deixou todo mundo em suspense, inclusive outros grupos com seu som concreto sintético, me estripou, me virou do avesso. Ouvi um **blues** sintetizado — Daltonismo Hermético — todo mundo bodeou, esquizofrenicou-se. Você já ouviu Módulo 1 000? Se não ouviu procure ouvir e tem LP na praça **Não Fale com Paredes,** é o nome. O **rock** rural, o **country** brasileiro pintou na localidade com Rui Mauriti Trio e Sá Rodrix e Guarabira. Todo mundo foi no Caipira Sound de **Nos Cafundó do Zé, Hoje é dia de Rock** e o hino do pessoal da estrada **Apesar de minhas roupas rasgadas eu acredito que vá conseguir. Uma carona que me leve pelo menos à cidade mais próxima** e pelaí foi. Fagner com sua viola só também deixou todo mundo bodeado, com seus números ricos em harmonia complexos e simples ao mesmo tempo. Apresentou três minutos, chamou o FIC de quermesse e levantou voo pras andas do ribeirão. Adonde é ki eu tou? Lena Rios, Grão granulou de caniço e samurá, Rock Ebó desistiu de tocar. Grilo anuncia — Uai? Bicoz? A noite correndo, trotando por nossas cabeças, os vizinhos tentando dormir. 02:30 da matina Diana e Stul (alilás de compacto novo na praça **Ai que dor** é o nome. Ki praça? sei lá qualquer praça que tenha loja de disco) pintando no palco. Sombras em toda volta do gramado dançando meio às luzes coloridas. Pepe lá de cima mandou chuva. Pra evitar curtos e altíssimos circuitos teve-se que parar. Mas ainda tinha gente, entre outros, Paulo Bagunça e a Tropa Maldita, Massa Experiência.

Romaria organizada. Agora tá todo mundo no Shopping Center — Rodoviária de Caxias esperando ônibus pintar. O pessoal do Rolling Stone esteve por aqui, mas eu não conheço ninguém, queria entregar isso a eles pra evitar a defasagem que há entre momento que se escreve e publicação, se for publicado. Mas num deu. Sei lá eles podem morder. Ou eu posso — melhor evitar. O povo de Caxias ficou meio espantado com tanto desbunde na sua (deles) cidade. Mas receberam bem, um pouco assustados com esses dois homens e uma mulher que estão esperando o ônibus também, mas no geral tudo certo. Só tem uma coisa: tinha lugar pra vinte mil. Só pintou três mil. Onde estava você? Você viu o que perdeu? Foi bom ser em Caxias, ser longe, pois só foi lá quem tava a fim de som e não de zona. Agora promete — promete pelas suas frieiras, pela sua fimose, pelas suas pregas que na próxima você vai. Te espero lá. Ah, ia me esquecendo, Pessoal que tiver a fim de fazer outros concertos ao ar livre. O pessoal de Caxias foi perfeito. O grilo comum de concerto ao vivo é que não se ouve a bateria por que não é amplificada. Aqui eles encheram a bateria de microfones e o som tava legalex. O som de todos os amplificadores estava atrás e nos lados direito e esquerdo dos grupos. Assim, não só os grupos ouviam o que estavam fazendo, o que é essencial, mas também o público sacava tudo. São 3.25 tá pintando o ônibus pro Meyer. Vou dar pinote. Caxias velha de guerra. Todo o meu amor.

Não é mais dia 36
Tudo começa outra vez
Esquece não pensa mais...

JAMARI DA COSTA FRANÇA

EU, O MONSTRO

Falô Bicho — Tudo Prafrentex?

Eu sou mesmo um Boy, que é uma brasa, mora?

Pois vejam vocês: eu tenho 29 anos, trabalho de office-boy (ou é man?) nas Lojas Marabraz, moro na Mooca, tenho mil pequenas, e paquero muito. Tenho também um carango com escapamento aberto, vidro bolha (de plástico alaranjado...), antena de rádio (como não deu para comprar o rádio, eu uso o de pilhas) com 2,5 m de altura, com uma meia de mulher na ponta. E eu já ia me esquecendo: o meu carro é um Simca. E agora, como esta é uma revista jovem, e como eu também sou jovem, eu vou dizer quais são os meus gostos musicais: Em primeiro lugar, sem dúvida, ocupando metade do meu coração, o Jerry Adriani. (...)

Em segundo lugar, ocupando a outra metade, estão: Antônio Marcos, Vanusa, Agnaldo (os dois), Paulo Sérgio, Roberto, Erasmo Carlos, Vandeca, Vandeco, etc....

Bem, e agora eu vou falar dos meus hábitos:

Nos dias de semana, eu trabalho, como já disse, nas Lojas Marabraz, e à noite, depois de assistir minhas novelas, e meus programas, dou umas voltas com o carango, pra faturar umas gatinhas prafrentex, mora?

Nos fins de semana, dependendo do tempo, ou eu fico em casa e assisto os meus programas prediletos (Sílvio, seu Flávio, ou Bolinha) ou eu desço a serra e vou para Santos com a turma lá da loja, para fazer um pic-nic na praia, com bastante macarronada, bananas, laranjas, etc.... e os meus queridos discos do Jerry.

Outra coisa que eu já ia me esquecendo, é a minha namoradinha, a Cícera. Ela é super da jovem guarda (como eu). Ela já até se inscreveu de Silvete... (mas não foi aprovada). Ela tem 25 anos, é do Acre e o seu único defeito, é que ela não tem os 4 dentes da frente, mas mesmo assim, eu amo ela!!!

Tchau.

E a pensar que existe gente assim...

Quando eu começo a notar essas pessoas e a comentar com os amigos, tirando uma da cara deles, e me divertindo paca, eu fico supergrilado, curtindo uma de reflexão, e aí, eu chego a pensar que eu sou um monstro, um cara sobre-humano, sei lá, algo que detesta tudo o que não é do jeito que eu quero que seja.

Mas se eu penso assim, será que a culpa é minha? Ou se é do meio em que vivo, da educação que recebi? Se for isso, como é que eu estou aqui criticando, malhando os caras como o "boy", aí de cima?

Mas eu não consigo conceber isto, eu acho anormal um cara ser como ele (ou serei eu o anormal?). É completamente errado, atrasado, ignorante, sei lá o que mais!!!

E é aí, que eu volto a me perguntar: SERÁ QUE EU SOU UM MONSTRO????

KICÔCO

TOMMY a ópera-rock THE WHO

Tommy é algo que realmente se pode chamar de obra de arte da cultura *pop*. Na verdade a intenção do The Who ao fazer a *opera-rock* não foi fazer obra de arte e sim anular os resultados de uma série de fracassos de compactos lançados pelo grupo, a partir do sucesso que não foi a música *I Can See for Miles*. E ao mesmo tempo realizar um velho sonho de Kit Lambert, excelente produtor do álbum duplo. Conseguiram o sonho, e que ele fosse sucesso, realmente merecido, aplaudido pela crítica musical e pelo público, inesperadamente americano, se o álbum foi feito principalmente para o comprador inglês. Estranho o mercado da música! O *rock* surgiu na América, mas os melhores conjuntos são ingleses (The Who, Pink Floyd, Led Zeppelin, Rolling Stones, Hendrix) e os maiores admiradores americanos.

Tommy não é um amontoado de amplificadores, estridentes e barulhentos ao ouvido do admirador. Está muito perto da limpeza do LP posterior, o Who's Next, sem porém a técnica e a pesquisa de som que existem neste último.

A ópera é uma estória diferente e estranha, mas com grande mensagem. Um menino que fica cego, surdo e mudo ao ver seu pai matar o amante de sua mãe. Criado com maldade e com LSD, graças ao seu primo e seu tio. Mas que visões alucinantes pode ter uma pessoa que quase nunca enxergou na vida? Mas Tommy torna-se um sá-

Townshend

RECADO DO LEITOR

bio, consegue ser divino pela sua inocência. Quando consegue curar-se é aclamado constantemente pelos discípulos, mas no fim de tudo é esquecido e renegado.

Por que a divindade de Tommy? Estou certo de que The Who não queria criar nenhum mito com esta estória. Na música *Christmas,* Pete pergunta como podem os homens que nunca viram a luz serem iluminados? Tommy se ilumina tentando ser campeão de bocha, isto é, tendo um objetivo inocente e inofensivo. Quando em *Pinball Wizard,* Pete diz "este menino certamente joga o fina da bocha. O que o faz tão bom? Ele não tem distrações, não pode ouvir estes zumbidos e sinos. Não vê relâmpagos faiscando e nunca sequer resmunga" ele quer dizer: Tommy não recebe más influências do meio-ambiente, por isso tem maior possibilidade de se tornar iluminado. Ele só consegue enxergar a si mesmo, diante do espelho, até que este espelho é quebrado e Tommy tenta viver, mas é renegado.

Com tudo isso Tommy quer dizer que ele existe e quer viver e por isso suplica e ordena na área "See me...": Vejam-me, sintam-me, toquem-me, curem-me.

A maioria das composições são de Pete Townshend. Apenas uma é de Sonny Boy Williamson (que é?), outra de Keith Moon e duas de John Entwistle, que falam da malvadeza do primo e do tio para com Tommy. Engraçado que as outras músicas de John, fora deste disco, contêm um toque malvado.

O disco não tem grandes recursos técnicos. O que o faz tão bom são os recursos musicais do Who. Por exemplo, nas músicas *Amazing Journey, Sparks,* e *Underture,* os acordes e alguns sons da guitarra, e os repiques estranhos e violentos da bateria, dão a sensação de visões alucinantes e êxtase.

Os instrumentos são os mesmos de sempre, apenas John toca corne francês na abertura, que Pete considera muito formal para uma ópera, mas acho que não poderia haver coisa melhor.

Há pequenas falhas de gravação. Em *Acid Queen,* a bateria quase não aparece em uma vitrola de pouca potência, é encoberta pelos outros instrumentos. E este é, talvez, um dos melhores arranjos que Keith já fez.

Pete Townshend quase não faz solos complicados, como de costume. Há 24 faixas no álbum e Pete deve fazer uns 7 ou 8 solos, porém na maioria deles sempre acompanhado da guitarra-ritmo ou violão, onde entram 2 canais de gravação.

John Entwhistle atua no baixo elétrico o suficiente para dar massa ao disco, com perfeita execução, sem grandes destaque, exceto na música *Sparks,* onde faz do baixo um contra-solo de grande participação, e em outros poucos momentos.

O que mais se destaca no disco é a bateria de Keith Moon e a voz de Roger Daltrey. Keith não é apenas um ótimo baterista. Ele dá uma vivacidade e ritmos tremendos a qualquer música em que estas qualidades são cabíveis. Keith não marca apenas a batida do ritmo. Ele usa de constantes repiques e do prato quase sem parar, sempre com a violência e intensidades certas.

O vocal do Who foi considerado pela Cash Box como o melhor de 71 e realmente, Roger Daltrey é um dos melhores cantores da atualidade.

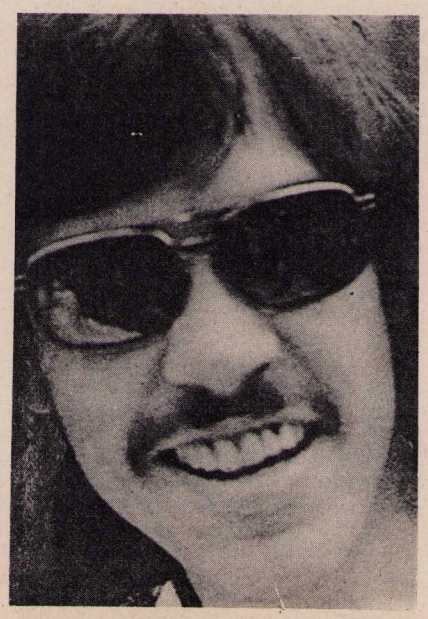
Sua voz doce e angustiante chega a anular os tons de maldade existentes em algumas músicas. Não há grandes momentos de lirismo porque a letra não o exige, mas Daltrey dá um tom de tristeza e sentimentalismo inconsciente à *opera-rock.*

Seguida de *Overture, Amazing Journey e Acid Queen,* a melhor faixa é *Pinball Wizard,* a preferida de Pete.

Depois de *Pinball Wizard* surgiu muita coisa, mas é uma das únicas canções que se encaixa perfeitamente no estilo criado, acho que definitivamente, pelo último trabalho do Who, o LP *Who's Next.* Reparem e vocês perceberão. Os sutis solos roucos da guitarra com distorsão, a limpeza, o ritmo, e até mesmo o vocal.

Tommy tem quatro anos de vida, começou a nascer em 67, foi lançado nos EUA e Inglaterra em 69, e para variar só chegou ao Brasil em 71, mas sua importância no mundo do *rock* não diminuirá com o passar do tempo. Foi a primeira *opera-rock* que se conhece. Só depois de Tommy que apareceu *Superstar,* de Tim Rice, e uma outra do Frank Zappa. É o primeiro trabalho sério que fez sucesso do grupo mais esquizofrênico e agressivo depois dos Rolling Stones.

WALDIR ANTONIO BIZZO



John Kay

O UNIGÊNITO

Um branco que soa como negro não é novidade, mas alguém que convence é!

Este é o caso de John Kay, o todopoderoso ex-Steppenwolf, agora estreando como solista em *Forgotten Songs & Unsung Heroes,* lançamento da etiqueta Dunhill americana.

Ao ouvir pela primeira vez *The Pusher* (*O Traficante,* percebi que o cara tinha vindo para ficar, foi uma integração total, divina, algo digno de uma Ode.

Forgotten Songs (*Músicas Esquecidas*) não traz nada de novo em matéria de som, mas surprende pela simplicidade e vigor de seus arranjos (marca registrada do saudoso quinteto), tendo neste álbum inclusive a presença de dois ex-integrantes do antigo grupo, Kent Henry e George Biondo, o que nos faz sentir que este, apesar do seu enterro, ainda está mais presente do que nunca.

A primeira faixa *Many a Mile* é uma velha canção americana de Patrick Sky com arranjos de Kay. Nessa música (onde predomina o magnífico trabalho da guitarra acústica do cantor), a voz do Lobo sai limpa e doce, como se este uivasse para a Lua e as estepes de seu íntimo radical. Note-se também a vibrante atuação do baterista Penti (Withey) Glan, que estréia com Kay pela primeira vez.

Walk Beside Me em contraste com a primeira, é uma composição recente de Kay, sendo forte a influência country nessa melodia, que apesar de não ser das melhores deixa-nos embalados pela sua bela voz.

A terçeira faixa *You Win Again* é uma beleza, jamais pensaria ouvir uma melodia tão batalhada pelo tempo como essa, em tão lírico arranjo (lembra muito *I Cant Stop Loving You*), com Kay transportando-nos a remotos tempos.

To Be Alive encerra o *side one,* dominação total da acústica de Kay, com momentos brilhantes do enorme potencial vocal do velho Lobo.

O lado *dois* começa com *Bold Marauder* de Richard Farina, melodia um tanto monótona, e *sui generis* no estilo de Kay, não chega a empolgar muito.

Já em *Two a Kind* do próprio Kay, a gente se encontra novamente com o velho Lobo, uivando a sua nostalgia para os confins de nossa sensibilidade (*You had a away that made me stay*), com Richard Podolor dando uma força com seu órgão e bandolim, (sem chegar a turvar a acústica de Kay), que soam tristes como um lamento. Esta faixa é sem duvida nenhuma uma das melhores coisas que Kay já gravou, um verdadeiro uivo, Fascinante. Note-se ainda a incrível lembrança de Janis em certos momentos, e isso sem fazer comparações, Divina.

Walkin Blues recorda-nos o Lobo em sua brilhante fase com o Steppenwolf, harmonia, estilo, dicção, tudo lembra o grupo morto.

Em Somebody, outra melodia de Kay, apresenta-se a oportunidade para os outros elementos do grupo (como o baterista Penti) mostrarem um pouco de seu valor com Hugh O' Sullivan dando o recado no piano e órgão elétrico.

I'M Movin' On de Wank Snow encerra o disco, esta inclusive é uma velha conhecida de nós brasileiros, principalmente para os admiradores de Ray Charles, tendo sido gravada até pelos Stones, tendo Kay solando uma guitarra elétrica de parceria com Kent Henry na acústica.

Nada mais posso falar sobre este magnífico cantor, que se dá ao luxo de matar um grupo como o seu, para autoafirmar-se em conhecimentos s/política e ver até onde um cabeludo pode chegar, um verdadeiro neo-snob, unigênito, um verdadeiro LOBO DA ESTEPE.

JAYME SARMENTO

POR UM TEATRO MÍSTICO

Há uma arte a ressurgir. Que é uma arte? Um pensar que se modela numa forma de autoconhecimento de um povo, de uma massa.

Não queremos, entretanto, um pensar racional; reagimos em expressões sociais contra isso. O coletivo é instintivo. O coletivo é o animal. O coletivo é o pré-lógico.

O povo quer um "tecnicolor" hollywoodiano, sabendo não se ser Hollywood. O povo quer **rock**, a despeito de dever (?) ser positivismo. O coletivo tem os sentidos despertos.

O Ideal: algo assim como aquele infantil sentimento religioso. Queremos o Paraíso. Nem precisamos ler **A Divina Comédia** para nos convencermos disso.

Entre a náusea e a liberdade existe um recolhimento "uteral" que é como o torpor da passagem. Esta cela, este sistema racional é o que chamamos consciência.

O Real: algo assim como a identidade do ser individual com o mundo. Identidade não ao nível estrutural do ser individual, mas sim ao nível da concepão do mundo como liberdade.

Uma mística do grande "outro" é o que nos revela o diálogo, a palavra do corpo humano.

Todo o teatro é um ato de fé. Todo espectador é religioso e todo ator sacerdote. O autor? Significa o pensar racionalista, a tese, o afastamento da vivência daquela religiosidade.

O defeito de nossa religião teatral é que ela não é religiosa. Vai-se ao teatro para se sentir seguro junto a iguais, para exibir-se o casacão europeu, para sublimar-se o que quer que seja; mas não se vai ao teatro para rezar.

O teatro religado: um ritual que nos bota na presença de Deus — criador para além do humano — e da liberdade — o "outro" (ator) que expressa seu corpo na cerimônia. Daqui para adiante não se justifica mais a Broadway. O teatro é como um centro de candomblé; dificilmente será freqüentado por quem não é enormemente crente.

Disponham as velas entre os fiéis. Que o fogo eterno penda do teto. Que a dança se espalhe. Estamos aqui para isso, e para todo o resto.

Acabemos com o teatro do absurdo em prol do absurdo do teatro.

Mas, sobretudo, não abandonemos nossos templos, nossa liturgia: o ritual é um repetir-se em que temos o ser e assim, mantendo-o na memória, o temos com liberdade, com nossa abertura à transcendência.

Caríssimos irmãos: reunamo-nos e façamos teatro!

HUMBERTO MACHADO

CARTAS

Amizades,

o **RS** está ótimo. Vocês poderiam, por favor, mandar-nos a letra e a música da **Quero Botar o Meu Bloco na Rua.** Se possível, muito obrigado.

Luis Stevanatto
Itapira, SP

Amizades,

gostaria de perguntar: o disco do Jethro Tull — **Thick as a Brick** — na edição nacional vem com o jornal da edição americana? Led Zepellin 5 sairá quando? E Joe Cocker? Queria que aparecesse mais a seção **A Palavra do Rock** com letras de Led Zepellin, Alice Cooper e outros.

Henri Aboutboul
São Paulo, SP

— Thick as a Brick **você já viu que veio sem o jornal. Led Zep 5 e Joe Cocker estão pintando.**

Alô Pessoal,

eu aposto que ninguém compra ROLLING STONE por causa de Horóscopo. Nos primeiros números vocês falavam sobre aparelhos de som, o que é formidável, pois somente às quartas-feiras no **Globo** consigo ler alguma coisa sobre o assunto. Horóscopo, ao contrário, qualquer banca tem 100 tipos diferentes de revistinhas. Por isso, voltem a publicar aquela coluna sobre aparelhos sonoros com ou sem Horóscopo na revista. Falou?

Homero Meirelles Junior
Rio de Janeiro, GB

Caras,

está cada vez melhor a curtição do ROLLING STONE em matéria de reportagens, som e transas gerais. Mas para completar vocês poderiam publicar **posters** com: Stevie Wonder, Joe Cocker James Taylor, Jimi Hendrix, Marc Bolan, Mark Farner (Grand Funk). E também alguns conjuntos brasileiros que são também um tremendo barato. Por exemplo: Os Mutantes, A Bolha, Módulo Mil, e também muitos outros.

Eloísa André
Rio de Janeiro, GB

Irmãozinhos,

por que tem gente que insiste em atacar o **RS?** Inveja? Pra mim o jornal de vocês tem a melhor equipe já reunida num jornal **underground** desde que essa transa existe por aqui. Basta dizer que tem o trio Maciel-Joel-Ezequiel que pra mim é um ajuntamento muito louco. Maciel, o chefe índio; Joel, o Don Quixote da era atômica e Ezequiel, a besta dourada do Apocalipse são na minha opinião as três grandes revelações da imprensa subterrânea brasileira em sua trajetória curta mas maravilhosa. É isso aí.

Ana Lúcia Sabóia
Cos Velho, GB

Alô, amizades:

queria ver se dava pra vocês publicarem aí algumas dicas pra quem tá muito a fim de curtir totalmente a Estrada. Pra quem não agüenta mais essa vida. Pra quem inevitavelmente vai ter que dar o fora. Pra quem a família, o colégio, a burguesia, não representam mais nada de nada. Pra quem precisa encontrar uma razão de viver que seja mais pura e simples que esta.

Vou parando por aqui pois vocês já devem ter sacado a minha grilação que é a mesma de tantos outros malucos por aí.

Ivan
Florianópolis, SC

Terrestres!

Em vez de jogarem esse bundão do Elvis na capa por que não a Janis Joplin, Led Zepelin e Jimi Hendrix? Pode ser que já tenham jogado mas só comecei a me ligar no **RS** desde o número 27 e sei que perdi muita coisa.

Tina
Botafogo, GB

Perdeu mesmo, Tina, mas dá pra pegar andando...

HORÓSCOPO

De 28 de novembro a 4 de dezembro de 1972.

FOGO

ÁRIES: semana em que as viagens são favorecidas e a comunicação assume papel importante. A espiritualidade pode ser desenvolvida nestas viagens. Assuma seu inconsciente ao transar no casamento. Espírito de aventura e amor estão ligados à experiencia mediúnica. Uma natureza ardente, integrada à atividade exterior, com as energias relaxadas e espírito combativo será a constante em sua vida agora. Aproveite para transar o conhecimento e proximidade da morte. Dia 30 lhe dá as melhores vibrações de sensibilidade para usar no casamento ou ligação conjugal. Dia 3 aumenta a sensibilidade mediúnica, facilitando as transas astrais. Aproveite para decidir o rumo a tomar em termos espirituais. Semana superfavorável, sem nenhum bode.

TERRA

TAURUS: semana em que a transa astral é bem importante. Tudo muito favorável, nenhum grilo. Sensibilidade espiritual, desejos impetuosos a serem usados no trabalho e em casa, independência e afeição forte no casamento. Natureza passional, perceptiva, integrada à atividade exterior. A busca do inconsciente está ligada ao trabalho e ao lar. Dia 30 você recebe um bom fluxo de sensibilidade para usar no trabalho e em casa. Parece que este é também um ponto central de sua vida durante a semana. Dia 3, o fluxo sensível recai no casamento, podendo criar climas intensos de afetividade e amor. Aproveite, que toda a energia vai estar concentrada nesta ligação amorosa ou casamento, podendo resolver qualquer problema antigo. Cuide da saúde.

AR

GEMINI: semana em que o casamento ou ligação com o outro é o papel principal em sua vida. A espiritualidade estará ligada a isto, enquanto as paixões serão tomadas muito a sério. Aproveite a eficiência que vai pintar para atuar no trabalho e em casa. Pode se recuperar de alguma doença. O amor também estará ligado ao trabalho. Natureza pesquisadora, menos sensível do que o normal, preocupada com o trabalho e a transação em casa. O intelecto está estimulado, principalmente em relação a paixões e prazeres. Dia 29 traz sensibilidade para a relação no lar materno. Dia 2 favorece a curtição de paixões e prazeres, podendo surgir um romance grande. Dia 4 sensibiliza o intelecto, favorece o trabalho e a casa. Semana de excelentes vibrações, sem nenhum grilo.

AGUA

CANCER: o trabalho e lar assumem maior importância, ligando-se ao espiritualismo e à busca de raízes no lar materno. Amores impetuosos; 28 favorece as transas loucas e otimistas no cotidiano. Não é bom para interiorização; 29 favorece o intelecto e comunicação diária, além da loucura; 30 é ótimo. favorecendo a transa no lar materno, com afeto, impulsividade, sensibilidade e passionalismo. Dia 1º dá estímulo à influência paterna e aprofunda o relacionamento com eles. Cuidado com os preconceitos; 2 é ótimo, começando a curtir, primeiro com a família e depois na geral: cuca, aventura, amor e espiritualidade; 3 bom para curtir todas, divertir-se, apaixonar-se, brilhar, espiritualizar-se; 4 traz vibrações boas para curtir cuca e energia espiritual no trabalho e no lar.

FOGO

LEO: semana de curtição, onde tudo é paixão e prazer ligado à espiritualidade, sempre em busca de sensações e novidades diárias. Amor pela cidade de natal ou ligado à família. Procure agir coerentemente, tendo um fim em vista, principalmente no que concerne à família. Dia 30 acrescenta sensibilidade à sua busca de sensações e novidades, dando-lhe senso comum para transar mais fácil e intensificando os sentimentos. Aproveite para se comunicar com as pessoas à sua volta, em especial aquelas que vê todos os dias. Dia 3 traz sensibilidade para a transa no lar materno, tornando-o mais intuitivo e aumentando a influência de sua mãe.

TERRA

VIRGO: a transa com a família rece be fluxos positivos durante esta semana, principalmente em nível espiritual. Muitas fontes de renda, enquanto as considerações financeiras podem sobrepujar outras coisas. Determinação e independência, apreciação das boas coisas e prazer serão as características dos dias. Natureza astuta e crítica, a fim de transar muito no cotidiano, cheia de idéias loucas, que podem ser usadas para ganhar dinheiro. Dia 29 lhe dá muita sensibilidade, aumentando seus encantos pessoais. Dia 2 favorece os lucros através da mãe ou de comodidades públicas. Dia 4 aumenta a imaginação e facilita a comunicação. Semana toda positiva, sem grilo.

AR

LIBRA: a comunicação com as pessoas ao redor, cartas e mudanças são o que recebe mais fluxos positivos durante esta semana. Sensibilidade espiritual está ligada a tudo isto. Dê de beber à sua sede de experiências. Poderá ganhar dinheiro com casamento ou mulheres, máquinas e armas. Natureza possessiva, preocupada em ganhar dinheiro, em busca de sensação e estravagante. Estimule as afeições, torne-se bem afetivo e dê vazão ao passionalismo. Tudo refinado, em termos de afeto. Dia 30 aumenta sua sensibilidade, dando maior importância aos sentimentos. Dia 3 favorece os lucros com líquidos. Aproveite bem a semana que está ótima, sem nenhum grilo: as melhores vibrações!

AGUA

SCORPIO: semana favorável aos ganhos, compras e vendas, principalmente ligadas a sonhos e especulações. Satisfaça o desejo vital que está pintando, para entender o significado da vida. A busca de harmonia e independência é o ponto mais importante de sua personalidade, além de adaptabilidade bastante desenvolvida. Natureza forte, vontade firme, impulsividade, muita energia intensificada e determinismo, servem para jogar sua Unidade interna em confronto com o Karma e entendê-lo completamente, superando-o. Dia 30 intensifica os sentimentos e o faz buscar sínteses. Dia 2 o torna imperturbável, dando-lhe grandes potencialidades, principalmente artísticas. Semana ótima.

FOGO

SAGITARIUS: até seu aniversário, os 30 dias anteriores são os piores do ano. Inferno Zodiacal. Procure espiritualizar-se, que é uma boa para você. Satisfaça a necessidade vital de amizade. Sensibilidade emocional e uma tendência a transformar tudo em vantagem pessoal constituem seu Karma, e você deve superá-lo. Consciência expandida, preocupada com ganhos, que podem vir com viagens ou comida. Entusiasmo temperado no casamento. Confusão na relação com os amigos, principalmente no começo. No final, aumenta a generosidade, expande as afeições e as energias. Dia 28 aumenta a ambição no trabalho e na realização profissional. Dia 30 melhor não confiar tanto nas pessoas, que pode haver escândalo. Dia 3 lhe dá responsabilidade emocional para sacar os grilos.

TERRA

CAPRICORNIUS: os 30 dias que antecedem o aniversário são os piores do ano, quando tudo parece dar errado. Agüente firme que depois passa. Contemplação o ajudará a sacar seu Karma. Cultive independência para se realizar. . Ideais de irmandade e desejos fortes serão importantes para o relacionamento com os amigos. Natureza adaptável, às vezes inoportuna, que deve voltar-se para o trabalho, lar e saúde. Espírito bonachão, mas tome cuidado para não enterrar seus talentos. Concentração estimulada que pode ser usada para a realização profissional. Dia 28, aumenta sua imaginação, tornando-o utópico e sonhador: não viaje. Dia 1º propicia mudança de ocupação e aumenta a sensibilidade no trabalho. Dia 3 pode dar em escândalo com amigos por aumento de críticas suas.

AR

AQUARIUS: semana favorável ao relacionamento com os amigos, quando pintará ajudas e proteções. Procure relacionar-se idealisticamente. Curta filosofia e religião, ou então viaje, que satisfará suas necessidades vitais. No trabalho, seja social e conquiste aquilo que quer. Natureza apreciadora de coisas belas, será melhor buscar novos horizontes. Concentração estimulada para curtir suas viagens e paixões. Procure desenvolver o instinto criativo, pois ele anda meio suprimido. Entusiasmo vivificado gera indisciplina complacente em relação aos seus grilos e Karma. Dias 28 e 29 lhe dá uma atitude resignada em relação à morte, aumentando a imaginação. Dia 1º lhe traz crenças sinceras e favorece viagens. Dia 3 também favorece viagens e o torna impressionável.

AGUA

PISCIS: semana favorável à sua realização mundana que lhe dá uma forte consciência, aspirações altas, e procura vital do sentido da vida. Independência de pensamento e devoção serão desenvolvidos em viagens, bastante realizadoras. Natureza idealista e filosófica, voltada para a consecução de seus anseios profissionais. Sensibilidade intensificada, energia relaxada, inspiração e contemplação. Dia 30 lhe aumenta a sensibilidade, inflando os sentimentos e facilitando experiências mediúnicas, ou contato com a morte. Dias 2 e 3 favorecem as viagens, tornando-o profético e altamente sensível. Semana muito favorável, em todos os sentidos, que deve ser aproveitada para alcançar seus objetivos ou viajar loucamente.

SHEILA SHALDERS
TELMO DE JESUS

SERVIÇO

Classificados de Graça

You must speak english man! Eu ensino, e como a gente precisa comer enquanto o sol não brilha, é 25,00 a aula. Experiência, diplomas, blá blá blá, blá blá blá. Procurar na rua Buarque de Macedo, 62/701, Flamengo.

Americano vende seu amor: guitarra com alavanca, estojo, cordas de reserva Gibson, incrível!! Buarque de Macedo, 62/701, Flamengo. Flávio ou Richard.

Transo equipamento fotográfico em perfeitas condições, constando de 1 câmara Pentax Spotmatic Fl 4 com teleobjetiva original de 200 mm f5.6, 1 conversor-triplicador, 1 duplicador de slide, jogo de filtros (amarelo, verde, skylight), 1 tripé profissional Minette (também para filmadora) e maleta original Pentax, dificilmente encontrada no Brasil. (Tania, tel.: 246-0433)

1) O Adriano da Free Press— Frágil Cia, está muito a fim de transar um Phelpinha p/baixo. Quem estiver a fim de transar é só pintar na Frágil, R. Farme de Amoedo, 76-A.

2) Olha aí rapaziada! O Bruce anda a fim de descolar 2 caixas Tundersaund, quem estiver a fim de transar, procurar João (Black John) ou Adriano na Free Press, Rua Farme de Amoedo, 76-A.

3) O pessoal da Banda Eufórica, procurando casa para futuras transas, a preferência é Santa Teresa. Qualquer interessado em transar, passar na Free Press— Frágil.

Troco ou vendo caixa metálica Ludwig por amplificador de mais de 50 watts ou Cr$ 800,00. Chamar Luiz — 221-2570, de 12 às 17 h.

O lance é o seguinte: tenho um amplificador de som, e quero transar, mas, quero me adiantar nessa grana e ao mesmo tempo, adiantar o que comprou, portanto, se for possível me publiquem o que segue abaixo: amplificador grande, de 40 watts de saída em canal (2), plugs para adaptar juntos ao mesmo tempo, gravador, 3 microfones, toca-discos, toca-fita, rádio, misturador de som, e muito mais. Tô a fim de vender para pessoa que esteja começando a fazer som, ou teatro, preço Cr$ 150,00. Pedrinho: Av. Brasil, 1.505, ap. 05, Porto Alegre, é urgente a transa toda.

Bichos aí do **RS,** espalhem por todos os lugares que vs. puderem, que existe um cara que quer, de qualquer jeito debandar da família e entrar pra uma comunidade. Tenho fé. Eu preciso mesmo é sair daqui, dessa merda. Espero resposta. Marco. R. André da Rocha, 171, ap. 22. Aguardo ansioso amigos.

Tô numa transação louca, quero trocar: Elton John Tumbleweed Connection, Jimmi Hendrix — **Bold as Love,** um bolo de compactos, discos de efeitos sonoros, por discos de Ravi Shankar — Sell Out The Who. Jerry Lee Lewis, Alice Cooper. Troco também discos por ns. de 0 a 18 do **RS.** Tel. para Dan. 236-1336.

Ben Elkis — Bicudo te procura urgente. Babão Casa — 16 de Dezembro. Venha ao Rio.

Troco discos do Johnni Winter And, em bom estado por Carney, do Leon Russel. Procurar por Antônio José, Rua Pompeu Loureiro, 32, ap 804, Bloco B.

Vendo um baixo super-sonic, novo por Cr$ 400,00. Motinha, R. Haddock Lobo, 137, c. 7.

Bichos ligados em eletrônica, atenção! Tô transando em Multitester Sanwa 320 — jóia, sem uso, na embalagem. Quanto? Só 200 crusas à vista (metade do preço normal). Motivo? Desisti da profissão. Transar com Regis, Rua dos Andradas, 393, ap. 11. P. Alegre.

Vendo uma luz negra de 125 watts (sem o transformador) made in Holland ou transo a lâmpada por discos ou ainda por um macacão Lee novo ou em bom estado, procurar Paulo César tel. 246-2035.

Vendo uma guitarra Begheve com distorcedor por Cr$ 500,00, e um sax Alaconte (francês) Cr$ 500,00, telefone 261-4244 — José. GB.

Troco o último LP do Ginger Baker — Stratavarious (novinho em folha) pelo Ginger Baker's Air Force vol. 1, transo também o Savoy Brown — Hellbound Train (importado é claro) por outro de rock da pesada ou seja: Cream, Ten Yars, MC5, Cactus, falou? Vendo ou troco também: Tap Deck National Mini K-7 com auto reverse, noise selector, fitas de rock, samba etc.... por apenas 3.000,00, se for para trocar, só por um Tape Deck de Carretel — Sony, Teac ou Akai, mas prefiro vender. Comprando o lote, já é outro papo. Maurício, tel. 52-2345 — 52-9015 SP.

Olha aí rapaziada, três loucos estão ensinando Guitarra, Violão e Tumbadora a domicílio ou em nossa casa: R. Dr. Ricardo Batista 103 — Bela Vista SP.

"Ira Carranca Studio" som divino maravilhoso em gravações. [illegible] neiras griladas com som do momento (gravo C-60 e C-90 só), dando a fita o preço 15,00 e não dando é 25,00. Procurar Ari das 19 às 20 hs somente aos sábados e domingos, tel.: .... 2458710.

Eu quero pedir pra vocês botarem um classificado meu, porque a barra continua pesada. "Matemática e Física não são coisas pra louco, mas se você é, melhor. Transo aulas. Sérgio — Tel.: 2640248 — à noite.

Lançamentos

LPs Internacionais

Ramatan (Atco)
Yes — Close To the edge (Atco)
Foghat (Warner Bros)
Van Morrison (Warner Bros)
Malo (Warner Bros)
America (Warner Bros)
James Taylor (Warner Bros)
Bread — Guitar Man (Elektra)
Osibisa (MCA)

Compactos Simples Internacionais

Bobby Womack (U. Artists)
Danny Anderson (Cash Box)
We Five (U. Artist)

Compactos Simples Nacionais

Ary Cordovil (Copacabana)
Naire (RGE)

Compactos Duplos Internacionais

Genius of Music — Elton John (Young)

Compactos Duplos Nacionais

Vinicius — Bethania — Toquinho (Fermata)

Cartuchos e Cassetes

Eric Quince Tate
David Ackles
Geronimo Black
The Best of Otis Redding vols. 1 e 2.
Tomzé.

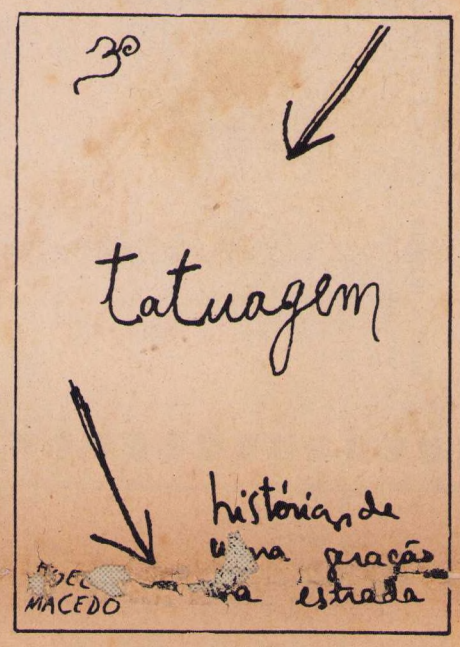
DIVULGUE TRANSE PROMOVA ROLLING STONE

ME SEGURA QUEU VOU DAR UM TROÇO — de Wally Sailormoon — Um livro prospectivo. Incremento para as novas gerações.

RS está interessada em entrar em contato com grupos (de indivíduos) para um trabalho de difusão do jornal e outras publicações da nova imprensa brasileira, em escolas, universidades, etc. Se você estiver a fim de ativar essa, venha conversar conosco. Leve *RS* a amigos, parentes e colegas. Procure (ou escreva):

ROLLING STONE
Dropê
Rua Visconde de Caravelas, 73
Caixa Postal n.º 9036 - Rio - Gb

ORION — Revista de contracultura.



TATUAGEM — de Joel Macedo — Estórias de uma geração na estrada.

DEPARTAMENTO DE ASSINATURAS
ROLLING STONE
CAIXA POSTAL n.º 9036 — Botafogo — Rio — GB —
Tel.: 226-1387
Envio anexo um cheque no valor de Cr$ .....
pelas publicações assinaladas abaixo:
☐ ME SEGURA QUEU VOU DAR UM TROÇO — Cr$ 10,00
☐ TATUAGEM — Cr$ 10,00
☐ ORION — n.º 2 — Cr$ 4,00
☐ ORION — n.º 3 — Cr$ 4,00
NOME .....
ENDEREÇO .....
CIDADE .....
ESTADO .....
NOTA: Os cheques devem ser emitidos em nome de CAMELOPARD PRODUÇÕES GRÁFICAS LTDA. e pagáveis no Estado da Guanabara.

GARANTA A SUA VAGA NO VESTIBULAR

Procure nas bancas a nova Revista

VESTIBULAR É FÁCIL

Testes e Gabaritos elaborados por professores membros de Bancas Examinadoras de Faculdades Oficiais e Particulares

1 LP GRATIS

com sua assinatura de

ROLLING STONE

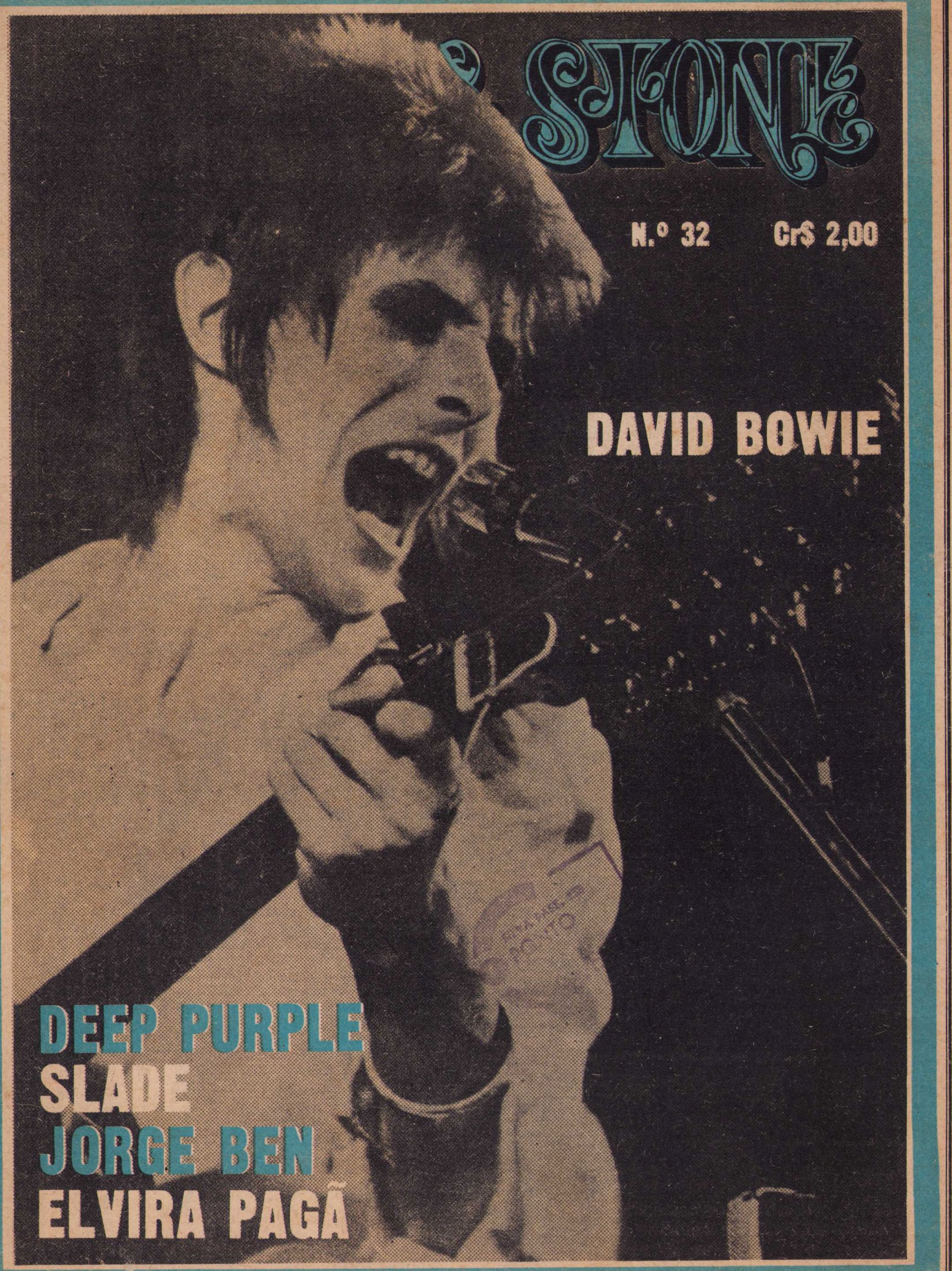
Ben — Jorge Ben

Departamento de Assinaturas
ROLLING STONE
Caixa Postal n.º 9036 — Botafogo - Rio — Tel.: 226-1387
Envio anexo um cheque por uma assinatura de ROLLING STONE mais um LP grátis.

☐ 24 números — Cr$ **42,00**
☐ 12 números — Cr$ 24,00

☐ **BEN**
JORGE BEN

NOME .....
ENDEREÇO .....
CIDADE .....
ESTADO .....

NOTA: Os cheques e vales postais devem ser emitidos exclusivamente em nome de **CAMELO-PARD PRODUÇÕES GRÁFICAS LTDA.** e pagáveis somente **no Estado da Guanabara.**

ATENÇÃO: Esta oferta é válida somente até **13 de fevereiro de 1973.**